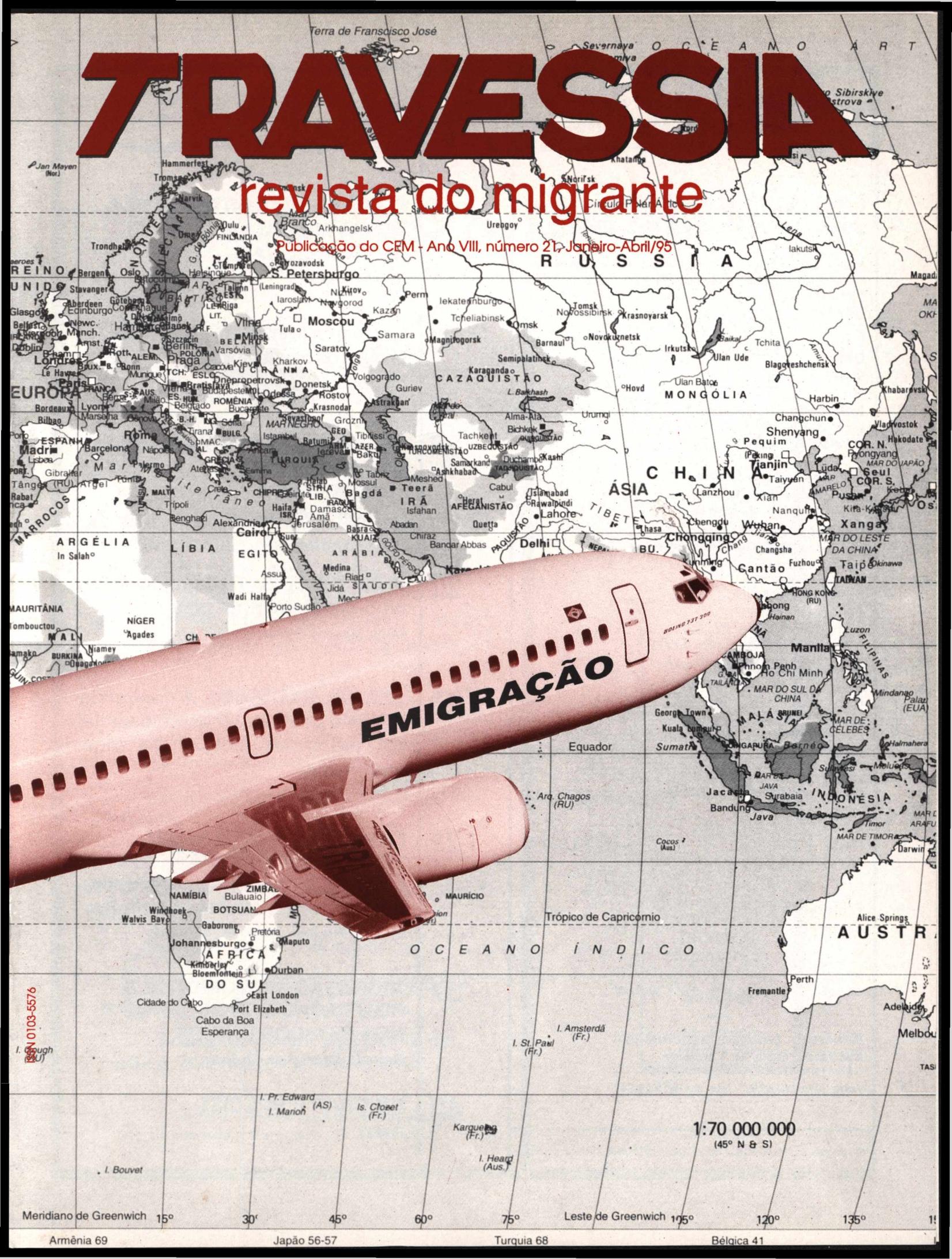


# TRAVESSIA

revista do migrante

Publicação do CEM - Ano VIII, número 21, Janeiro-Abril/95



EMIGRAÇÃO

1:70 000 000  
(45° N & S)

TEL 0103-5576

Meridiano de Greenwich 15° 30' 45° 60° 75° Leste de Greenwich 105° 120° 135° 150°

Arménia 69 Japão 56-57 Turquia 68 Bélgica 41

# TRAVESSIA

Revista do Migrante

## CEM - Centro de Estudos Migratórios (Federação dos CEMs J. B. Scalabrini)

Publicação quadrimestral, voltada ao estudo e divulgação da realidade do migrante a partir dos diferentes ramos do conhecimento: social, político, econômico, educacional, cultural, etc.

### Diretor

Sidney da Silva

### Editores

Dirceu Cutti  
Sidnei M. Dornelas

### Jornalista Responsável

Antonio Garcia Peres (MTB 3081)

### Conselho Editorial

Carlos B. Vainer  
Cláudio Ambrózio  
Francisco Nunes  
Heins Dieter Heidemann  
José Giacomo Baccarin  
José Guilherme C. Magnani  
José Jorge Gebara  
Luiz Bassegio  
Wanderluce Pessoa Bison

### Conselho Consultivo

Alfredo J. Gonçalves  
Edgard Malagodi  
Ermínia Maricato  
Hermilo E. Pretto  
Marilda A. Menezes  
Marília P. Sposito  
Milton Schwantes

### Capa

Arte: 2M Criação e Produção Gráfica Ltda

### Editoração Eletrônica

Dirceu Cutti

### Impressão

Gráfica e Editora Peres Ltda - F:011-709.1387

### Endereço para correspondência

Rua Vasco Pereira, 55 - Liberdade  
CEP 01514-030 São Paulo/SP - BRASIL  
Fone: (011)278.62.27 - Fax: (011)278.22.84

# ÍNDICE

## 5 O BRASIL NO CONTEXTO DAS NOVAS MIGRAÇÕES INTERNACIONAIS

*Teresa Sales*

## 9 A MINORIA INVISÍVEL: Imigrantes brasileiros em Nova York

*Maxine L. Margolis*

## 16 BRASILEIROS EM PORTUGAL: Novos movimentos migratórios ou volta às origens?

*Lúcia Maria Machado Bógus*

## 20 DEKASSEGUIS: Trabalhadores nipo-brasileiros no Japão

*Elisa Massae Sasaki*

## 23 SER VALADARENSE: A conquista de nova posição no espaço social e a "(re)territorialização" na origem

*Weber Soares*

## 28 EXPORTAÇÃO DE TENSÕES SOCIAIS NA AMAZÔNIA: *brasivianos, brasuelanos e brajolas -* identidades construídas no conflito

*Alfredo Wagner Berno de Almeida*

## 37 MIGRAÇÃO, COMUNIDADE E ADAPTAÇÃO DOS CUBANOS NOS ESTADOS UNIDOS

*Ernesto Rodríguez Chávez*

## 42 EMIGRAR É PRECISO

*João Rua*

*Os artigos assinados são de responsabilidade de seus autores*

# Cruzando fronteiras

**O** expressivo número de migrantes que deixaram o Brasil nos últimos anos, vem colocar uma série de questões relevantes para um país que em décadas anteriores era então considerado o país do futuro, passando a ser mais um entre outros a exportar o que possui de mais precioso, que é a sua força de trabalho no momento mais produtivo de suas vidas.

Em primeiro lugar, é preciso explicitar que tal fenômeno não é um fato isolado que afeta apenas alguns países, sobretudo os mais pobres, mas que cada vez mais tais movimentos migratórios adquirem uma tal magnitude e complexidade, envolvendo a todos em um processo que tende a assumir dimensões sempre mais interdependentes e globalizadoras. Neste sentido, as abordagens do fenômeno passam a incorporar perspectivas cada vez mais amplas, considerando-se os vários fatores que permeiam os movimentos migratórios no mundo moderno, tais como fatores macroestruturais, culturais, étnicos, religiosos, etc.

Assim sendo, neste número de *Travessia*, vários pesquisadores assumem o desafio de abordar a questão da emigração a partir de vários enfoques, discutindo os diversos aspectos que estes fluxos apresentam, como o perfil sócio-cultural dos que emigram, a sua ambígua inserção no mercado de trabalho dos países receptores, ocupando postos de trabalho muito aquém de suas qualificações, como também os significados que a emigração representa para muitos como uma forma de conquistar a tão desejada mobilidade social e de resistir ao processo de ruptura com as suas raízes.

Dentro do amplo espectro que a emigração apresenta atualmente, destacamos o fluxo de brasileiros para os Estados Unidos, Europa, Japão e países limítrofes sul-americanos, como também o caso dos portugueses e cubanos.

Certamente o esforço e a riqueza das análises que ora apresentamos não esgotam a complexidade de tão ampla problemática, mas vêm sem dúvida alguma estimular novos estudos, ampliando o debate sobre as razões pelas quais emigrar representa uma saída para milhões de pessoas no mundo, ainda que tenham que pagar um preço por isso.

*Sidney da Silva*

# BIBLIOTECA DE MIGRAÇÕES

O CEM (Centro de Estudos Migratórios), dispõe de um Centro de Documentação, com uma Biblioteca Específica de Migrações. Reúne livros, artigos, teses, monografias, revistas nacionais e internacionais, bem como periódicos que dizem respeito à questão migratória.

## Horário de Atendimento:

A Biblioteca está aberta ao público, de segunda à sexta-feira, das 8:30 às 12:00 hs.

## Temáticas do Acervo

MIGRAÇÃO INTERNA  
MIGRAÇÃO INTERNACIONAL  
IMIGRAÇÃO NO BRASIL  
TERRA  
URBANIZAÇÃO  
DADOS DEMOGRÁFICOS E ESTATÍSTICOS  
CULTURA  
ECONOMIA  
RELIGIÃO

*Solicitamos doações de teses e monografias atinentes ao tema Migração*

## CONHEÇA, LEIA E DIVULGUE

### TRAVESSIA - Revista do Migrante

Assine e Adquira os Números Atrasados

### Números Publicados

- 01 - Sazonais
- 02 - Cidade
- 03 - Fronteira Agrícola
- 04 - Violência
- 05 - Voto
- 06 - Barragens
- 07 - Cultura
- 08 - Trabalho
- 09 - Família
- 10 - Religião e Religiosidades
- 11 - Estrangeiros
- 12 - Educação
- 13 - Pena de Morte
- 14 - Migrar e Morar
- 15 - Tempo e Espaço
- 16 - Desemprego e Subemprego
- 17 - Imagens
- 18 - Novas Tecnologias
- 19 - Identidades
- 20 - Saúde

### Escreva ou telefone para:

**REVISTA TRAVESSIA**  
**RUA VASCO PEREIRA, 55**  
**SÃO PAULO - SP**  
**01514-030**  
**FONE: (011) 278.62.27**  
**FAX : (011) 278.22.84**

Escolha os números que deseja receber, faça você mesmo as contas e junto ao pedido envie um cheque nominal ao **CENTRO DE ESTUDOS MIGRATÓRIOS** no valor correspondente.

#### Valor da assinatura

- ( ) Ass. válida por 1 ano .....R\$ 7,00
- ( ) Ass. válida por 2 anos.... R\$ 14,00
- ( ) Ass. válida por 3 anos.... R\$ 21,00
- Número avulso..... R\$ 3,00
- Exterior (1 ano).....US\$ 20,00

# O BRASIL NO CONTEXTO DAS NOVAS MIGRAÇÕES INTERNACIONAIS

*Teresa Sales\**

Quando comecei a me interessar pelo imigrante brasileiro que vive e trabalha no exterior, ao impacto de encontrá-lo nas ruas e nos restaurantes e lanchonetes de Boston (onde fazia um estágio de pós-doutorado no ano acadêmico 1990/1991), eram raros os trabalhos e pesquisas sobre esse novo fenômeno da emigração de brasileiros para fora do país. Apenas a imprensa o retratava. Passados alguns anos e um contínuo aumento do fluxo de migrações internacionais de brasileiros, não apenas a imprensa multiplica suas notícias como começam a aparecer os primeiros resultados publicados das pesquisas acadêmicas (Sales, 1991, 1992,

1994; Goza, 1992; Margolis, 1994).

Ao escrever esse artigo, ao impacto da Conferência Internacional de População e Desenvolvimento que se reuniu no Cairo em setembro de 1994, somente a revista *Veja* (Ano 27, nº 36, 07/07/1994) dedicou ao tema 22 páginas ininterruptas. Imigrantes brasileiros vivendo nos Estados Unidos foi também o tema de abertura da novela de Gilberto Braga (*Pátria Minha*) e até de comerciais do recém-criado Plano Real. Torna-se portanto visível um fenômeno social até então pouco considerado no cotidiano da vida brasileira.

Nesse artigo, pretendo abordá-lo fazendo inicialmente algumas considerações

sobre os recentes fluxos de migração de brasileiros para o exterior, para em seguida abordar a questão do imigrante brasileiro nos Estados Unidos, motivo principal da pesquisa que coordeno atualmente.

## Os recentes fluxos de migrações brasileiras

Tivéssemos já disponíveis os dados dos Censos de 1991 relevantes para esse fim, e poderíamos ter algumas indicações numéricas desse novo fenômeno sócio-demográfico brasileiro. O simples fato de um contingente populacional menor do que o que seria esperado pelas projeções populacionais para aquele ano de 1991, bem como dados preliminares sobre sexo e estrutura etária da população, por si só têm sido cogitados como possíveis indicadores da evasão de brasileiros, o que é contudo uma aproximação ainda muito imprecisa do fenômeno.

Mais pródiga tem sido a nossa imprensa e até do países de destino dos fluxos migratórios brasileiros, que não têm se furtado de noticiar com muita frequência fatos e números em torno dos imigrantes brasileiros em outros países. Segundo essas fontes, calcula-se, por exemplo, 150 mil brasileiros no Japão, 100 mil em Nova York, 150 mil na Grande Boston, 330 mil nos Estados Unidos como um todo, 1,25 milhão que teriam deixado o país sem retorno entre 1985 e 1987 (uma evasão de quase 1% da população brasileira) (Sales, 1994).

Estamos fugindo de nossa década perdida pelos portões de embarque dos aeroportos internacionais. As migrações re-



Foto: Sidney da Silva

Brasileiros em Nova York

centes de brasileiros para os Estados Unidos, para o Japão, para Portugal, para a Itália e até para o Paraguai, são o retrato cruel de um Brasil que, se na passagem do século passado e primeiras décadas do atual recebia imigrantes que para aqui trouxeram o seu legado de técnica e cultura, agora, na passagem para um novo século, começa a exportar o que há de melhor em seu território: o seu povo. O retrato do brasileiro imigrante na imprensa (na pesquisa que coordeno sobre "O Brasil no contexto das novas migrações internacionais", mantemos um banco de dados sobre esse assunto) mostra sobretudo o Brasil clandestino do trabalho ilegal, da criminalidade e da discriminação sofrida nos outros países.

Na construção de uma nova ordem mundial marcada pela integração e pela flexibilização do mercado de trabalho, onde os imigrantes estrangeiros formam uma nova categoria de trabalhadores sujeitos às maiores explorações e falta de garantias trabalhistas básicas, o Brasil perde o bonde da história e se incorpora ao time dos países exportadores de mão-de-obra. São homens e mulheres jovens, com os quais o nosso precário Estado do Bem Estar gastou, de qualquer forma, em saúde e educação e que, no momento mais precioso de suas vidas, vão realizar um trabalho geralmente aquém de suas qualificações, envergonhados de sua condição clandestina. A diáspora brasileira provavelmente não tem retorno, a não ser na forma dos dólares que inflacionam mercados imobiliários nas regiões de predomínio dos emigrantes estrangeiros, das quais Governador Valadares é o exemplo paradigmático.

A história desses novos fluxos de migração de brasileiros tem especificidades, dependendo do local de destino para onde se dirigem.

Portugal, pela vinculação histórica de pátria-mãe e de uma corrente de migrações de portugueses para o Brasil, bem como pela indentidade linguística, e até por ser visto como uma porta de entrada para a Comunidade Econômica Européia, veio a se constituir num desses novos fluxos de migração de brasileiros. Não sendo a mais numerosa, foi talvez a mais controversa de todas as novas correntes migratórias, tendo causado inclusive incidentes diplomá-

ticos que num certo momento mobilizaram bastante a imprensa e a opinião pública brasileiras, em função sobretudo dos profissionais de odontologia lá radicados.

Não por acaso, é um dos poucos casos em que o migrante brasileiro de fato ameaçou a população nativa em termos de concorrência no mercado de trabalho, pois no caso de Portugal trata-se de um fluxo migratório do tipo que tem sido caracterizado na literatura como *evasão de cérebros*. Para Portugal têm migrado profissionais de vários campos de atividades, artistas, que lá encontram campo para exercer sua profissão. Há também um interesse de empresas brasileiras naquele país, como bem diz o jornal **O Globo** de 22/01/89: "A invasão brasileira começou com as novelas e vem aumentando nos dois últimos anos, com a emigração e o crescente interesse de empresas do Brasil em investir na antiga metrópole, de olho no Mercado Comum Europeu". A carência de profissionais capacitados, que tem sido provida em alguma medida pelos imigrantes brasileiros naquele país, *versus* as pressões da Comunidade Econômica Européia para que Portugal adote medidas restritivas em relação às migrações de suas ex-colônias, foi um conflito que esteve em cena durante os incidentes diplomáticos envolvendo Brasil e Portugal e que provavelmente vem acompanhando desde então as relações desses dois países.

Tal como acontece em relação aos demais fluxos migratórios brasileiros, também não se tem dados numéricos em relação a esse que se dirige para Portugal, a não ser em números aproximados divulgados pela imprensa. Segundo a **Folha de São Paulo** de 29/08/88, o consulado brasileiro em Lisboa contabilizava a inscrição de 1.706 imigrantes desde 1987. Extra oficialmente porém, falava-se em 15 a 20 mil brasileiros morando em Portugal, sendo a maior parte na condição de clandestinos.

O fluxo migratório Brasil-Japão, que tem um único ponto em comum com o fluxo Brasil-Portugal, no fato de terem sido ambos precedidos de migrações em sentido inverso, tem especificidades que o tornam um caso muito especial. Há antes de tudo uma questão racial e étnica muito relevante nessa corrente migratória Brasil-Japão, pois não migram indistintamen-

te brasileiros para o Japão, mas sim os descendentes de japoneses que migraram para o Brasil em décadas passadas. Essa é uma questão muito relevante, tendo em conta a intenção dos japoneses em conservar sua pureza de raça, conforme pude constatar em recente entrevista sobre esse assunto. A outra especificidade da migração Brasil-Japão é que é uma migração dirigida e incentivada pelo próprio Japão. O problema da clandestinidade, por exemplo, traço marcante da migração de brasileiros em outros países (como de resto, da maioria dos atuais fluxos migratórios) praticamente inexistente entre os brasileiros imigrantes no Japão, pois vão quase todos através de um contrato pré-estabelecido com empresas japonesas, com tempo delimitado para lá permanecer e regressar. Existe naturalmente o problema da clandestinidade de migrações no Japão, porém por parte de outras correntes migratórias que para lá se dirigem, como é o caso dos coreanos e chineses.

O fenômeno de *kasasegui*, como tem sido caracterizada a migração Brasil-Japão pelos próprios agentes do processo, em referência aos tempos remotos em que o termo era empregado para os emigrantes do Norte e Nordeste do Japão que se dirigiam para as regiões mais desenvolvidas como Tokio e Osaka à procura de trabalho (Sasaki, 1993), assumiu tais proporções, que o Japão chegou a promulgar uma nova legislação naquele país, a Lei de Controle de Imigração, em junho de 1990. Atualmente, o fluxo migratório Brasil-Japão é o segundo maior do Brasil, sendo superado apenas pelo fluxo Brasil-Estados Unidos. Calcula-se hoje em 150 mil o número de brasileiros *nikkeis* no Japão.

Um dos fluxos de migração do Brasil para fora de suas fronteiras e que em nada se assemelha aos demais fluxos que tomam vulto na década de 80, é a migração Brasil-Paraguai. Antes de mais nada, porque é um fluxo migratório bem mais antigo, tendo começado já na década de 60. E depois porque é constituído sobretudo de pequenos produtores rurais, que emigraram para continuar nessa condição camponesa no país de destino. O fluxo migratório Brasil-Paraguai é quase como um desvio de rota das grandes levas de migrações internas ocasionadas pela modernização agrícola

brasileira. Populações expulsas do campo pela implantação de novas tecnologias e cultivos se dirigem às zonas de fronteiras no Norte e Centro-Oeste do país, dirigindo-se uma parte desse fluxo para o Paraguai.

Enquanto o Brasil passava pelo processo modernizador e expulsor de população na agricultura, o Paraguai procedia a um plano de modernização econômica visando a sua maior participação no mercado externo, onde o grande destaque era dado às atividades na agricultura. Tenha-se presente que naquele período o setor primário representava em torno de 60% do PIB daquele país. Contando com incentivos do governo paraguaio, cerca de 350 mil brasileiros migraram nesse período para o Paraguai. Enfrentando dificuldades de toda natureza, inclusive muitos conflitos de terra com a população nativa, os brasileiros, ou "brasiguaios", como passaram a ser chamados, iniciam um processo de retorno e hoje calcula-se que o contingente de brasileiros no Paraguai, mesmo assim, ainda seja em torno de 290 mil. Apesar de mais antigo, também esse é um fluxo de migração de brasileiros sobre o qual se dispõe de poucos dados oficiais, sendo a atuação das pastorais da Igreja Católica uma das fontes de informação.

O fluxo migratório Brasil-Estados Unidos, tema da minha pesquisa, é talvez o espaço mais apropriado para entender o trabalhador brasileiro no contexto das recentes migrações internacionais, onde se configura um certo mercado de trabalho com características especiais. Tratarei desse assunto no item que vem a seguir.

## O Imigrante Brasileiro nos Estados Unidos

Apesar do título genérico que nomeia essa parte do artigo, meu referencial empírico se refere apenas a um dos locais para onde se dirigem as migrações de brasileiros para os Estados Unidos, que é a região da Grande Boston. Essa região tem recebido imigrantes de várias partes do Brasil, mas é sem dúvida o fluxo migratório Governador Valadares-Boston, aquele que se estabeleceu mais fortemente naquela região dos Estados Unidos. Outra marca importante desse fluxo migratório de brasileiros é que ele é constituído sobretudo de

trabalhadores que se integram no chamado mercado de trabalho secundário.

A hipótese da segmentação do mercado de trabalho (Portes, 1981; Piore, 1979) se baseia no modelo no qual o mercado é dividido em um setor primário e um secundário. Os migrantes se encontram sobretudo no setor secundário, sendo os empregos no setor primário largamente reservados para os nativos. Uma das explicações para esse dualismo do mercado de trabalho, que se sobrepõe à dualidade entre capital e trabalho, repousa na flutuação e na incerteza que são inerentes a toda a atividade econômica no mundo capitalista. Segundo Piore (1979), ao se organizarem e conseguirem estabilidade no trabalho, os trabalhadores estão na verdade atacando um sintoma e não a causa do problema, que reside justamente naquela flutuação e incerteza. O setor secundário constitui-se então como um meio de evasão, por ser o setor do mercado de trabalho que não é sujeito a restrições em dispensa de mão-de-obra e para o qual pode ser transferida a porção instável da demanda.

Os empregos no mercado de trabalho secundário são aqueles que requerem pequeno ou nenhum treino, estão na mais baixa escala de salários, oferecem pouca ou quase nenhuma oportunidade de mobilidade e são caracterizados por uma elevada rotatividade. Nesse mercado de trabalho, o papel do imigrante é menos o de aumentar o suprimento de trabalho, do que o de aumentar o suprimento de trabalho de baixo salário, pois é um trabalho "usado para preencher a base da estrutura ocupacional e, simultaneamente, para combater os esforços organizativos da classe trabalhadora doméstica" (Portes, 1981:281).

Tal como caracterizado acima, o emprego no mercado de trabalho secundário, existente já na produção de massa que caracterizou o sistema fordista de produção nas décadas que sucederam à IIª Guerra, sobretudo nos anos 60, tende a apurar suas características de instabilidade e insegurança no período recente de flexibilização do mercado de trabalho, pelo fato dessa flexibilização obedecer a uma lógica diferente. A especialização flexível é uma tese originalmente apresentada por Piore e Sabel (1984), que consiste numa resposta

à crise do capitalismo por meio de uma segunda cisão industrial caracterizada por combinar competição e cooperação, com aumento da eficiência e reorganização dos padrões sociais. Tal como a caracteriza Harvey, a acumulação flexível "apoia-se na flexibilidade dos processos de trabalho, dos mercados de trabalho, dos produtos e padrões de consumo. Caracteriza-se pelo surgimento de setores de produção inteiramente novos, novas maneiras de fornecimento de serviços financeiros, novos mercados e, sobretudo, taxas altamente intensificadas de inovação comercial, tecnológica e organizacional (...) Esses poderes aumentados de flexibilidade e mobilidade permitem que os empregadores exerçam pressões mais fortes de controle do trabalho sobre uma força de trabalho de qualquer maneira enfraquecida por dois surtos selvagens de deflação, força que viu o desemprego aumentar nos países capitalistas avançados (salvo, talvez, o Japão) para níveis sem precedentes no pós-guerra" (Harvey, 1993:140-141).

O ponto em comum entre o mercado de trabalho dual e flexível é que em ambos e nos dois momentos, o trabalhador imigrante tem sido uma peça chave para a demanda variável de mão-de-obra desqualificada. A presença de trabalhadores imigrantes, sobretudo dos trabalhadores imigrantes clandestinos, no mercado de trabalho dos países capitalistas avançados é decorrência, em última análise, de uma característica estrutural do capitalismo em suas atuais carências de mão-de-obra, na qual os trabalhadores subcontratados, os temporários, os trabalhadores *part time* - numa palavra, o setor informal moderno - seriam a expressão mais contundente da flexibilização da força de trabalho.

O imigrante brasileiro já encontra em Boston um mercado de trabalho com todas as características acima descritas. A migração de brasileiros que se dirigem àquela região dos Estados Unidos é uma migração típica de trabalhadores, que lá se incorporam sobretudo ao setor serviços. São em geral brasileiros jovens, provenientes da classe média, com nível médio de escolaridade e cujo emprego característico é nos serviços de baixa qualificação nos bares e restaurantes daquela região. Juntam-se

assim ao exército de trabalhadores imigrantes ilegais que os antecederam nesse tipo de mercado de trabalho. Para disfarçar a vergonha pelo emprego aquém de suas aptidões profissionais, apertuguesaram o termo em inglês e nunca dizem que trabalham como lavadores de prato, mas sim "na dish", que poderia ser vista quase como a situação de emprego paradigmática do imigrante brasileiro naquela região (Sales, 1991).

As dificuldades para obter visto de entrada para os Estados Unidos parece que não tem contribuído para arrefecer o fluxo. Têm feito, sim, aumentar as entradas clandestinas e as quadrilhas de falsificação de passaportes e venda ilegal do sonho americano. A clandestinidade parece ser uma das principais características da atual diáspora brasileira.

O brasileiro imigrante nos Estados Unidos, que ao começo do fluxo migratório para aquele país, em meados dos anos 80, só pensava em juntar dinheiro para depois se estabelecer em seu país, parece estar hoje mais realista quanto à sua condição de estrangeiro que foi para ficar, como tantos outros de seus irmãos latinos. Solidificou suas redes de apoio, por enquanto bastante centradas na sociabilidade religiosa; quando pode, tenta legalizar sua situação, envidando esforços para sair da clandestinidade (que é a condição predominante dos imigrantes brasileiros naquele país); e semanalmente, nas muitas lojas que negociam o sonho brasileiro - remessa de dólares, venda de passagens e bens de consumo tais como farinha de mandioca, leite moça e chocolate sonho de valsa - alugam fitas de vídeo-cassete com uma semana de programação do circo nosso de cada dia: as novelas e programas de maior audiência da Rede Globo.

Devido às próprias condições que motivaram de forma mais imediata os fluxos de emigração de brasileiros para o exterior - a recessão econômica, as esperanças e frustrações da chamada década perdida -, é possível que, a um momento conjuntural que se apresente promissor, se possam observar fluxos migratórios de retorno. Certo porém é que, uma vez estabelecido o fluxo, dificilmente ele regride totalmente. A tendência portanto é de continuidade, sobretudo levando em conta as redes

sociais e de mercado de trabalho já estabelecidas.

Os Estados Unidos como país de destino das migrações internacionais têm como um dos ingredientes intrínsecos a sua auto-representação como a terra das oportunidades, representação essa amplamente asentada nos pressupostos da competição individual. O suposto que está por trás da competição individual, por sua vez, é o da igualdade de oportunidades. Sem entrar no mérito da polêmica sobre esses próprios pressupostos (só para citar um exemplo, Myrdal já escrevia, em 1944, que os americanos têm tido em geral um forte comprometimento com a idéia de igualdade de oportunidades, desde que os negros estivessem fora da competição), vale assinalar que as primeiras abordagens das migrações internacionais foram por eles muito influenciadas. As migrações eram fatores que vinham a ferir aqueles pressupostos de igualdade de oportunidades. A solução preconizada era então a americanização dos imigrantes, ou a sua assimilação à sociedade americana.

A crítica mais radical a essa abordagem no estudo das migrações é aquela que enfatiza a ação coletiva e as redes organizadas de migração e mercado de trabalho. Dentro dessa perspectiva, as unidades efetivas da migração não são indivíduos nem famílias, mas sim grupos de pessoas ligadas por conhecimento, amizade e experiência de trabalho, as quais, de alguma forma, incorporaram a migração como uma alternativa possível a um momento crítico de suas vidas (Tilly, 1990). Daí porque as migrações não se dão de forma aleatória, mas se dirigem para aquelas poucas localidades com as quais seu lugar de origem tem fortes laços que constituem as tais redes sociais. Uma das formas de expressão dessas redes se traduz na ajuda mútua, como a moradia temporária aos que chegam e ajuda em conseguir trabalho. As remessas dos imigrantes aos seus parentes nos locais de origem em muito contribuem para solidificar mais ainda as redes, na medida em que essas remessas são fatores decisivos para a vinda de novos migrantes de uma mesma procedência.

Essas considerações sobre a importância das redes de migração e de mercado de

trabalho ajudam a compreensão dos recentes fluxos migratórios brasileiros. No caso da migração Governador Valadares-Boston, não são apenas as oportunidades pré-existentes em um mercado de trabalho aberto ao perfil do imigrante clandestino e desprotegido que contam para a continuidade do fluxo, mas também essas redes já estabelecidas. Dados que pude observar em minhas primeiras entrevistas exploratórias em Boston, como o crescimento do número e da tiragem dos jornais em português, o fato de que o imigrante brasileiro é menos indivíduo e mais família, a sua organização em torno das igrejas, são dados importantes que apontam para a continuidade do fluxo. Haveria contudo que realizar as pesquisas de campo em Governador Valadares e em Boston, contempladas pelo meu projeto, para poder quantificar e qualificar esse fluxo migratório.

\* Teresa Sales é Profª Livre Docente do Departamento de Sociologia da UNICAMP e Editora da Revista Brasileira de Estudos de População.

#### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- GOZA, F. "A Imigração brasileira na América do Norte", *Revista Brasileira de Estudos de População*, vol. 9, nº 1, jan-jul/1992.
- HARVEY, D. *A Condição Pós-Moderna*, São Paulo, Edições Loyola, 1993.
- MARGOLIS, Maxine L. *Little Brazil: Imigrantes Brasileiros em Nova York*, Campinas, SP, Papyrus, 1994.
- MYRDAL, G. *An American Dilemma: The Negro Problem and American Democracy*, New York, Harper, 1944.
- PIORE, M. *Birds of Passage: Migrant Labor and Industrial Societies*, Cambridge University Press, 1979.
- PIORE, M. and SABEL, C. *The Second Industrial Divide*, New York, Basic Books, 1984.
- PORTES, A. "Modes of Structural Incorporation and Present Theories of Labor Immigration". In: KRITZ, KEELY, TOMASI, *Global Trends in Migration: Theory and research on International Population Movements*, Center for Migration Studies, 1981.
- SALES, Teresa. "Novos Fluxos Migratórios da População Brasileira", *Revista Brasileira de Estudos de População*, 8 (1/2), jan-dez/1991.
- SALES, Teresa. "Imigrantes Estrangeiros, Imigrantes Brasileiros: uma Revisão Bibliográfica e algumas anotações para Pesquisa", *Revista Brasileira de Estudos de População*, 9 (1), jan-jul/1992.
- SALES, Teresa. "Brasil Migrante, Brasil Clandestino", *São Paulo em Perspectiva*, 8 (1), jan-mar/1994.
- SASAKI, Elisa Massae. *Fenômeno Dekassegui - Imigrantes Brasileiros no Japão*, Monografia apresentada na UNICAMP, 1993, (mimeo).
- TILLY, C. "Transplanted Networks". In: YANS-McLAUGHLIN, V. *Immigration Reconsidered - History, Sociology and Politics*, New Oxford University Press, 1990.

# A MINORIA INVISÍVEL: Imigrantes Brasileiros em Nova York

Maxine L. Margolis\*

(Traduzido do inglês por Sidney da Silva)

## O Êxodo

Em março de 1990, através de um pronunciamento pela televisão, três dias antes de tomar posse como presidente do Brasil, Fernando Collor de Mello fez um apelo: "Não saiam do Brasil. Fiquem aqui, me ajudem". Ele estava obviamente se referindo à recente onda de emigração no Brasil. Durante a última década, devido à recessão econômica no Brasil, vários milhares de brasileiros têm deixado o país, migrando para o exterior. Este é um fenômeno completamente novo e que foge aos padrões da história e do caráter brasileiros.

Histórias deste êxodo enchem as páginas dos jornais e revistas brasileiros. A Folha de São Paulo noticiou que, no começo de 1989, 2 mil nipo-brasileiros partiam mensalmente para o Japão. Nos primeiros dois meses de 1990, 700 brasileiros de ascendência espanhola solicitaram documentos de cidadania no consulado espanhol em São Paulo - enquanto só houve 90 solicitações ao longo de 1989. O consulado italiano daquela cidade também foi sitiado e emitiu uma média de 550 passaportes por mês a brasileiros cujos ancestrais vieram da Itália. A revista Veja publicou duas matérias de capa sobre brasileiros partindo

para Toronto, Lisboa, Paris, Londres, Roma, Sydney e diversas cidades dos Estados Unidos. E conforme dados do governo, entre 1986 e 1990, aproximadamente 1,4 milhão de brasileiros deixaram o país e não retornaram.<sup>1</sup>

A consciência da emigração no Brasil não depende dos meios de comunicação de massa. De um jeito genuinamente brasileiro, as brincadeiras a respeito do êxodo se espalham: "Só há uma saída para a crise socioeconômica brasileira", diz uma delas, "O Aeroporto". E muitas pessoas nas grandes cidades do Sudeste do Brasil - Belo Horizonte, Rio de Janeiro, São Paulo

Foto enviada pela autora



Esta é a Rua West 46th, em Nova York, também conhecida como Little Brazil, por suas lojas e restaurantes que atendem aos brasileiros - turistas e residentes - onde é comemorada a data de Independência do Brasil, 7 de Setembro.

- conhecem pessoalmente alguém que foi embora.

Neste trabalho abordarei apenas uma das facetas deste êxodo - os imigrantes brasileiros na cidade de Nova York. Apresentarei uma visão geral dos brasileiros como um novo ingrediente da mistura étnica da cidade: quantos são, quem são e de onde vieram, que trabalhos exercem e por que deixaram a sua terra natal?! Desta forma, destacarei duas questões - a classe social e a etnicidade - as quais são centrais para entender a natureza da imigração brasileira, questões estas que emergiram várias vezes durante os quatorze meses de meu trabalho de campo na cidade de Nova York.<sup>2</sup>

O fluxo migratório brasileiro é muito recente, embora seja difícil determinar a sua real dimensão. Com certeza, sempre houve brasileiros vivendo nos Estados Unidos. O censo americano de 1980 registrou algo em torno de 44 mil brasileiros natos. Não há dúvida de que a quantidade de brasileiros nos Estados Unidos aumentou consideravelmente durante a década de 1980, uma vez que o Brasil começou a sofrer uma série de crises econômicas. Hoje ainda não se tem dados fidedignos sobre a imigração brasileira nos Estados Unidos, tornando impossível se calcular o número preciso dos brasileiros que residem neste país. O principal problema com tais estimativas é que uma porcentagem considerável de brasileiros, porém ainda desconhecida, vive nos Estados Unidos na situação de indocumentados. De qualquer forma, usando as mais variadas fontes eu acredito que há entre 80 e 100 mil brasileiros na grande Nova York que inclui áreas periféricas da cidade e partes do Estado de New Jersey e Connecticut, e pelo menos de 350 a 400 mil nos Estados Unidos como um todo.<sup>3</sup>

## Por que saem?

Há várias razões que explicam o crescente fluxo emigratório em um país que não tem história ou tradição em emigração. Os brasileiros da cidade de Nova York como também em qualquer parte dos Estados Unidos são considerados como exilados econômicos fugindo das condições de hiperinflação, desemprego, baixos salários

os, aumento do custo de vida e de uma situação de constante insegurança econômica no país. Os brasileiros em Nova York frequentemente se referem a eles mesmos como "imigrantes econômicos", e esta denominação parece apropriada; cerca de dois terços das pessoas do meu universo de pesquisa mencionaram razões econômico-profissionais para vir para este país.<sup>4</sup> Além do mais, elas sabem muito bem o que foi que as atraiu para cá: comparados com os empregos no Brasil, os empregos nos Estados Unidos pagam salários suficientemente altos, permitindo-lhes poupar uma soma considerável de dinheiro. Pode-se poupar dinheiro e tempo. Inúmeras vezes, contaram-me que no Brasil, depois de vinte anos de trabalho, adquirir uma casa continua sendo um sonho inatingível para muitos, enquanto nos Estados Unidos, os salários poupados depois de um ano de trabalho podem significar uma entrada para uma casa ou um apartamento.

A inflação desenfreada no Brasil é um dos principais culpados. Embora tenha sido controlada no final dos anos 80, a inflação voltou a subir em 1990 e, em 1993, atingiu 2.500% anuais, um recorde nacional. Como resultado da inflação, o salário real no Brasil caiu 80% durante a última década. Com um salário mínimo mensal de aproximadamente 65 dólares, e uma renda *per capita* equivalente a um décimo da dos Estados Unidos, é fácil entender porque os brasileiros julgam os salários norte-americanos tão atrativos. Porém, é importante enfatizar que os brasileiros que vêm para Nova York não são trabalhadores que ganham salário mínimo. No Brasil, muitos dos novos imigrantes tinham cargos profissionais ou semiprofissionais que pagavam bons salários para os padrões brasileiros. Mesmo assim, os salários brasileiros empalidecem em comparação com o que os imigrantes podem ganhar nos Estados Unidos, inclusive nos empregos mais servis.

Do ponto de vista de muitos imigrantes brasileiros em Nova York, um dos aspectos mais preocupantes da crise econômica no Brasil, e o que mais incentivou a migração de alguns, é a dificuldade para se conseguir trabalho nos campos de especialização de cada um. Os diplomas de advogados, engenheiros, agrônomos, psicólogos

e outros profissionais são inúteis, uma vez que eles não conseguem um emprego apropriado para aplicar seus conhecimentos. Este é o clássico desencontro entre oportunidade e expectativa, há muito tempo identificado como causa da migração internacional. Alguns são mais contundentes; a razão pela qual deixaram o Brasil, segundo um considerável número de informantes com formação profissional, foi a impossibilidade de se conseguir empregos decentes que pudessem desenvolver as suas capacidades.

A combinação de salários relativamente baixos, os preços que mudam constantemente devido a inflação galopante e a desnorteante incerteza sobre o que o amanhã trará, provocaram entre muitos brasileiros, uma melancolia inusitada acerca do futuro econômico do país e o seu lugar no mesmo. Este pessimismo preocupante também estimulou a emigração. No final dos anos 1980 e começo dos 1990, as condições econômicas no Brasil eram descritas como "as piores do século". As coisas estão tão mal, disse-me um informante, em março de 1990, que se houvesse cinco jumbos a jato por dia saindo do Rio de Janeiro ou de São Paulo para Nova York e Miami, e se os brasileiros conseguissem vistos de turista, todos os aviões partiriam lotados.

## Quem são eles ?

Quem são realmente esses imigrantes brasileiros em Nova York ? Hoje em dia, por exemplo, os brasileiros na cidade estão quase uniformemente divididos entre homens e mulheres - 54% e 46% - embora eu acredite que, anteriormente ao intenso movimento migratório, a proporção entre os sexos fosse menos equilibrada, com talvez 70% de homens e 30% de mulheres. A população brasileira na cidade de Nova York é indiscutivelmente jovem. Trinta e seis por cento dos meus entrevistados tinham menos de 30 anos e somente 5% tinham mais de 50 anos. Mas o estado civil de homens e mulheres varia; 44% dos homens estavam casados, quando os entrevistei, comparado a 29% das mulheres. Dois terços da amostra não tinham filhos e entre os que os tinham, uma proporção significativa deles (42%) deixou sua prole

vivendo com parentes no Brasil.

A composição racial da população brasileira na cidade de Nova York pertence decididamente ao extremo mais claro da escala de cor, tornando-a atípica em relação ao Brasil como um todo. Vale lembrar que 83% dos brasileiros incluídos no universo da pesquisa eram brancos, 8% eram mulatos ou mulatos claros, e 8% eram negros. Dessa forma, os negros e as outras pessoas de cor abrangem 16% da amostra efetuada em Nova York, representando uma pequena fração dos aproximadamente 45% registrados no censo de 1980, para a população brasileira como um todo.

Os imigrantes brasileiros na cidade de Nova York não representam o espectro total da estrutura de classes de seu país. Uma porcentagem bem maior de imigrantes brasileiros da amostra de Nova York pertence à classe média, média baixa, e uma porcentagem bem menor deles é da classe trabalhadora ou baixa, em oposição aos brasileiros em sua terra natal. Eles são também mais bem preparados que seus compatriotas: 46% frequentaram a universidade e, destes, 31% concluíram a graduação. E os quadros para as mulheres brasileiras em Nova York são ainda mais surpreendentes; quase 60% possuem alguma formação universitária.

Quanto à procedência dos mesmos, 79% dos imigrantes brasileiros em Nova York são de Minas Gerais e do Rio de Janeiro - 41% e 38% respectivamente da minha amostra. Muitos deles vêm ainda de São Paulo, Paraná e Espírito Santo. Além disso, são predominantemente urbanos; 88% viviam na cidade imediatamente antes de emigrarem.

## Ganhando a vida

Que tipo de empregos os imigrantes brasileiros assumem e qual é o maior setor ocupacional no qual eles e outros novos imigrantes são encontrados em Nova York? O atual mercado de trabalho da cidade parece paradoxal a princípio. Numa fase de grande perda de empregos e do aumento do desemprego, houve ao mesmo tempo uma significativa entrada de novos imigrantes a procura de trabalho. Esta contradição, entretanto, é mais aparente do que real, porque a base econômica da cidade

está passando por mudanças estruturais. Visto que as causas desta mudança estão além do alcance deste artigo, vale ressaltar que tal reestruturação assegurou uma perda dos empregos mais bem pagos no setor da manufatura, com um concomitante aumento dos empregos mal remunerados em dois setores específicos: o setor mais baixo da indústria de manufatura, como também o da prestação de serviços.<sup>5</sup> Estes dois segmentos do mercado de trabalho continuam crescendo e projeções sugerem que a maioria dos novos empregos do período que vai de 1980 a 1995, serão oferecidos por indústrias que pagam baixos salários.

No início dos anos 70, a economia da cidade de Nova York testemunhou uma expansão exatamente daqueles empregos que majoritariamente são assumidos pelos imigrantes mais recentes. Por que imigrantes? A razão é que estes empregos têm uma série de características peculiares que faz com que sejam recusados pelos cidadãos americanos, e muitos empregadores americanos argumentam ainda que, se não fosse a entrada de novos imigrantes tais empregos não seriam preenchidos. Além de serem muito mal remunerados, estes empregos frequentemente exigem esforço físico e condições não muito agradáveis de trabalho, como também requerem trabalho noturno e nos fins-de-semana. Tais empregos proporcionam poucas ou nenhuma perspectiva de progresso e não oferecem segurança. Neste sentido, eles são empregos de baixo status, levando os indivíduos que tenham outras opções de empregos a evitá-los.

Onde os brasileiros se localizam neste contexto? Talvez a mais notável característica dos imigrantes brasileiros em Nova York seja a de que a sua filiação a uma classe social, como também a um determinado nível de formação não tem nenhuma relação com o tipo de empregos ocupados pelos mesmos na cidade. Embora eles sejam expressivamente de classe média e média-baixa, os meus dados sugerem que muitos imigrantes brasileiros em Nova York são indocumentados e têm pouco conhecimento da língua inglesa. Estas duas limitações, em geral os têm direcionado aos mais baixos empregos que a cidade oferece.

Pode-se dizer que é insignificante o

número dos que estão empregados no baixo setor de manufaturas da economia de Nova York. Eles são expressivamente encontrados no setor secundário do mercado de trabalho: o setor de serviços que paga baixos salários. Dessa forma, os brasileiros são contratados como serventes, como lavadores de pratos, ajudantes de garçom, engraxates e vendedores ambulantes. Há também empregados como rádio-táxis e motoristas de limusines, atendentes de estacionamentos, como também nos trabalhos que exigem pouca qualificação no setor da construção civil.

A área de restaurantes, na Região Metropolitana de Nova York, talvez seja a mais importante fonte de empregos para os homens brasileiros. Em Manhattan muitos brasileiros trabalham como engraxates. Na verdade, os brasileiros detêm um certo monopólio dos empregos no ramo de conserto de sapatos na cidade e nas áreas próximas às estações de trens, terminais de ônibus e nos edifícios de escritórios.

No tocante às mulheres brasileiras, estas têm tido maiores oportunidades de emprego do que os próprios homens. Os meus próprios dados sugerem que a grande maioria delas, provavelmente mais de 80%, estejam empregadas em algum tipo de serviço doméstico, como diarista, empregadas que moram no emprego, babás e baby-sisters em casas de gente famosa ou menos famosa na cidade de Nova York. Vale ressaltar que assim como os homens detêm um certo monopólio dos empregos de engraxates, as mulheres parecem ter açambarcado o mercado de empregos de "gogo dancers" em bares e boates. Embora seja difícil reunir dados sobre esta atividade, os meus informantes afirmaram que as mulheres brasileiras detêm algo em torno de 80 por cento destes tipos de empregos na área metropolitana de Nova York.

## Divisões Sociais e Etnicidade: Os laços que não Unem

Este breve retrato dos imigrantes brasileiros em Nova York e seus nichos de empregos é o pano de fundo para o que resta de nosso estudo. Quando comecei

este projeto de pesquisa, eu sabia que uma das questões centrais seria: é a classe social uma categoria decisiva entre os imigrantes brasileiros em Nova York? Isto é, a classe social é tão abrangente do estilo de vida dos brasileiros nos Estados Unidos quanto o é no Brasil? Ou será que as diferenças sociais tradicionais se atenuam no refúgio acolhedor de um idioma e uma origem comuns, dado o fato de os imigrantes compartilharem a mesma condição de estranhos numa terra que não é a sua, de estrangeiros na grande confusão de uma cidade desconhecida?

Encontrei as respostas quase que imediatamente. Uma das características mais marcantes da comunidade brasileira de Nova York é o grau em que as diferenças de padrão social se sobrepõem a uma identidade nacional e linguística compartilhada. Mas as divisões a que chamo "classes sociais" não são tão fundamentadas no critério tradicional que as define - condição econômica, educacional e familiar -, pois a maioria dos imigrantes brasileiros de Nova York vem das camadas média e média-baixa de seu país, relativamente privilegiadas. Em vez disso, as diferenças de classe nesta comunidade estão largamente enraizadas nas disparidades de estilos de vida e ocupações, resultantes do caráter servil dos trabalhos realizados por praticamente todos os novos imigrantes e da condição ilegal de muitos deles.

As diferenças sociais entre os brasileiros em Nova York se expressam de uma maneira contrastante, como apresentaremos a seguir. Há brasileiros residentes que chegaram na cidade duas ou três décadas atrás. Alguns vieram de camadas humildes do Brasil, mas conseguiram algum sucesso financeiro com algum tipo de negócio voltado para turistas e brasileiros residentes. Há também a elite de moradores brasileiros, os quais são os executivos e diretores mais bem preparados dos bancos brasileiros e corporações. Alguns estão em atividades temporárias, enquanto outros vivem nos bairros de classe alta há muitos anos. Finalmente temos os novos imigrantes, em sua maioria jovens, com um nível educacional bom, homens e mulheres provenientes dos setores médios da sociedade brasileira, os quais começaram a chegar na cidade de Nova York na meta-

de dos anos 1980.

A estrutura social da comunidade brasileira de Nova York é uma versão atenuada dessa mesma estrutura no Brasil, na medida em que o seu segmento maior e mais pobre não se encontra representado na cidade. No Brasil, a classe operária e os menos favorecidos compreendem 60% da população. No entanto, provavelmente não mais de 10% dos habitantes brasileiros de Nova York são dessa camada inferior; a maioria dos que aqui se encontram, sejam novos imigrantes ou residentes há mais tempo, vem da classe média-baixa para cima. Desta forma, a pirâmide social brasileira de Nova York não tem a ampla base de classe baixa que caracteriza essa sociedade como um todo.

Apesar da ausência quase total do segmento inferior da hierarquia de classes brasileira na sua materialização novaiorquina, muitos imigrantes da elite e da classe média negam que seja assim. Falaram-me repetidas vezes de muitos brasileiros na Big Apple que vêm "de um nível social baixo", que "não têm formação educacional", nem "boas maneiras", ou que "são representantes de uma fatia pobre da sociedade brasileira". Estas observações não são apenas comentários esnobes dos membros da pequena elite brasileira de Nova York, de quem se poderia esperar que considerasse socialmente inferior o restante de sua comunidade emigrada. Muitos membros das classes média e média-baixa também afirmaram haver um grande número de brasileiros morando na cidade diferentemente descritos como semi-analfabetos, de pouca cultura, mais pobres, ou como provenientes de um nível social mais baixo do que o deles na sociedade brasileira. Mas quando se pedia aos informantes para serem mais específicos - com perguntas do tipo "quem são essas pessoas?" ou "onde elas vivem?" -, eles sempre hesitavam. "Bem, não conheço nenhum deles pessoalmente" era uma resposta típica. "Apenas sei que existem porque os ouço falando português errado pelas ruas ou no metrô". Porém, quando lhes pedia nomes e endereços, a história era sempre a mesma! Os informantes não poderiam dar esses detalhes porque, conforme alegaram, não conheciam pessoalmente nenhum brasileiro em Nova York

que viesse de condições tão modestas.

Eu mencionei esta fração ilusória da população brasileira local em conversa com três imigrantes universitários. "É verdade", todos concordaram. "Muitos de nossos conterrâneos em Nova York têm uma formação educacional deficitária e nunca foram além do ginásio". Quando lhes contei que havia conhecido relativamente poucos imigrantes com um nível de escolaridade assim tão baixo, eles alegaram que isto se deu porque os brasileiros com melhor formação educacional estavam relutantes em me apresentar a seus conterrâneos iletrados; "envergonham-se" deles.

Uma outra imigrante ofereceu uma solução mais convincente para o enigma da classe baixa invisível. Ela disse que isto se deve à propensão dos brasileiros de se referirem a "outras pessoas" não especificadas como sendo mais pobres, mais corruptas, menos educadas, ou, de alguma outra forma, inferiores a eles e ao seu grupo social. Esse discurso cultural existente deve ser especialmente confortável para os brasileiros das classes média e média-baixa em Nova York, cujo próprio padrão social torna-se problemático em função de seus empregos de baixo nível como imigrantes. "É possível que estejamos bem pior atualmente", eles parecem dizer, mas "pelo menos nós viemos de boas famílias e temos uma boa formação - ao contrário daqueles outros brasileiros".

Com certeza, está aqui uma dissonância cognitiva - um senso de preocupação que emerge a partir de percepções equivocadas. Como é possível, então, os brasileiros com bom nível de escolaridade trabalharem como lavadores de pratos, empregadas domésticas ou em empregos somente assumidos por aqueles de nível social mais baixo da sociedade brasileira? No entanto, ao insistirem no fato de que os recém-chegados do Brasil são "gente baixa e mal-educada", os membros da comunidade brasileira residente de Nova York podem enquadrá-los numa categoria familiar, tranquilizadora e inteligível. Além disso, ao rejeitá-los como classe baixa - e assim sendo, "felizardos" até por estarem em Nova York - esses membros mais privilegiados da comunidade se distanciam das dificuldades de seus colegas menos



Desfile de Carnaval Brasileiro em Nova York.

afortunados, que fazem o tipo de trabalho desprezível e desagradável que os brasileiros de melhor status sempre evitaram.

Finalmente, a elite pode estar particularmente bem-servida ao ofuscar a origem social dos novos imigrantes de sua terra natal. Reconhecê-los pelo que realmente são significaria reconhecer a realidade de que, devido ao terrível estado da economia brasileira, "classe média" e "brasileiro" estão se transformando em termos cada vez mais contraditórios.

Para não deixar dúvidas ao leitor quanto à dimensão desses sentimentos em relação à classe social, vale destacar as reações de alguns imigrantes brasileiros em Nova York diante de meus dados sobre as classes de origem e as ocupações de alguns imigrantes. As reações - que me pegaram de surpresa - revelam tanto as tensões entre os vários segmentos da população brasileira em Nova York, quanto o desejo de muitos residentes mais antigos de apresentar, para o público americano, uma versão melhorada da sua comunidade como um todo.

Grosso modo, alguns brasileiros não gostam que se espalhe o fato de que muitos de seus conterrâneos exercem trabalhos servis. Como mencionou um deles: "eles não querem lavar sua roupa suja em público".

Durante a minha pesquisa, publiquei em um jornal local brasileiro um breve perfil dos novos imigrantes que estava estudando. Um brasileiro, dono de um pequeno negócio e morador antigo da área, ficou furioso quando escrevi que seus colegas de classe média, com bom nível de escolaridade, estavam trabalhando como domésticas, auxiliares de graça e engraxates em Nova York. Meu artigo, argumentou ele, tratava de apenas um segmento da comunidade e passou aos americanos uma "imagem pobre de seus conterrâneos". Uma comunidade representada por "go go girls", engraxates e empregadas domésticas" seria "menos-prezada" e "confundida com a hispânica". Outro veterano em Nova York culpou-me por não escrever sobre os brasileiros que ocupam posições de maior desta-

que na cidade - artistas, donos de negócios e "brasileiros bem-situados na Wall Street". Um outro ainda fez-me um insistente pedido: "Por favor, escreva sobre histórias de sucesso".

### Por que são invisíveis?

Há ainda um outro aspecto fascinante da emigração brasileira para os Estados Unidos: este novo fluxo migratório tem acontecido sem que a sociedade e os meios de comunicação americanos o percebessem. Os imigrantes brasileiros são uma minoria invisível nos Estados Unidos, por causa da confusão e ignorância sobre o Brasil e a etnicidade brasileira. Para citar um exemplo: uma imigrante brasileira estava solicitando um emprego em uma conhecida companhia em Nova York e foi pedido a ela que preenchesse um formulário de emprego indicando a sua raça e etnicidade. Uma das categorias era: "hispânico do México, da América Central ou da América do Sul". De fato, ela é sul-ame-

ricana, mas decididamente se recusava a ser classificada como hispânica. "Simplesmente não vou fazer isso", disse com convicção. E, a partir daí, começou seu relato de outros problemas similares desde que chegou nos Estados Unidos. Por exemplo, um conhecido americano que ela encontrou começou a conversar com ela em espanhol e se surpreendeu quando ela nada respondeu. O americano insistiu que, sendo ela brasileira, ela deveria falar espanhol.

Neste breve relato, estão incluídos todos os elementos que tornam a identidade dos brasileiros tão problemática, tanto em Nova York quanto em outros lugares dos Estados Unidos. Os brasileiros são confundidos com os hispânicos porque a maioria dos americanos não sabe que o Brasil é totalmente diferente do restante da América Latina. Os americanos não se dão conta que o termo "hispânico" é uma designação incorreta para os brasileiros, pois o seu uso comum refere-se aos de fala espanhola, ou aos seus descendentes - e os brasileiros, é claro, falam português. Enfatizo este ponto porque parte da confusão étnica que cerca os brasileiros deve-se à ignorância americana. A maioria dos americanos, incluindo os que têm um alto nível de escolaridade, simplesmente não sabe que os brasileiros falam português. Eles pensam que o espanhol é a língua nativa do Brasil, e que o português só é falado em Portugal.

Como resultado desta etnicidade labiríntica, uma das primeiras coisas que um imigrante brasileiro aprende a dizer quando conhece americanos em Nova York é: "I do not speak spanish" (Não falo espanhol). Da mesma forma que os imigrantes haitianos na cidade não querem ser confundidos com os afro-americanos, os imigrantes brasileiros na Bigg Apple ficam contrariados quando são identificados como "hispânicos".

Os brasileiros em Nova York relatam histórias sobre confusão étnica com um misto de exasperação e humor. "Que tipo de espanhol você fala?", perguntou uma vez um americano para um imigrante brasileiro. Em uma outra ocasião, depois de uma brasileira dizer para um americano - que conhecera num coquetel - que ela era nascida no Brasil, porém não falava espa-

nhol, o americano respondeu: "Ah, claro, você é brasileira. Aquele é o país onde a classe alta fala português e a classe baixa fala espanhol".

Mesmo assim, o fato de os imigrantes brasileiros não gostarem de ser confundidos com hispânicos é bastante real, e deriva de uma série de razões. O esforço dos brasileiros para se diferenciar linguística e etnicamente dos outros grupos latino-americanos na cidade origina-se parcialmente do orgulho cultural, da unicidade de sua "raça", como eles a chamam. Podemos ir seguindo este rastro no passado até chegar em Portugal, onde, como diz o ditado, "nem bons ventos, nem bons casamentos vêm da Espanha".

Esta atitude também existe no Brasil, uma nação encerrada em si mesma, com uma consciência muito profunda de sua diferença - praticamente isolamento - do restante da América Latina. Os brasileiros foram durante muito tempo indiferentes a seus vizinhos sul-americanos, descartando sua raízes ibéricas comuns, considerando-as sem importância. Desta forma, os brasileiros não se identificam muito com os outros sul-americanos, nem com os hispânicos em geral, quer estejam no Brasil ou nos Estados Unidos. Nas palavras do antropólogo brasileiro Darcy Ribeiro, "o Brasil e a América hispânica estão divididos em dois mundos, um de costas para o outro".<sup>6</sup>

Também é verdade que a categoria étnica "hispânico" é desconhecida para a maioria dos imigrantes brasileiros quando recém-chegados a Nova York, pela simples razão de que ela não existe no Brasil. No Brasil, o termo "espanhol" refere-se às pessoas que vêm da Espanha; os habitantes da América do Sul onde se fala espanhol são chamados de bolivianos, equatorianos, chilenos, e assim por diante, mas nunca hispânicos. Porém, se os imigrantes brasileiros não estão familiarizados com o termo "hispânico" quando chegam a Nova York, eles rapidamente aprendem o que significa - e com a mesma rapidez aprendem a insistir que não seja aplicado a eles. A maioria está convencida de que recebe um tratamento melhor por parte dos americanos quando deixa claro que não é hispânica. Falando francamente, os brasileiros afirmam que existe discrimi-

nação contra os hispânicos neste país, e que se os americanos os confundem com os hispânicos, eles também passam a carregar o peso do preconceito anti-hispânico. Desta forma, enquanto os imigrantes haitianos e jamaicanos de Nova York recusam a identidade afro-americana, porque define uma população com padrão de vida e poder limitados, os brasileiros rejeitam a identidade hispânica basicamente pela mesma razão.

Assim sendo, o esforço dos brasileiros para se diferenciarem dos hispânicos deriva também de seu próprio preconceito e elitismo. Os comentários anti-hispânicos não são nada incomuns na comunidade brasileira de Nova York. "Os americanos não sabem que os brasileiros são diferentes dos hispânicos", disse-me um informante do Rio, "que os brasileiros são muito trabalhadores". A maioria dos brasileiros "se considera superior aos hispânicos", explicou um outro. "É por isso que ficamos bravos quando somos confundidos com eles". Com certeza, o elitismo de classe também se faz presente aqui. Como a maioria dos brasileiros de Nova York é de classe média e média-baixa, e muitos têm um alto nível de escolaridade, eles se ressentem quando confundidos com o restante da população latina da cidade, que, em sua maioria, é vista como mais pobre e menos instruída que eles próprios.

Como resultado de sua submersão étnica, um brasileiro disse-me que a migração de seus conterrâneos para a cidade de Nova York é "secreta" e "silenciosa", porque os nova-iorquinos não percebem que está acontecendo. Esta invisibilidade se deve tanto à confusão étnica e linguística por parte dos americanos, quanto ao fato de que os brasileiros são alvo de pouca atenção por parte da imprensa. Além do mais, não há em Nova York uma comunidade brasileira previamente estabelecida na qual os imigrantes recentes possam se integrar. Não há um equivalente brasileiro do Chinatown ou da Little Italy - não há um bairro com uma estrutura culturalmente distinta, que possa contribuir sensivelmente como um novo ingrediente para a mistura étnica da cidade.<sup>7</sup>

Existem muitas evidências de que a imigração brasileira é "secreta" e "silenciosa" - virtualmente ausente da consciên-

cia popular. Por ocasião da abertura do Museu Ellis Island<sup>8</sup>, na baía de Nova York, por exemplo, os meios de comunicação locais dedicaram um espaço considerável ao que chamaram de “novos imigrantes” na mistura étnica da cidade. Um programa especial de televisão - de uma hora de duração e transmitido durante o horário nobre - apresentou clips e cobriu vários aspectos da nova migração, informando sobre imigrantes recentes de pelo menos 15 países. O Brasil não foi mencionado. De forma similar, numa reportagem de capa publicada em 1991 na revista *New York Woman*, sobre a mistura de grupos étnicos na cidade, foram mencionadas 32 nacionalidades, incluindo argentinos, tailandeses, guatemaltecos, trinitários, albaneses e cambojanos, mas não os brasileiros.

Podemos perguntar-nos agora, como os brasileiros em Nova York sentem sua submersão étnica? Um indício para responder a esta questão é a pergunta frequentemente feita por eles: “A geografia não é uma área de estudo reconhecida nos Estados Unidos?”, uma tirada irônica para expressar seu inconformismo em relação à ignorância americana sobre seus vizinhos do sul. Uma história sobre esta desinformação americana, que circulou amplamente na comunidade brasileira, conta que uma americana ligou para o consulado brasileiro pedindo informações turísticas sobre Buenos Aires!

Os brasileiros frequentemente me contaram histórias acerca dos estereótipos fúteis que os americanos têm sobre sua terra. Um brasileiro que trabalha como garçon em Manhattan disse que quando contou para um outro garçon de ele era de São Paulo, seu colega comentou ter ouvido que havia “índios perambulando pelas ruas da cidade”. Uma outra brasileira apontou que é muito frustrante interagir socialmente com americanos, devido a sua desinformação a respeito do Brasil. “Vocês comem cobras?”, perguntam os americanos. “Vocês têm janelas nas suas casas?” Ela disse que os americanos “pensam que a gente vive em cabanas”. Um outro exemplo ilustra ainda melhor estes estereótipos: um grupo de dança de Minas Gerais fez várias apresentações em um teatro de Nova York. O grupo dança balé clássico e mo-

derno. Porém, muitos americanos, ao ouvirem que o grupo era brasileiro, pensaram que assistiriam a um espetáculo de samba, com mulheres praticamente nuas, enfeitadas com penas e vestidas de Carmem Miranda. Isso, disse uma informante, faz parte do “estereótipo de samba, lambada, fio dental e mulatos seminus” que muitos americanos têm do Brasil.

Um brasileiro expressou seu desapontamento pelo fato de que até mesmo os hispânicos nos Estados Unidos não sabem nada sobre o Brasil, mencionando um periódico em espanhol que voltou a capital do Brasil para o Rio de Janeiro, e usou a palavra “carioca” como termo genérico para todos os brasileiros. “Que os americanos, concentrados apenas no próprio umbigo, pensem que o Brasil fica na Bolívia, tudo bem”, disse ele. “Mas quando nossos amigos mexicanos, cubanos, portorriquenhos e outros hispânicos cometem os mesmos deslizamentos (...) é patético”. Esta foi uma referência irônica à gafe do então presidente Reagan que durante uma viagem ao Brasil, num jantar oficial em sua honra, levantou seu copo e fez um brinde à Bolívia!

## E o Futuro ?

Esta é, portanto, uma breve abordagem dos imigrantes brasileiros em Nova York, um dos mais novos e recentes elementos étnicos visíveis no mosaico étnico da cidade. Embora relativamente pequeno, este segmento da população imigrante de Nova York continua crescendo, uma vez que a economia brasileira continua mergulhada na crise. No entanto, uma outra questão emerge: Pode-se dizer que os imigrantes brasileiros em Nova York são imigrantes temporários que estão na cidade somente o tempo necessário para ganhar dinheiro para realizar os seus sonhos e em seguida voltar para casa? Ou, podemos dizer que eles são de fato imigrantes, pessoas que pretendem permanecer nos Estados Unidos permanentemente? Ou ainda, alguns brasileiros tornar-se-ão migrantes permanentes, os quais permanecem um período de tempo em seu país de origem, e depois retornam aos Estados Unidos e assim sucessivamente?

Posso dizer que na minha pesquisa

descobri que os planos dos imigrantes se confundem. Enquanto uma parcela expressiva, 47% disse que pretendia voltar ao Brasil, cerca de um terço disse ter planos para permanecer nos Estados Unidos e o restante, cerca de 21%, estavam indecisos sobre o futuro. No entanto, mesmo aqueles que continuam a viver nos Estados Unidos não se desligarão do Brasil; não irão deixar de se considerar brasileiros, nem de ir para casa para visitar sua família e amigos; podem até se aposentar em sua terra natal.

Mas, como tantos outros imigrantes que aportaram nestas praias antes deles, os brasileiros verão suas vidas e futuro intimamente ligados aos destinos e ao futuro de seu lar adotivo.

\*Maxine L. Margolis é Antropóloga na Universidade da Flórida, Gainesville, Flórida, USA.

## NOTAS

1- Folha de São Paulo, 18 de março de 1990; Veja, “Os Brasileiros vão à luta: Bye-bye, Brasil,” 16 de março de 1988, pp.338-46; Veja, “O Povo da Diáspora,” 7 de agosto de 1991, pp.36-41; Veja, “Invasão à Brasileira,” 4 de dezembro de 1991, pp.80-87.

2- Para uma visão mais completa da minha pesquisa ver: MARGOLIS, Maxine L. *Little Brazil: An Ethnography of Brazilian Immigrants in the United States*. Princeton: Princeton University Press, 1994, ou *Little Brazil: Imigrantes Brasileiros em Nova York*. Campinas, Papirus Editora, 1994.

3- O censo de 1990 contou apenas 94.023 brasileiros natos vivendo nos Estados Unidos, o que é um número subestimado. Para uma discussão desta questão levantada pelo censo, ver MARGOLIS, Maxine L., “Brazilians and the 1990 United States Census: Immigrants, Ethnicity and the Undercount.” *Human Organization*, Editores.

4- Esta pesquisa foi em parte baseada na Técnica “Snowball sample” (bola de neve) sobre um universo de cem brasileiros na cidade de Nova York. A construção da amostra não foi aleatória por causa da dificuldade de se estimar a dimensão desta população, uma vez que parte considerável da mesma é indocumentada.

5- SASSEN-KOOB, Saskia, “New York City: Economic Restructuring and Immigration.” *Development and Change* 17: 85-119, 1986.

6- Ribeiro, citado em RIDING, Alan, “Allof Giant, Brazil Warm to Neighbors.” *New York Times*, 21 de fevereiro de 1989.

7- Há uma rua em Nova York (West 46th Street) chamada “Little Brazil” por causa de suas lojas e restaurantes que atendem aos brasileiros, turistas e residentes na cidade. Trata-se, porém, de um quarteirão apenas, em nada comparável a bairros étnicos como o de Chinatown, por exemplo.

8- No final do século XIX e no começo deste, Ellis Island, no Porto de Nova York, foi a porta de entrada para a grande maioria dos imigrantes europeus que se dirigiram aos Estados Unidos. O Museu de Ellis Island foi inaugurado em 1990 para manter viva sua memória histórica.

# BRASILEIROS EM PORTUGAL: Novos Movimentos Migratórios ou Volta às Origens?

Lúcia Maria Machado Bógus\*

A emigração de brasileiros<sup>1</sup> para outros países do mundo é parte de um processo de mobilidade espacial que vem se acentuando ao longo da última década e pelo qual os países industrializados passaram a receber milhares de trabalhadores, sobretudo jovens, que deixaram seus países de origem em busca de novas oportunidades de trabalho e melhores condições de vida.

O Relatório do Fundo das Nações Unidas para a População de 1993, alerta que as migrações poderão tornar-se o grande problema deste final de século, lembrando que é da responsabilidade de cada país garantir condições de desenvolvimento que respondam, diretamente, às necessidades de seus cidadãos, onde quer que se encontrem. De acordo com o Relatório, a pobreza e a "insegurança social" são os grandes responsáveis pelas migrações internacionais que constituem, em alguns casos, a única alternativa possível para a realização dos ideais de ascensão social e em muitos outros, a chance de garantir a sobrevivência (ONU, 1993).

Considerando-se apenas o período de 1980 a 1992, a Europa recebeu 15 milhões de migrantes, a maior parte para residência definitiva, provenientes sobretudo dos países africanos (FNUAP/ONU, 1993). Desse enorme contingente, os brasileiros constituem um pequeno percentual; entretanto, já começam a ter certa visibilidade numérica, particularmente na Itália e em Portugal, de onde partiram os mais significativos fluxos migratórios para o Brasil em diferentes momentos da nossa história.

De acordo com estimativas apresentadas em agosto de 1991, pela Revista Veja, existiam naqueles dois países cerca de 75 mil brasileiros residentes - 45 mil na Itália e 30 mil em Portugal. Comparando-se esses números com as informações oficiais, é de supor que a situação de clandestinidade dos migrantes seja bastante acentuada, já que no caso de Portugal, o INE (Instituto Nacional de Estatísticas) e o Serviço de Estrangeiros e Fronteiras, registravam apenas 12.678 brasileiros residentes legalizados, naquele mesmo ano. Por outro lado, de acordo com dados fornecidos pelo Itamaraty, existiam em 1994, 15 mil brasileiros residindo legalmente na Itália e 21 mil em Portugal.

Apesar das disparidades dessas informações, num aspecto, entretanto, as estatísticas convergem: a maior parte dos brasileiros que migraram recentemente para aqueles dois países é constituída por jovens de média qualificação mas dispostos a dedicarem-se à serviços mal remunerados, quase sempre desvinculados do preparo profissional adquirido no país de origem.

Trataremos aqui, particularmente da emigração brasileira para Portugal, onde é expressiva a presença de profissionais liberais, sobretudo na área de odontologia (com problemas de legalização profissional já bastante divulgados pela imprensa) e, mais recentemente, nas áreas de propaganda e marketing.

"Esta situação, para além de refletir a emergência dos novos padrões de mobilidade profissional, decorre quer da presença crescente de multinacionais no

território português, quer do processo de modernização do tecido empresarial nacional, registrando-se um recurso crescente a especialistas em domínios só recentemente desenvolvidos. É precisamente nas profissões mais qualificadas que o peso dos estrangeiros activos com residência legalizada é mais elevado. (Malheiros, 1993: 107)

Conforme esse autor, existe uma "dicotomia profissional" no seio da população estrangeira residente em Portugal, com tendência ao aumento do peso relativo dos trabalhadores mais qualificados face aos desqualificados. Dentre esses últimos, sobressaem os estrangeiros em situação irregular, a maioria exercendo funções pouco qualificadas na indústria e na construção civil.

No caso português, pode-se afirmar que houve uma verdadeira inversão de sentido nos fluxos migratórios em relação ao Brasil, embora com intensidade diferente. Tradicionalmente a emigração foi um processo que acompanhou a história daquele país como um de seus fatores estruturais. Em período recente, notadamente após 1974, a situação alterou-se substancialmente e Portugal tornou-se importante área de recepção de imigrantes, destacando-se os brasileiros a partir dos anos 80.

A migração de retorno, no caso de portugueses residentes fora de Portugal, também ganhou importância à medida que fêz-se muitas vezes acompanhada pela família constituída no país de acolha. Nesse fluxo, têm chegado muitos chefes de família com filhos e até netos nascidos nos

principais países de destino dos fluxos mais antigos. Conforme informações (entrevista realizada com o vice-cônsul brasileiro em Lisboa, em julho de 1994), o Brasil vem ocupando lugar de destaque nesses movimentos de retorno familiar.

As primeiras áreas de residência dos retornados e suas famílias são geralmente aquelas de origem do chefe, onde este costuma permanecer, atuando como âncora para os mais jovens, que logo buscam as cidades maiores ou a área metropolitana de Lisboa para inserção no mercado de trabalho e/ou estudo. A presença do chefe que retorna é também fundamental para garantir o estabelecimento de redes sociais e acionar mecanismos de acolha, os quais facilitam enormemente a inserção dos mais jovens em atividades produtivas e até mesmo em escolas e universidades, onde muitos completam sua escolarização. Em alguns casos, a posse de terras, por herança familiar, funciona como um facilitador do processo de legalização para todos os membros da família.

Quanto às áreas escolhidas para

residência e trabalho dos imigrantes brasileiros, destacam-se a Área Metropolitana de Lisboa, com 35% e a Região do Porto com 20% do total dos residentes legalizados, pois é aí que se concentram as maiores oportunidades de trabalho. Nessas cidades, tal como ocorre em todo território português, os brasileiros estão dispersos, sem segregar-se, em áreas residenciais ou de convivência social. Misturam-se facilmente aos portugueses, graças sobretudo à semelhança cultural e à difusão de hábitos, já há muito realizada pelas telenovelas brasileiras. A segregação é evidente, por outro lado, para a população africana negra - das ex-colônias portuguesas libertas -, constituindo um nítido indicador de um processo de discriminação racial e social.

## FLUXOS MIGRATÓRIOS E MERCADO DE TRABALHO

Quanto aos novos fluxos migratórios, oriundos do Brasil, a forte presença de

jovens vem provocando pressões num mercado de trabalho em transformação, onde as exigências de qualificação profissional tornam-se cada vez maiores. Apesar da presença de uma população nacional envelhecida, a criação de novos postos de trabalho tem sido insuficiente para atender à demanda dos mais jovens, sejam portugueses ou imigrantes estrangeiros. Muitos dos jovens portugueses ainda deixam o país - grande parte na clandestinidade - para tentar a inserção em outros mercados de trabalho, tanto europeus como não-europeus (EUA, Venezuela, Canadá, Austrália são destinos comuns).

Conforme Almeida et Alii, 1993 “(...) Não se pode falar de fim de emigração nos anos 70 e 80 em Portugal, apesar de ter diminuído a visibilidade pública desse persistente fenômeno. Embora em número muitíssimo menor, continuaram a registrar-se saídas do país. No período de 1981 a 1985, por exemplo, o número médio de saídas anuais cifrou-se nos 10 mil indivíduos, ao passo que na segunda metade da década de 60, esse mesmo volume médio anual de saídas foi de cerca de 126 mil pessoas” (1993, mimeo).

Para os que permaneceram, tem sido crescente a concorrência no mercado de trabalho interno, a partir dos anos 80, tanto de mão-de-obra qualificada (em menor número), como não qualificada, dada a grande presença de imigrantes. Estima-se que existam, atualmente, mais de 100 mil imigrantes, não-europeus, residindo em Portugal.

Os imigrantes menos qualificados são oriundos da África (inclusive do Zaire e do Senegal). Dentre os cabo-verdianos, que são o maior contingente, e os procedentes da Guiné, predomina a inserção, em geral precária, nos setores da construção civil e de obras públicas. Esses grupos possuem condições de vida extremamente desfavoráveis. No grupo dos indianos predominam as atividades comerciais, por conta própria, da mesma forma que entre os ex-emigrantes portugueses, que retornaram sozinhos ou com suas famílias. Dentre estes últimos, o trabalho por conta própria é um indicador de ascensão social em relação à situação anterior à migração, quando a maioria trabalhava na condição de assalariado. (Almeida et Alii, 1993).

Foto: Arquivo pessoal - Dornelas

Brasileiros na CEE



Conforme já afirmado, os imigrantes brasileiros estão entre aqueles que apresentam maiores níveis de qualificação profissional e maior grau de escolarização. Dentre os que viviam legalmente no país em 1991 (segundo dados do INE), 28,4% eram profissionais liberais, 27,3% eram estudantes, 16% encontravam-se alocados em empregos de média qualificação (técnicos, empregados de escritório, bancários...), 10,3% trabalhavam como professores e apenas 5,3% em setores não qualificados (operários, construção civil), conforme ilustram as tabelas a seguir. É importante ainda mencionar que do total dos brasileiros residentes ativos, 22% trabalhavam por conta própria, o que também é encarado por eles como um indicador de ascensão social.

Quanto à distribuição etária desses imigrantes, existe uma forte concentração dos grupos entre 15 e 34 anos (80%), permitindo qualificar esses fluxos como sendo, em grande parte, de "migração

para trabalho".

No período de 1960 a 1991, o saldo dos grandes movimentos de população, brevemente caracterizados, resultou - a par do saldo vegetativo - num aumento de população em Portugal, da ordem de 1 milhão de pessoas.

Apesar da situação de clandestinidade de grande parcela dos imigrantes brasileiros, sua presença em Portugal é relativamente antiga. Em 1960, constituíam a segunda comunidade estrangeira do país com 6.357 residentes, depois da espanhola com 11.713 (Censo de Portugal, 1960), e correspondiam a cerca de 1/5 dos estrangeiros residentes no país. Deve aqui destacar-se o efeito de contracorrente à emigração portuguesa para o Brasil, especialmente entre 1870 e 1960, momento em que a América como área de destino (sobretudo Brasil) foi substituída pelos países europeus, principalmente França.

Entre 1960 e 1981, o significado da

comunidade brasileira em Portugal diminuiu em termos relativos, especialmente devido ao crescimento das comunidades africanas, fenômeno associado, entre outros aspectos, à descolonização da África (ocorrida entre 1974 e 1976).

Recentemente, após um período de relativa estagnação do fluxo, a emigração brasileira para Portugal voltou a crescer, ocorrendo ao longo de toda a década de 80, um crescimento superior ao do conjunto dos estrangeiros. "É possível, que após 1991, a taxa de variação dos brasileiros em Portugal tenha começado a decrescer em virtude da diminuição das oportunidades de emprego no quadro de uma crise conjuntural e, sobretudo, da política restritiva adotada pelo governo português no quadro da CEE." (Malheiros, 1993: 108) Tal política reflete-se nas alterações recentes observadas nas leis de imigração.

## A RECENTE LEGISLAÇÃO IMIGRATÓRIA PORTUGUESA E SEU CARÁTER RESTRITIVO

Tendo em vista o estabelecimento de normas comuns para os países da CEE, foi assinado em 1990 o acordo de Schengen, pelos países que formam o Benelux (Luxemburgo, Bélgica e Holanda) e ainda pela Itália, França, Alemanha, Espanha, Grécia e Portugal. Tal acordo, visa a supressão do controle das fronteiras comuns, e prevê uma cuidadosa vigilância em relação à entrada de estrangeiros no território comunitário. Desde então, algumas medidas passaram a ser tomadas por Portugal no sentido de controlar a entrada de imigrantes, inclusive brasileiros. Em 8 de março de 1993, entrou em vigor a "Lei de Estrangeiros", Decreto-Lei nº 59/93, pelo qual todo cidadão estrangeiro, não comunitário, que pretenda visitar Portugal precisa exibir à entrada do país - se solicitado - além do passaporte em ordem, a passagem de volta ao país de origem, a quantia equivalente a U\$150,00 e mais U\$50,00 por dia de permanência prevista.

O Decreto-Lei, inspirado em legislações internas de vários países da Comunidade Européia e no acordo de Schengen,

DISTRIBUIÇÃO DOS IMIGRANTES BRASILEIROS\* SEGUNDO A FAIXA ETÁRIA Portugal, 1991

Faixa Etária	Pessoas	%
até 14 anos	1153	9,09
15-24 anos	6196	48,87
25-34 anos	3955	31,21
35-44 anos	392	3,09
45-54 anos	646	5,09
55-64 anos	72	0,56
acima de 64 anos	264	2,08
<b>TOTAL</b>	<b>12678</b>	<b>100,00</b>

\* legalizados

Fonte: INE, 1991

DISTRIBUIÇÃO DOS IMIGRANTES BRASILEIROS\* SEGUNDO O RAMO DE ATIVIDADE Portugal, 1991

Atividades	Pessoas	%
Profissionais Liberais	3194	28,41
Estudantes	3069	27,30
Empr. em Serv. de Média Qualif.	1805	16,05
Professores	1153	10,26
Setor não Ativo	819	7,28
Empr. em Serviços Ñ Qualificados	597	5,31
Outros (Religiosos, Esportistas...)	342	3,04
Comerciantes	264	2,35
<b>TOTAL</b>	<b>11243</b>	<b>100,00</b>

\* legalizados

Fonte: INE, 1991

constitui um instrumento a serviço da Comunidade Européia contra a imigração ilegal, através de suas fronteiras externas. Também de acordo com a nova lei, a competência de expulsar cidadãos estrangeiros, ilegalmente residentes, que era até agora exclusivamente dos tribunais, é ampliada para as autoridades administrativas do Serviço de Estrangeiros e Fronteiras (SEF). O processo de expulsão de imigrantes ilegais torna-se, dessa maneira, muito mais ágil, a exemplo do que já ocorre em outros países europeus.

O caráter restritivo da nova lei estende-se ainda à punição (criminalização) do auxílio, dado por qualquer cidadão português à imigração ilegal, até então inexistente em Portugal. Os imigrantes clandestinos ficam sujeitos a multas, detenção e expulsão, e para os agentes de imigração e empregadores de mão-de-obra ilegal, são previstas multas pesadas e prisão de até dois anos (Cap. VIII, art.93°).

No entanto, as possibilidades de fiscalização ainda são reduzidas e conforme afirmou um funcionário do SEF "... essa lei ainda deverá sofrer vários ajustes para ser amplamente aplicada." (Entrevista junto ao SEF, Coimbra 1994).

De qualquer modo, as medidas de "fechamento" das fronteiras a alguns trabalhadores brasileiros, acrescidas de conflitos decorrentes da concorrência entre imigrantes brasileiros e portugueses no mercado de trabalho local, e de expressões de xenofobia, acabaram provocando incidentes diplomáticos, com a reação das autoridades brasileiras à quebra do "Tratado dos Direitos Iguais de Cidadania", que vigorava desde 1972.

Além disso, houve manifestações contrárias também em território português, por parte de alguns setores da Igreja Católica e do Movimento de apoio ao Imigrante (MAI), que defenderam a ampliação de campanhas de regularização da situação dos imigrantes clandestinos e repudiaram a "Lei dos Estrangeiros". Em documento intitulado "Movimento Fronteira Aberta / A Pátria é a Minha Língua", elaborado por bispos católicos, foi repudiada a expulsão de clandestinos, sem direito a recurso; a detenção nos denominados centros de instalação temporária e, principalmente, "... a obrigação dos cidadãos

portugueses de comunicar à polícia, sob pena de multa, os dados pessoais de um hóspede estrangeiro em sua casa" (Portugal em Foco, Rio de Janeiro, Abril de 1993).

Até o momento, o número de expulsões e punições foi extremamente reduzido, sendo que, no caso dos brasileiros, as ocorrências foram largamente divulgadas pela imprensa.

Do lado da população portuguesa, de um modo geral, existe uma atitude bastante ambígua, em relação à questão, pois se há o temor da competição num mercado de trabalho restrito, há, por outro lado, uma simpatia para com o povo do "país irmão", que durante centenas de anos foi receptor dos emigrantes portugueses. Além do mais, coloca-se, na maioria das vezes, o caráter temporário desses movimentos migratórios realizados por uma população essencialmente jovem, de classe média e que tem no horizonte o desejo de regressar ao Brasil.

Conforme afirma Margolis (1994: 13) "Nos últimos anos, migrantes de classe média dos países em fase de industrialização se tornaram importantes participantes nessas movimentações globais, em oposição ao estereótipo dos migrantes estrangeiros como pessoas que se afastaram de sua terra natal em virtude da pobreza e da falta de esperança." Isso ocorre, à medida que um grande número de profissionais capacitados não consegue obter emprego em seus países de origem, com níveis de salários considerados compatíveis à qualificação. A migração surge então como uma possibilidade de inserção mais satisfatória, tendo em vista a mobilidade social. Para Margolis, esse é o caso típico do Brasil.

E, apesar dos protestos populares crescentes contra as ondas de imigrantes que invadem aqueles que recentemente transformaram-se em "países de imigração", existe uma realidade pela qual tais países se beneficiam desses fluxos globais e que diz respeito a uma oferta de mão-de-obra, praticamente ilimitada, muitas vezes itinerante, constituindo o que Margolis (1994) chama de "migrantes universais".

Quando a sensação de "provisoriamente" da permanência do migrante deixa de estar presente é que, ao

que tudo indica, acentuam-se os conflitos.

Nesse sentido, a tentativa de obtenção de um passaporte português ou de qualquer país da CEE significa concretamente a ameaça da permanência, da aquisição da "cidadania européia", da disputa por serviços sociais e previdenciários, da presença - enquanto grupo - de características culturais, distintas daquelas do país receptor.

As resistências que se formam, manifestam-se de diferentes maneiras, seja sob a forma de preconceito racial ou social. Mas, de maneira geral, estão cada vez mais presentes e evidenciam-se, no caso Europeu, através das medidas restritivas adotadas pela legislação dos países da Comunidade Econômica Européia.

*\* Lúcia Maria Machado Bógus é professora do Departamento de Sociologia e do Programa de Estudos Pós-Graduados em Ciências Sociais da PUC/SP. Este Trabalho foi realizado com a colaboração de Carolina de Souza Nazareth Galesi, Bacharel em Ciências Sociais pela PUC/SP.*

## NOTA

1- Este texto constitui parte de trabalho apresentado no Seminário "Emigração e Imigração Internacionais no Brasil Contemporâneo", realizado pelo NESUR/UNICAMP. Campinas, Setembro de 1994.

## BIBLIOGRAFIA

- Almeida, João Ferreira et AlII - "Recomposição Sócio-profissional e Novos Protagonistas", Lisboa, Mimeo, 1993.
- Bógus, Lúcia Maria Machado - "Migrantes Brasileiros na Europa Ocidental: uma abordagem preliminar", trabalho apresentado no Seminário "Emigração e Imigração no Brasil Contemporâneo", NESUR/UNICAMP. Mimeo, Campinas 1994.
- FNUAP - Fundo das Nações Unidas para a População - A Situação da População Mundial, USA 1993.
- \_\_\_\_\_ - Relatório Anual, USA 1993.
- Malheiros, José - "Os Estrangeiros em Portugal" in: Comunidades Indianas na AML - Geografia do Reencontro. Policap, Universidade de Lisboa (Faculdade de Letras), Lisboa, 1993.
- Margolis, Maxine L - Little Brazil, Imigrantes Brasileiros em Nova York, Papyrus Editora, São Paulo, 1993.
- Sales, Teresa - "Imigrantes estrangeiros, imigrantes brasileiros: uma revisão bibliográfica e algumas anotações de população". Revista Brasileira de População, v. 9, número 1, p. 50-64, 1992.
- Sassen, Saskia - The mobility of labor and capital - study in International Investment and Labor Flow. Cambridge University Press, N.Y., 1988.
- Tassello, Graziano - "Itália, País de Imigrantes", in Travessia - Revista do Migrante, CEM, ano IV, nº 11, pp. 21-26, São Paulo, 1991.

# DEKASSEGUI

## TRABALHADORES NIPO-BRASILEIROS NO JAPÃO

Elisa Massae Sasaki\*

### O TERMO DEKASSEGUI E SUA MUDANÇA DE CONOTAÇÃO

O termo japonês **dekassegui** diz respeito às pessoas que vão trabalhar fora da residência. Nos tempos remotos, era empregado aos emigrantes do Norte e Nordeste do Japão que se dirigiam para as regiões mais desenvolvidas como Tokyo e Osaka, à procura de trabalho. Este mesmo termo é empregado no fenômeno em estudo, que é a ida (ou a volta?) dos descendentes de japoneses para o país de origem. Chamaremos de Nikkei todos aqueles descendentes de japoneses nascidos fora do Japão.

No início do fenômeno, em meados da década de 80, o termo dekassegui era empregado com um tom pejorativo. O indivíduo que ia como dekassegui implicava em dizer que ele se encontrava em extrema dificuldade e ia ao Japão sob condições ilegais ou clandestinas, submetendo-se a atividades braçais em indústrias recusadas pelos nativos (japoneses), que são trabalhos caracterizados pelo trinômio pesado-sujo-perigoso. Sendo assim, o indivíduo procurava não anunciar para ninguém sobre a sua partida ao Japão. Mas no decorrer do tempo, quando começou a se avolumar e massificar a ida de nikkeis ao Japão como mão-de-obra barata, a conotação do termo dekassegui começa a sofrer alterações. Diante deste quadro, os nikkeis enxergavam a ida ao Japão como uma alternativa para driblar a crise brasileira. Isso chega ao ponto de se estranhar aqueles que se recusassem a ir trabalhar como mão-de-obra barata no Japão.

Podemos pensar que esta mudança



Foto: Arquivo pessoal da família Takashi

de conotação do termo Dekassegui perpassa pela questão da legitimidade acompanhada de legalidade à medida que o fluxo começa a se avolumar, sendo uma das formas de a colônia nipo-brasileira se posicionar diante de uma situação que tendia a crescer. Começaram a procurar o lado positivo deste fluxo, alegando que seria uma boa oportunidade de os nikkeis conhecerem a sua terra de origem, ver a cultura e o país de seus antepassados mais de perto, trazendo de volta certas noções ou valores que seriam importantes para a manutenção da colônia japonesa.

Acredito que o outro lado da moeda também é pensado, sob o mesmo raciocínio. Uma vez que o nikkei entra em contato com a cultura japonesa em si, isto é, diferente daquela que imaginava ou ouvia dizer aqui no Brasil antes de partir, ele

começa a questionar e talvez até mesmo reconsiderar os valores brasileiros. Em outras palavras, na mesma medida que a ida ao Japão pode trazer ao nikkei os valores japoneses (não sei até que ponto eles podem ser chamados de autênticos ou então originários, uma vez que o Japão hoje está mergulhado num processo de internacionalização) eles podem trazer à tona, ou sentir, ou visualizar melhor as noções brasileiras que tinham. A colônia nipo-brasileira, acredito que espera trazer os valores que eles tinham na década de 20/30 quando veio a imigração japonesa. Isto é, longe da realidade japonesa que se encontra dentro de um processo de mudança muito grande, a colônia nipo-brasileira vive num tempo e espaço que ela mesma criou, que não necessariamente correspondem aos do Japão. Com isso não

quero dizer que a colônia se ilude ao raciocinar dessa forma. Pelo contrário, a sua manutenção pode estar exatamente na conscientização de que a fonte em que se alimenta - a realidade japonesa - está continuamente em mudança. Isso pode, sim, trazer-lhe vitalidade, desde que tenha claro que todos estão mergulhados em uma dinâmica de mudanças.

É neste sentido que existe uma idéia de legitimidade na mudança de conotação do termo Dekassegui, além da legalidade em termos legislativos, dada através da nova Lei de Controle de Imigração em junho de 1990. Sobre isso, penso que o que veio a culminar nesta reforma legislativa, foi o processo desencadeado, ou seja, a tendência de crescimento do fluxo de dekassegus ao Japão, chamando a atenção das autoridades governamentais (Brasil e Japão).

## NOVA LEI DE CONTROLE DE IMIGRAÇÃO - 1990

Após a reformulação legislativa, com a criação da Lei de Controle de Imigração em junho de 1990, houve uma abertura que facilitou a entrada de nikkeis. Com isto, os trabalhadores nikkeis puderam sair da clandestinidade e massificar o fluxo migratório, que hoje pode ser considerado o segundo maior do Brasil (girando em torno de 150.000), perdendo apenas para a emigração aos EUA (em torno de 360.000).

A obtenção de vistos de permanência no Japão ficou mais fácil aos nisseis (descendentes de japoneses da 2ª geração, isto é, 1º filhos de japoneses nascidos fora do Japão). Tal facilidade de obtenção permite aos nisseis fazer qualquer coisa no Japão - estudar, trabalhar, passear, etc. Para a geração de sanseis (os netos de japoneses nascidos no Brasil) em diante, a burocracia é maior.

Os mais jovens compunham uma boa parte do volume do fluxo pois agora existem vários níveis de "tranquilidade" que antes não havia: tem a proteção legislativa ou a legalidade cuja finalidade é prevenir a exploração ilícita por parte dos agenciadores (intermediários) ou maus empregadores; equipararam-se as condições

de trabalho às dos japoneses; criou-se um sistema de regularização de trabalho nikkei no Japão, o que dispensa a intervenção de terceiros na procura e obtenção de empregos. Além disso, muitos conhecidos e/ou parentes já foram anteriormente e já fizeram uma espécie de "reconhecimento do terreno" o que tranquiliza os familiares para mandar os seus entes mais jovens.

À medida que se massifica o fluxo de nikkeis trabalhadores ao Japão, cria-se um estado de segurança que vai desde a tranquilidade familiar em nível individual, criação de um mercado local pelos próprios nikkeis tendo como público principal os trabalhadores brasileiros (citando alguns exemplos, surgimento de restaurantes brasileiros, lojas que têm vendedoras que falam português, creches onde os próprios nikkeis cuidam das crianças, circulação de jornal criado pelos próprios nikkeis) até a criação de instituições ou centros de apoio, de atendimento, de informações e de orientação junto aos órgãos municipais (em cidades, como Hamamatsu, onde havia maior concentração destes trabalhadores nikkeis), culminando na emergência da Lei de Controle de Imigração. Por um lado, todo este aparato de apoio contribuiu para a ida de nikkeis ao Japão de modo bastante facilitado. Mas por outro, estas facilidades e massificação do fluxo trouxe vários tipos de problemas que não existiam até então. Tais problemas são de natureza social, tais como conflitos entre os trabalhadores estrangeiros, no caso os nikkeis brasileiros e a população local. Citando um exemplo: sabendo que estavam protegidos pela lei, os jovens nikkeis andavam em grupos pelas ruas perturbando a vizinhança. Houve relatos em entrevistas com a população local de que antes da Lei da Imigração, os trabalhadores (não só nikkeis brasileiros) eram mais comportados pois sabiam que se fizessem qualquer coisa que chamasse a atenção, logo seriam identificados como emigrantes clandestinos e seriam deportados.

É interessante citar o surgimento de casamentos simulados entre nikkeis e não-descendentes para que estes(as) últimos(as) adquiram os mesmos direitos e facilidades burocráticas para trabalhar no Japão. E chegando no Japão o casal logo se separava, pois desde o início não havia

nenhum tipo de vínculo afetivo, interessando apenas o lado burocrático.

Embora a maioria dos casos tenham ocorrido no Peru, onde também ocorre evasão de nikkeis para trabalhar no Japão, é interessante o caso da compra e venda de certidões de registro familiar. Os nikkeis vendiam as cópias de certidão familiar aos peruanos e estes faziam cirurgias plásticas nos olhos para que se assemelhassem aos japoneses. Talvez no caso peruano a situação econômica esteja bem mais gritante que a do Brasil, chegando a este ponto de apelação. De qualquer modo, casamento simulado, compra e venda de certidões familiares e cirurgias plásticas, indicam de uma certa forma que a ida ao Japão como dekassegui é uma boa alternativa para melhorar de vida.

## PERFIL DOS DEKASSEGUIS

A partir dos dados da pesquisa sobre os Dekasseguis (Fundação Toyota, 1992)<sup>1</sup>, em termos gerais, notamos que no início do processo emigratório, nos meados da década de 80, os dekassegus eram, na sua maioria, homens casados, chefes de família com 40 a 60 anos, de nacionalidade japonesa, ou então, segunda geração de descendentes japoneses (nisseis), com domínio da língua japonesa. Entretanto, à medida que o movimento emigratório se massificou, sobretudo com a abertura dada pela reforma legislativa da imigração em 1990, o perfil geral do trabalhador nikkei praticamente se inverteu: são jovens de 20 a 30 anos, com proporção equiparada entre homens e mulheres, com bom nível de escolaridade, uma boa parte de solteiros, são da terceira ou quarta geração de descendentes de japoneses nascidos no Brasil, com muito pouco domínio da língua japonesa.

Esta mudança de faixa etária para mais jovem e o número crescente de solteiros deve ser decorrência tanto dos fatores de expulsão (a má situação econômica do Brasil) e por outro lado a atratividade de melhor remuneração, além dos fatores culturais, de querer adquirir experiência e conhecer um outro país. Para tal, existe todo um aparato "tranquilizante" que vem sendo criado, como, por exemplo, a

reformulação legislativa e a criação de mercados locais, isto é, cidades onde se concentram muitos dekassegui brasileiros, o que acaba criando um "ambiente familiar" ou pelo menos não totalmente estranho (tendo alguma "brasilidade" no ar).

## OLHAR-SE NO ESPELHO

Sobre a questão cultural enquanto motivo para prolongar a permanência dos dekassegui no Japão, acredito que haja uma dupla dimensão. Por um lado, o dekassegui tem contato com os valores japoneses, mas por outro, juntamente com a emigração massificada de nikkeis brasileiros ao Japão, foi levado um pouco do Brasil. (Arrisco a dizer que seja até um processo inevitável e indo mais além, um processo irreversível). Deste modo, ao mesmo tempo que o dekassegui se encontra fora de seu país, existem sinais de "brasilidade" onde tiver grupos de brasileiros, como nas cidades onde eles mais se concentram.

"Sentir-se em casa fora de casa" pode propiciar o prolongamento no tempo de permanência e até mesmo a fixação de residência no Japão. Assim como a presença de trabalhadores estrangeiros já está (inevitavelmente) acarretando transformações no espaço sócio-cultural, político e econômico do Japão, a residência permanente destes trabalhadores pode futuramente implicar em outras novas transformações. É questionável se os nikkeis não irão formar uma comunidade - formação esta que já deve estar necessariamente em andamento - assim como os seus pais e avós acabaram criando no Brasil quando imigraram na primeira metade deste século. Cabe lembrar que estes imigrantes japoneses tinham o mesmo caráter temporário inicial como os dekassegui de hoje. Se isto ocorrer, o Japão assistirá sérios problemas sociais, não só culturais mas também habitacionais que mesmo para os próprios nativos de hoje são problemas difíceis de se resolver.

Mesmo não chegando a este ponto, a presença de brasileiros nikkeis no Japão, carregando um pouco de sua brasilidade na bagagem, irá inevitavelmente e

irreversivelmente influir no espaço japonês. Os japoneses e os nikkeis brasileiros estarão em constante contato, independente de isso ser bom ou ruim. Os japoneses saberão quem são os nikkeis; saberão quais são as proximidades e as distâncias entre os nativos e os descendentes destes nascidos em outros países; conhecerão outras facetas do Brasil que desconheciam até então e vice-versa (esta noção de reciprocidade é fundamental nesta relação). Neste sentido, a ocupação de um espaço pelos migrantes estrangeiros no Japão pode tanto trazer implicações negativas como criar atritos e segregação, assim como ter um inevitável intercâmbio cultural. Diante disso, ambos os lados podem, ou tornar-se maleáveis e flexíveis, bem como, no outro extremo, negar totalmente o "outro" e reforçar os valores de até então.

Talvez o encontro e o contato entre o japonês e o nikkei seja menos fácil do que com os não-descendentes, pois com estes últimos a diferença é nítida, a começar pela fisionomia. Já com os nikkeis, colocam em questão até que ponto são semelhantes e até que ponto o outro é "estrangeiro". Há quem diga que o japonês nunca considerou o nikkei como um japonês. Mas pode-se assegurar que para se chegar a esta conclusão, ele teve que se questionar e avaliar o outro e a si mesmo, isto é, teve que entrar num processo de reflexão, olhar-se no espelho e comparar-se, olhar para si mesmo para pensar o coletivo. Este processo cabe a ambos. Mas seja lá qual for o desdobramento desta relação, o contato em si implicará em alguma transformação. À medida que o dekassegui vai ocupando seu espaço no Japão, ele vai criando uma identidade que lhe é singular. Ele é e ao mesmo tempo não é japonês; é e não é brasileiro; é um nikkei trabalhando como mão-de-obra barata na terra de seus antepassados. Ele busca no seu passado a construção do seu futuro, não só em termos geográficos mas também culturais, econômicos e materiais.

Cento e cinquenta mil nikkeis trabalhando fora de seu país, em condições de trabalho semelhante, isto é, dentro de uma determinada margem, enfrentando problemas e desfrutando experiências, compartilhando os mesmos sentimentos

como saudades e solidão, conhecendo o 'novo-exótico' e reconhecendo o 'velho-familiar' - são fatores que se combinam e acabam criando uma certa coesão entre os dekassegui e formando assim a sua própria identidade. Cabe questionar se esta identidade de Dekassegui só existirá enquanto estiverem no Japão ou se a mesma persistirá quando retornarem ao Brasil?! E se persistir no retorno, que conotação adquirirá: positiva ou negativa? O retorno ao país de origem pode não ser tão fácil quanto se imagina, uma vez que o emigrante volta com outras 'lentes' que adquiriu na sua experiência enquanto dekassegui.

Às vezes tem-se a sensação de que o dekassegui está traçando a trajetória inversa de seus pais ou de seus avós - os imigrantes japoneses vieram ao Brasil com o mesmo objetivo que os emigrantes brasileiros foram buscar no Japão ("efeito espelho" - a relação entre a imagem e o seu reflexo).

Neste sentido, a experiência migratória é vivida não somente pelo trabalhador estrangeiro, mas também, na mesma proporção, pelos nativos.

*\*Elisa Massae Sasaki é mestranda em Sociologia, participante do Projeto de Pesquisa "Novos Fluxos Migratórios da População Brasileira" - IFCH/UNICAMP, sob a coordenação de Teresa Sales.*

### NOTA

(1) Os dados aqui apresentados foram em grande parte retirados do relatório de pesquisa da Fundação Toyota, resultado da pesquisa de campo em Tomé Açu (PA), Mogi das Cruzes (SP) e Bastos (SP), da qual participei.

### BIBLIOGRAFIA

- CENTRO DE ESTUDOS NIPO-BRASILEIROS, *A realidade dos trabalhadores nikkeis brasileiros e a sua influência sobre a comunidade nipo-brasileira*, jan.1993, SP, mimeo.

- FUNDAÇÃO TOYOTA (financiamento), *A realidade e a influência dos dekassegui nikkeis brasileiros - comparação entre 3 comunidades nipo-brasileiras. Relatório da equipe brasileira*, 1992, mimeo.

- KATO, H.; MIYAZAKI, S.; SUGO, A. - *Mão-de-obra do Brasil para o Japão: aspectos econômicos e impactos nas empresas do fenômeno Dekassegui*, Centro de Estudos Japoneses da Escola de Pós-Graduação em Economia (EPGE) da Fundação Getúlio Vargas, 1992, mimeo.

- SASAKI, Elisa Massae, *Fenômeno Dekassegui - Imigrantes Brasileiros no Japão*, monografia de final de curso (graduação) apresentada na UNICAMP, 1993, mimeo.

# SER VALADARENSE: A CONQUISTA DE NOVA POSIÇÃO NO ESPAÇO SOCIAL E A “(RE)TERRITORIALIZAÇÃO” NA ORIGEM

Weber Soares\*

## Introdução

O presente texto, além de ser construído para sistematizar os dados resultantes de duas pesquisas empíricas, motivadas pelo esforço de compreender a articulação entre dois processos distintos na cidade de Governador Valadares: a emigração de valadarenses para outros países e a dinâmica de compra e venda de imóveis, tem por objetivo central vazar a configuração imediata que esses dados sugerem: o ato de enquadrar os investimentos, praticado por um expressivo grupo de emigrantes no mercado imobiliário valadarense, no âmbito das relações estritamente econômicas.

Ao evidenciar o volume e a espacialização dos investimentos feitos em Valadares, dando, conseqüentemente, visibilidade à nova posição que o emigrante passa a ocupar no espaço social valadarense - a de “investidor” -, o que se pretende é avançar para além dos aspectos puramente econômicos que essa posição insinua.

Logo, está em pauta não o fato de o emigrante valadarense encontrar-se dividido entre a imagem passada que tem de si mesmo, aquela que foi moldada no lugar de origem, e os valores culturais vinculados às redes sociais de destino, mas sim os sinais que indiquem resistência ao processo de fragmentação a que está exposto, que mostrem o sentido de grupo distinto, nas-

cido das representações oriundas daquele espaço em que a existência está repleta de densidade.

Para dar conta da forma como essa tematização foi constituída optou-se por fazer, inicialmente, algumas considerações sobre o comportamento da economia valadarense a partir da década de 60.

A seguir, tendo por base o conjunto de dados referentes ao fluxo migratório de valadarenses para países estrangeiros e à dinâmica imobiliária, buscou-se quantificar aquele fluxo, sua frequência no tempo e direção (países de destino); depois traçou-se o perfil do emigrante e sua participação no mercado de compra e venda de imóveis urbanos em Valadares.

Para discorrer, mesmo que de forma esquemática, sobre os vínculos afetivos com o lugar de origem, indicadores do sentido de grupo, recorreu-se às formulações teóricas desenvolvidas por alguns autores, fundamentalmente, Pierre Bourdieu, que, em larga medida, nortearam toda a argumentação aqui presente.

À luz dessas formulações teóricas, empreendeu-se, ao final do texto, uma reflexão que gravita em torno das implicações subjacentes aos investimentos no mercado de compra e venda de imóveis urbanos em Valadares, realizados por substancial parcela dos emigrantes, no entendimento do que significa ser valadarense.

## Valadares: economia em crise e os fluxos migratórios

O município de Governador Valadares, criado em 31/12/1937, situa-se no leste mineiro e abriga, de acordo com o Censo de 1991, uma população de 230.524 habitantes; já sua sede, localizada a 303Km da capital do estado, comporta uma população de 210.396 habitantes.

Na década de 60 a fragilidade de sua economia, fundada até então no extrativismo mineral e vegetal, adquire contornos bem nítidos. A crise da mica causada pela obstrução do mercado de exportação e o esgotamento das reservas florestais, ocasionando o fechamento de várias serrarias, bem como a mudança de diversas fábricas que industrializavam a madeira, davam um golpe profundo na economia do município.

O desenvolvimento da pecuária de corte e leite, ocupando o lugar de atividade econômica mais importante no município, mostrou-se incapaz de absorver a mão-de-obra desligada das atividades produtivas relacionadas ao ciclo extrativista.

“Ao final dos anos 70, Governador Valadares e a região polarizada pela cidade já eram consideradas zonas-problema de Minas Gerais, bolsões evidentes de pobreza e tensão social”<sup>1</sup>; apenas o setor

terciário se vê fornecido pelo aumento da comercialização do gado e das pedras preciosas.

No início dos anos 80, de acordo com estudo elaborado pela Fundação João Pinheiro, o setor terciário já encontrava-se saturado para a demanda regional; ou seja, "... o comércio e a prestação de serviços em Governador Valadares já teriam se expandido até os limites das necessidades de atendimento da sua região de influência, não podendo, por isso, alimentar um novo ciclo expansivo."<sup>2</sup>

Em paralelo, nota-se que, em Valadares, o dinamismo econômico das décadas de 50 e 60, alimentado por seus centros populacionais (madeira, mica e pecuária), responde, em grande parte, pela manutenção de um contínuo fluxo de imigrantes, atraídos pelos sonhos de enriquecimento e de prosperidade que emanavam da região.

Mesmo ao final dos anos 70, vivendo um quadro de relativa estagnação econômica e de desaceleração abrupta das taxas de crescimento médio anual da população (13% nos anos 60 e 3% nos anos 80)<sup>3</sup>, os fluxos migratórios para Valadares mantêm-se positivos, mas sofrem alteração significativa, ou seja, o município já apresentava em 1980, características de centro expulsor, onde "... os elevados índices de subutilização de mão-de-obra ... geravam a emigração em busca de emprego no Vale do Aço e até em Belo Horizonte."<sup>4</sup>

Entretanto, essa emigração não se faz só internamente, no âmbito do território brasileiro, ela rompe as fronteiras nacionais. Suas características principais, expostas a seguir, têm por base pesquisa de campo, realizada em janeiro de 94 junto a 623 domicílios na sede do município de Governador Valadares.

## A emigração de valadarenses para outros países

O número de emigrantes valadarenses que se encaminharam para outros países, de todas as idades, é da ordem de 33.468; o que representa, tendo por base o Censo de 1991, 15,9% da população encontrada na sede municipal e 14,5% da população do município. Esses percentuais são expressivos, mas ficam aquém das quantificações

veiculadas pela imprensa.

Pela **tabela 1** percebe-se que a emigração de valadarenses para outros países, com idade superior ou igual a 16 anos (menor idade com que os emigrantes investiram no mercado), tem início nos anos 60, sofrendo um aumento expressivo na primeira metade da década de 80. Só na segunda metade dessa década estão concentrados 43,6% do total de valadarenses que emigraram. Esse fato, se correlacionado aos aspectos recessivos que marcaram a economia brasileira dos anos 80, e muito mais a economia valadarense, aponta para uma das causas da evasão dessa força de trabalho.

Desse total de 27.210 emigrantes com idade superior ou igual a 16 anos, 82% escolheram como país de destino os EUA; em segundo lugar vem o Canadá, enquan-

to os outros países de destino tiveram participação pouco expressiva no âmbito da escolha dos emigrantes.

Além disso, pelo exposto na **tabela 2** conclui-se que 30% dos emigrantes valadarenses assumiram a condição de definitivos enquanto, somados os percentuais relativos aos pendulares, aos temporários e aos retornados, pode-se dizer que 49,0% deles não se integraram definitivamente ao contexto das relações sociais de adoção. E mais, pendulares e temporários juntos (34%), expressam a condição do emigrante que alimenta a possibilidade de retorno, num futuro próximo, às relações sociais de origem, "... que se considera fora do seu lugar, fora de 'suas' relações sociais, e que, no limite, não se considera dentro mesmo quando está."<sup>5</sup>

TABELA 1		
Distribuição absoluta e percentual dos emigrantes valadarenses de acordo com o período em que se deu a primeira experiência migratória para outros países		
PERÍODO	ABSOLUTA	PERCENTUAL (%)
De 1960 a menos 1970	462	1,7
De 1970 a menos 1975	1.007	3,7
De 1975 a menos 1980	816	3,0
De 1980 a menos 1985	4.082	15,0
De 1985 a menos 1990	11.864	43,6
De 1990 a menos 1994	5.360	19,7
Período ignorado	1.714	6,3
Não forneceu informação	1.905	7,0
<b>TOTAL</b>	<b>27.210</b>	<b>100,0</b>

Fonte: Pesquisa sobre a emigração de valadarenses para outros países e impactos no mercado imobiliário, 1994.

TABELA 2		
Distribuição absoluta e percentual dos emigrantes valadarenses de acordo com a condição migratória		
CONDIÇÃO	ABSOLUTA	PERCENTUAL (%)
Pendulares	1.714	6,3
Temporários	7.537	27,7
Definitivos	8.163	30,0
Retornados	4.082	15,0
Outra	544	2,0
Condição ignorada	3.265	12,0
Não forneceu informação	1.905	7,0
<b>TOTAL</b>	<b>27.210</b>	<b>100,0</b>

Fonte: Pesquisa sobre a emigração de valadarenses para outros países e impactos no mercado imobiliário, 1994.

Tendo tratado os aspectos quantitativos do fenômeno migratório, faz-se necessário caracterizar a posição ocupada, no campo social, pelo emigrante valadarense antes da partida.

Enquanto 62,6% dos emigrantes situam-se entre 16 e 40 anos inclusive, apenas 35,9% da população residente em Valadares enquadra-se nessa faixa etária, revelando evasão expressiva da força de trabalho em idade mais produtiva.

No que tange à escolaridade, é significativo o percentual dos emigrantes que cursaram o período compreendido entre o início do ginásio e o término do segundo grau (51%), ao passo que para a população residente o percentual é da ordem de 39,4%. Se tomados os percentuais para os emigrantes e para os residentes que concluíram o segundo grau, encontramos 20,9% e 7,6% respectivamente, o que indica um nível ainda maior de escolaridade para os primeiros.

Parece razoável afirmar, a partir desses dados, que migram os mais aptos e que essa emigração responde, tendo em conta o quadro de relativa estagnação por que passa a economia valadarense, aos fatores negativos prevaletentes no local de origem. Noutros termos, tem-se uma seleção negativa dos emigrantes pautada pela expectativa de melhorias das condições de vida.

Esse abandono de um sistema econômico local pouco produtivo, sinalizando vontade de mudança de posição no espaço social, fica mais evidente ainda se considerarmos que 69,6% dos emigrantes trabalhavam antes de emigrar. Enfim, certas necessidades de consumo socialmente definidas, em muitos casos para atender à lógica de intensificação das relações capitalistas, não podiam ser supridas por uma economia urbana em que 46,5% dos emigrantes percebiam, antes da partida, menos de 5 (cinco) salários mínimos.

Se era essa a remuneração, na origem, de grande parte da força de trabalho que migrou, nos locais de destino, Canadá por exemplo, os emigrantes brasileiros do sexo masculino faturam no "mínimo" 1.000 dólares por mês; enquanto 42,0% deles ganham, nos EUA, entre 500 a 1.000 dólares por mês<sup>6</sup>. O que mostra, por baixo, uma remuneração quatro vezes maior do

que a recebida em Valadares.

Ocupando, nos países de destino, vazios deixados no mercado de trabalho secundário - "... aquele que comporta os empregos que requerem pequeno ou nenhum treino, mais baixa escala de salários, oferecem pouca ou quase nenhuma oportunidade de mobilidade e são caracterizados pelo rápido turnover (alta rotatividade)"<sup>7</sup>, o emigrante vê sua renda aumentar, capacitando-o a tornar-se demanda solvável de bens de consumo duráveis no local de origem; enfim, ele está pronto para articular-se, para inserir-se num patamar de consumo, cujos bens, estavam longe de ser adquiridos com os rendimentos obtidos no Brasil.

### Os investimentos no mercado imobiliário valadarense

Os emigrantes valadarenses mantêm estreita relação com a terra de origem; relação que, numa de suas dimensões empíricas, se manifesta pelo contínuo fluxo de moeda estrangeira (dólar) que chega até à cidade. Conceber que o procedimento dos 62,7% de emigrantes que remeteram algum dinheiro para Valadares é apenas resultado de sua racionalidade econômica, não parece razoável.

Tomando como centro de atenção só os investimentos realizados no mercado imobiliário, ou melhor, a quantidade de terrenos, de casas, de apartamentos e de comércios adquirida, no período de 1984 a 1993, por 38,0% dos emigrantes com idade superior ou igual a 16 anos, percebe-se pela **tabela 3** que esses objetos imobiliários

juntos totalizam 6.892 unidades. Consta-se, também, uma clara preferência pelos imóveis residenciais, uma vez que somados, casas e apartamentos, representam 59,2% das preferências.

Além disso, dos 33,6% de emigrantes que investiram no mercado imobiliário valadarense, percentual relativo àqueles emigrantes para os quais foi possível controlar o local de domicílio (bairro) antes da partida e o local escolhido (bairro) para investir, 68,0% deles optaram por aplicar os recursos monetários, adquiridos no estrangeiro, nos mesmos bairros em que residiam antes de emigrar.

Em suma, com base na contagem seletiva, por objeto imobiliário, das guias de ITBI (Imposto de Transmissão de Bens Imóveis), é possível afirmar que os emigrantes foram responsáveis por 46,7% de todas as transações imobiliárias ocorridas entre os anos de 1984 e 1993 inclusive. Fato que dimensiona a importância desses investimentos para a economia valadarense, permitindo inferir que o dinamismo do mercado de compra e venda de imóveis urbanos, em Valadares, está intimamente ligado à emigração expressiva de parcela da força de trabalho local, ou melhor, aos investimentos, em moeda estrangeira, realizados pelos emigrantes.

### O mundo social, o amor à terra natal e a (re)territorialização no local de origem

Entretanto, é preciso ir além da configuração imediata que os fatos sugerem: a

**TABELA 3**

**Distribuição absoluta e percentual dos imóveis comprados, por tipo, pelos emigrantes em Valadares**

OBJETO	Abs .	%
Terrenos	2.540	36,8
Casas	2.992	43,4
Apartamentos	1.088	15,8
Comércios	272	4,0
<b>TOTAL</b>	<b>6.892</b>	<b>100,0</b>

Fonte: Pesquisa sobre a emigração de valadarenses para outros países e impactos no mercado imobiliário, 1994.

articulação entre o mercado imobiliário e a emigração de valadarenses para outros países.

Argumenta Bourdieu que o mundo social pode ser representado na forma de um espaço (de várias dimensões), construído na base de princípios de diferenciação resultantes das propriedades atuantes (diferentes espécies de poder ou capital), apropriadas a conferir aos seus detentores força e poder no universo social. Isso significa dizer que nesse espaço (campo social) os agentes distribuem-se de acordo com o volume de capital que possuem e segundo o peso relativo das diferentes espécies de capital no conjunto de suas posses, ou melhor, no volume total de seu capital.<sup>8</sup>

Assim, a posição dos agentes sociais no campo social pode ser identificada pelo conjunto das distribuições das diferentes espécies de capital que funciona como instrumento "... de apropriação do produto objetivado do trabalho social acumulado."<sup>9</sup> Logo, se a posse de um conjunto de bens pelos agentes sociais expressam, empiricamente, as coordenadas da região que ocupam no espaço social, uma alteração no conjunto dessas posses, para mais ou para menos, indica "mudança" de posição nesse mesmo campo.

À luz dos dados que indicam os rendimentos dos emigrantes valadarenses antes de sair para trabalhar em outros países, rendimentos esses insuficientes para constituir demanda solvável da mercadoria cara que é o imóvel urbano, aliados às informações que revelam o volume dos imóveis adquiridos com moeda estrangeira após a emigração, é possível identificar a nova posição ocupada pelo emigrante no campo social de origem: eles passam à condição de investidores.

A predominância da mercadoria imóvel, como objeto de investimento, para mais da metade dos emigrantes que remetem moeda estrangeira para Valadares, indica que "... o conjunto de agentes que ocupam posições semelhantes e (estão) sujeitos a condicionamentos semelhantes, tem com toda a probabilidade, atitudes e interesses semelhantes, logo, práticas e tomadas de posição semelhante."<sup>10</sup> Semelhanças de interesses que estão presentes no expressivo percentual daqueles que investem nos mesmos bairros em que se

encontravam domiciliados antes de emigrar.

Em princípio não é possível entender, se avaliada de acordo com a lógica econômica em sentido restrito (investimentos orientados para maximização da utilidade nos mais diferentes mercados), a conduta dos emigrantes no que tange aos investimentos realizados no mercado imobiliário valadarense: volume e bairros preferenciais. Nesse caso o cálculo econômico não está totalmente subordinado aos fins propriamente econômicos da manipulação do lucro. Está presente, nessa conduta, um sentimento "... que escapa ao axioma 'negócio é negócio' ou 'negócio, negócio; amigos à parte' "<sup>11</sup> e ao qual daremos o nome, recorrendo a neologismo sugerido por Tuan, de topofilia.

O lugar de origem está enraizado na existência de qualquer indivíduo, ou melhor, a vivência do espaço é requisito da experiência individual. O espaço vivido significa um transbordamento dos próprios limites do corpo pela necessidade da vida no espaço, cuja vivência, exercida por meio de categorias de saber cotidiano, permite apreendê-lo como próprio. É o lugar onde vemos as coisas pela claridade que as rege; onde nos relacionamos com elas reconhecendo-as em nós. É o lugar onde nos reconhecemos e onde este mesmo eu pode continuar existindo de forma individualizada; onde, pelo menos aparentemente, a homogeneização, promovida pela lógica do capital, não acontece; onde nos relacionamos com os outros a partir do que nos é comum.

Distanciar-se do lugar de origem significa ruptura espacial com um cotidiano familiar, é começo do desenraizamento com a pequena parte do mundo que nos é própria, pois "... uma pessoa no transcurso do tempo, investe parte de sua vida emocional em seu lar e além do lar em seu bairro... (em sua cidade e sair desse contexto)... é ser despedido de um invólucro, que devido à sua familiaridade protege o ser humano das perplexidades do mundo exterior."<sup>12</sup>

Ao processo de desenraizamento a que estão submetidos os emigrantes contra-põem-se formas de amortecimento, de resistência, de condensação da subjetividade, que se manifestam, no caso valadarense, por meio da compra, da apropriação de

territórios vividos na origem, de espaços, que num limite, representam o refúgio/resgate do eu.

Logo, as rotinas cotidianas vivenciadas na origem, estruturadoras da subjetividade valadarense, do processo de identificação com os espaços singulares de vida, passam a ser, quando os emigrantes estão expostos a alteridades diferentes daquelas das redes sociais a que pertenciam, objeto de um resgate possível no futuro.

A espacialização dos laços afetivos em relação a terra de origem (locus de reminiscências), viabilizada pela nova posição que o emigrante passa a ocupar no espaço social valadarense, é percebida pelo expressivo aumento no volume de compra e venda de imóveis urbanos, em Valadares, a partir de meados da década de 80, ou seja, à desterritorialização provocada pelo fluxo migratório opõe-se um movimento de resistência, a (re)territorialização, a busca de territórios existenciais por meio do mercado imobiliário.

## Conclusão

O conjunto de dados apresentados inicialmente possibilitou a construção de um campo específico de afirmações sobre o comportamento que um percentual expressivo de emigrantes valadarenses assumiu após ter emigrado.

Em primeiro lugar, argumentou-se que, num contexto espacial (Governador Valadares) marcado pela fragilidade de sua economia, o dinamismo do mercado de compra e venda de imóveis residenciais e terrenos urbanos, iniciado em meados da década de 80, não podia ser explicado sem o volume de investimentos realizados, em moeda estrangeira (dólares), por grande parcela da força de trabalho valadarense que emigrou para outros países.

A concretude - materialidade física - desse comportamento: o conjunto dos elementos materiais (terrenos, casas, apartamentos e comércios) apropriados pelos emigrantes, sinaliza a mudança de posição, no campo social valadarense, por que passaram esses emigrantes. Enfim, o resultado dessa prática econômica é a ocupação de novo lugar no espaço social; lugar que implica um modelo postural (forma de comportamento) correspondente ao de "investidor" na terra de origem.

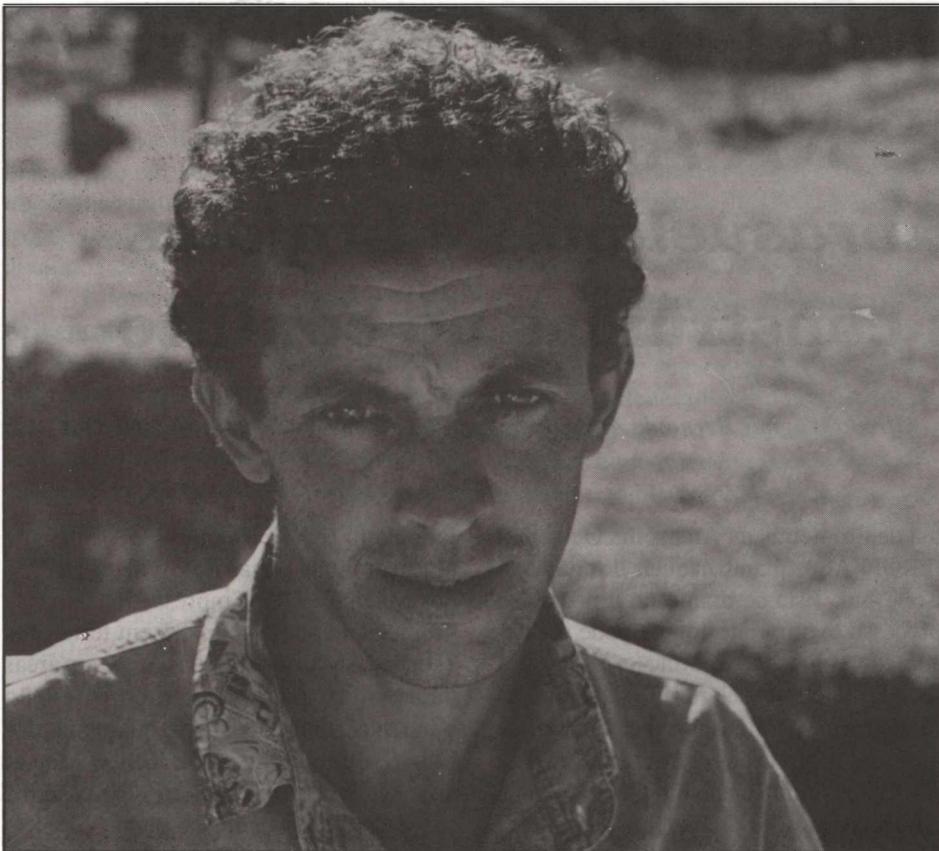


Foto: Pedrão

Mas para ocupar posição de “investidor” no espaço social de origem o emigrante precisou percorrer uma longa trajetória no espaço geográfico; precisou romper as fronteiras do território nacional e pôr-se em contato com uma rede de relações sociais que não eram as suas; sujeitar-se ao processo de desenraizamento/desterritorialização causado pela emigração.

Apesar de os investimentos no mercado imobiliário revelarem elementos de uma racionalidade econômica por parte dos agentes sociais (emigrantes/investidores), o volume e os lugares (cidades e bairros) escolhidos para investir apontam algo mais. Parece razoável entender que essas escolhas não foram determinadas, exclusivamente, por singulares arranjos econômicos, mas que o espaço vivido na origem, território da existência, tem um peso na direção tomada pelos investimentos.

Portanto, a ação de tomar posse de lugar/espaço vivido, enraizado pela experiência de corpo no local de origem, feito por mais da metade dos emigrantes que

investiram no mercado imobiliário valadarense, revela também a presença de laços afetivos, a articulação de uma ordem de subjetivação individual, o movimento de reconhecer a si mesmo na pequena parte do mundo em que o sentimento de “ser parte de” ganha consistência.

Tal argumento reconhece que um grupo social não tem existência em si mesmo, ele “é” no e por meio do espaço (e do tempo). Logo, o espaço (bem como o tempo) é constitutivo do ser social; e se assim é, as relações estabelecidas por um grupo com um determinado lugar, devem, em princípio, fornecer indícios das peculiaridades que esse ser apresenta.

Assim, a articulação desse conjunto de afirmações insinua que ser valadarense, para um significativo percentual dos emigrantes, significa percorrer duas trajetórias: uma no espaço geográfico e outra no espaço social. A primeira fornece as condições para a segunda que se revela pelas posses (terrenos, casas, apartamentos e comércio) no local de origem. Posses que, no entanto, representam, além da

racionalidade econômica, uma forma de resistência ao processo de desenraizamento causado pela primeira.

Enfim, ser valadarense é colocar-se em marcha no espaço geográfico; é cruzar as fronteiras nacionais carregando a sombra do lugar de origem; é ver os laços afetivos com esse lugar adquirindo proporções cada vez maiores e buscar os meios de contrapor-se ao processo de desenraizamento a que está submetido nas relações sociais de destino; é alimentar a perspectiva da volta num patamar em que o enraizamento na origem possa se dar de forma mais concreta. Ser valadarense é integrar-se à força de trabalho do mercado secundário, em países estrangeiros, no intuito de conseguir os recursos necessários para investir na compra de imóveis urbanos em Valadares, no pedaço de chão onde sua existência enquanto parte de um grupo social específico possa adquirir a dimensão de continuidade, ou seja, é investir nos vínculos territoriais constitutivos do ser, nas reminiscências do passado vivido na origem. Numa palavra, é buscar a condição de presença, pois, o emigrante valadarense, é aquele que saiu sem ter saído.

\* Weber Soares é mestrando em Planejamento Urbano e Regional - IPPUR/UFRJ.

## NOTAS

1. COSTA, Sérgio. Política para quem precisa de política: movimentos sociais urbanos, participação e democracia. Belo Horizonte: UFMG, 1991, p.21 (Tese, Mestrado em Sociologia)
2. *Ibidem*. p. 25.
3. *Ibidem*. p. 24.
4. *Ibidem*. p. 26.
5. MARTINS, José de Souza. Não há terras para plantar neste verão: o cerco das terras indígenas e das terras de trabalho no renascimento político do campo. 2ª ed. Petrópolis: Vozes, 1986, p. 50.
6. GOZA, Franklin. A Imigração brasileira na América do Norte. *Revista Brasileira de População*, Campinas, v.9, nº 1, p. 76, jan-jul/1992.
7. SALES, Teresa. Imigrantes estrangeiros, imigrantes brasileiros: uma revisão bibliográfica e algumas anotações para pesquisa. *Revista Brasileira de População*, Campinas, v. 9, nº 1, p. 55, jan-jul/1992.
8. BOURDIEU, Pierre. O poder simbólico. Rio de Janeiro: Bertrand do Brasil S. A., 1989, p. 133.
9. *Ibidem*. p. 135.
10. *Ibidem*. p. 136.
11. BOURDIEU, Pierre. *Coisas ditas*. São Paulo: Brasiliense, 1990, p. 133.
12. TUAN, Yu-fu. *Topofilia: um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente*. São Paulo: Difel, 1980, p. 114.

# EXPORTAÇÃO DAS TENSÕES SOCIAIS NA AMAZÔNIA:

## *Brasivianos, brasuelanos e brajolas -* **Identities construídas no conflito**

Alfredo Wagner Berno de Almeida\*

Os deslocamentos<sup>1</sup> de grupos camponeses e povos indígenas através das fronteiras internacionais, são analisados neste artigo consoante categorias específicas de representação e processos reais em curso, evitando reduzi-los ao que o senso comum intelectual contemporâneo designa como “migrações” ou “migrações internacionais”. Parte-se do pressuposto de que a relativização do princípio da nacionalidade (HOBBSAWM: 1990), notadamente no que concerne à Amazônia, antes de ser uma decisão de aparatos de Estado, que priorizam a integração de mercados e a internacionalização da economia, consiste numa prática necessária de segmentos sociais diversos, apoiados em unidades de trabalho familiar e referidos a circuitos mercantis diferenciados, agrícolas e extrativos.

Primeiramente importa considerar os mencionados deslocamentos enquanto subprodutos de políticas públicas<sup>2</sup>, conformados a interesses conservadores que neutralizam qualquer projeto de reforma agrária ampla, apoiado no instrumento de desapropriação por interesse social, e que procrastinam a demarcação e o desintrusamento das áreas indígenas, bem como impossibilitam o pronto reconhecimento dos direitos de posse. Um dos resultados mais evidentes destas ações oficiais é que, desde fins de 1986, se multiplicam as ocorrências de seringueiros, garimpeiros e pequenos produtores agrícolas (posseiros, arrendatários, meeiros) adentrando territórios de países limítrofes, tanto nas áreas do Projeto Calha Norte e do Progra-

ma de Fronteiras da Amazônia Ocidental (PROFFAO), quanto naquela do chamado Cone Sul. Está-se diante de um intenso processo expropriatório que pode ser designado como de exportação de tensões sociais. O ritmo célere da concentração fundiária e a paralisia dos mecanismos de arbitragem direta dos conflitos fazem destas regiões limítrofes válvulas de escape potenciais para os problemas da estrutura agrária, como se elas, idealmente, pudessem se constituir numa fronteira agrícola. A partir daí pode-se compreender porque as faixas de fronteira consistem hoje em zonas críticas de tensão social e de adensamento dos conflitos agrários. A intensificação de atividades conflitantes de extração mineral e madeira, assim como os atos rotineiros de violência perpetrados pelas ramificações do crime organizado, que caracterizam a instabilidade social também nos países vizinhos, emolduram a gravidade destes antagonismos.

As múltiplas ocorrências de antagonismos compreendem uma diversidade de atores, situações e conflitos sociais. Numa tentativa de sistematizar dados coletados em fontes secundárias, referidos ao período 1974-1994, elaborou-se um quadro sintético (**Quadro 1**) com informações alusivas às ocorrências de conflitos nas fronteiras Norte e Oeste do país.

Registram-se disputas envolvendo garimpeiros brasileiros nas faixas de fronteira com a Venezuela, Colômbia, Guiana Francesa, República Cooperativista da Guiana e a Bolívia. Os denominados “donos de garimpo”, também chamados de “patrão”, intrusaram as áreas indígenas

Ianomami (RR) e Tukano (AM), além de ameaçarem as terras dos Waiapi (AP), e dos Macuxi (RR). Empresas madeireiras prosseguem suas incursões em terras dos Tikuna (AM), dos Kampa (AC) e em áreas decretadas para fins de proteção ambiental, tanto no Brasil, quanto na Bolívia (Parque Florestal N. Kempf Mercado). Registram-se também ações coercitivas e de “peonagem da dívida” contra seringueiros brasileiros em terras da Bolívia. Há denúncias várias sobre o recrutamento ilegal de mulheres, no Estado do Pará, para prestação de favores sexuais na Guiana e no Suriname. De igual modo há denúncias sobre o tráfico de crianças, entre 5 e 12 anos, na fronteira entre Rondônia e Bolívia. Constatam-se ainda denúncias contra a “grilagem” de terras, que seria praticada em território boliviano por empresários rurais brasileiros. Por outro lado, garimpeiros venezuelanos e colombianos têm também invadido áreas indígenas e feito incursões em território brasileiro. Verificam-se ainda situações de confronto entre grupos indígenas e pescadores peruanos e colombianos, vinculados a grandes frigoríficos e indústrias pesqueiras, que utilizam métodos predatórios de captura em lagos e afluentes do Rio Solimões, principalmente em terras dos Tikuna (AM). Registram-se também episódios em que a Guarda Republicana do Peru confiscou a produção extrativa dos Kampa e dos Kaxinauá, no Rio Breu (AC). Verifica-se que o governo do Suriname perseguiu grupos Apalay, Tirió e Waiana que se refugiaram em áreas indígenas no norte do Estado do Pará, em agosto e setembro de 1990.

**QUADRO 1**

**Ocorrências de conflitos e tensões nas fronteiras internacionais Amazônia (1974 - 1994)**

País	Descrição da ocorrência	Local	Data	Nº de brasileiros envolvidos	Atividade/Local	Desdobramentos	Fonte
Venezuela <sup>3</sup>	Morte de garimpeiro brasileiro, baleado por soldado do Exército venezuelano.	Zona Diamantífera de Guaniano	17/11/74	01	Garimpo	Protesto formal do Itamarati e solicitação de garantias do governo venezuelano aos brasileiros que vivem na região.	O Globo, 28/11/74
	Prisão de garimpeiros brasileiros pela Guarda Nacional venezuelana, por terem cometido uma série de danos à vegetação protetora das cabeceiras do rio Caroni <sup>3</sup> .	Santa Helena do Viarem, a 14 Km da fronteira	29/10/79	50	Garimpo/cabeceiras do rio Caroni	Expulsão do país.	O Estado de São Paulo, 21/11/79
	Denúncia de "1.000 brasileiros presos", aguardando extradição para o Brasil, feita por brasileiros já extraditados.	Ciudad Bolívar	*****	1.000	Garimpos de Ganhano, Salvação, Milagre e Caracolito a 300 Km de Ciudad Bolívar	104 brasileiros expulsos do país.	Jornal do Brasil, 05/12/79
	Denunciada exploração clandestina de ouro na cabeceira do Rio Orinoco, supostamente por brasileiros que teriam atravessado ilegalmente a fronteira.	*****	01/05/83	3.000	Garimpo a 50 Km de fronteira sul com o Brasil, perto do rio Ugueto, próximo afluente do Orinoco	"Repatriamento" dos garimpeiros brasileiros e reunião da Comissão Demarcadora de limites, órgão do Itamarati, com técnicos venezuelanos.	Jornal do Brasil, 02/05/89 e 09/05/89; Folha de São Paulo, 11/05/89
	Confronto armado entre garimpeiros brasileiros e venezuelanos, em território brasileiro; dois venezuelanos são feridos à bala e outros agredidos a socos e pontapés.	Região de Tapequém, 238 Km ao Norte de Boa Vista (RR), próximo ao rio Amajari	*****	*****	Garimpo	Os garimpeiros venezuelanos se defrontaram justamente com aqueles garimpeiros expulsos da Venezuela em maio pela Guarda Nacional.	Jornal do Brasil, 04/10/89
	Prisão de brasileiros por soldados do Exército venezuelano.	Puerto Ayacucho	*****	11	Garimpo/nascentes do rio Orinoco	Comunicado ao Itamarati pelo Sindicato dos Garimpeiros de Roraima.	Jornal do Brasil, 29/06/90
	Brasileiros detidos por 10 dias.	*****	*****	05	Garimpo	*****	Jornal do Brasil, 06/02/91
	Prisão de 15 garimpeiros brasileiros.	Puerto Ayacucho	27/04/91	15	Garimpo/Serra do Pacaraima	Viagem do presidente da Usagal a Caracas.	Jornal do Brasil, 03/05/91
	Morte de 2 garimpeiros brasileiros em confronto com o Exército da Venezuela.	1) Pista Maderinha (300 Km de Boa Vista-RR) 2) Pista Saddam Hussein (1,2 mil Km de Caracas)	*****	02	Garimpo/Serra do Parima	Denúncia Usagal de que os garimpeiros foram presos no marco da fronteira entre Brasil e Venezuela.	Folha de São Paulo, 06/06/91
	Equipe da Funai presencia aterrissagem de helicóptero da Guarda Nacional venezuelana em terras indígenas lanomami, no território brasileiro. Os militares estrangeiros exigiram a retirada dos técnicos da Funai, sob alegação de que a região é da Venezuela.	Antiga pista de garimpo, em Hamoxi, Al Ianomami, a 20 Km da fronteira	28/09/91	*****	*****	O Batalhão Espacial de Fronteira foi noticiado e prometeu investigar.	Jornal do Brasil, 01/10/91

País	Descrição da ocorrência	Local	Data	Nº de brasileiros envolvidos	Atividade/Local	Desdobramentos	Fonte
	Derrubado avião com garimpeiros brasileiros; dois mortos.	Cerro Delegado Chalbaud	16/01/92	5	Garimpo	Em nota enviada ao Itamaraty o governo venezuelano nega que militares de seu país tenham derrubado o avião CESSNA	Jornal do Brasil, 21/01/92; Folha de S.P., 26/01/92; Veja, 05/02/92
	Funai acusa Venezuela de enviar aviões-caça para vôos rasantes sobre a A.I. Yanomami.	A. I. Yanomami	28/01/92	*****	*****	*****	Jornal do Brasil, 29/01/92
	USAGAL afirma que garimpeiros vão continuar a extração aurífera.	Serra do Parima	*****	300	Garimpo ilegal	O Comando Militar da Amazônia vai reforçar efetivos em Roraima	Folha de São Paulo, 05/02/92
	Garimpeiros brasileiros presos pela Guarda Nacional da Venezuela.	Distrito de Bolívar	*****	180	Garimpo ilegal	USAGAL protesta	Jornal do Brasil, 01/02/92
	Garimpeiros brasileiros presos pela Guarda Nacional da Venezuela.	Bolívar	*****	43	Garimpo ilegal	Comissão visita a área	Jornal do Brasil, 06/02/92
	Garimpeiros presos reclamam maus-tratos.	Puerto Ayacucho	Fev/1993	47	Garimpo ilegal	Itamaraty contrata advogado para defender os presos	Folha de São Paulo, 12/02/93
	Justiça libera garimpeiros presos.	Puerto Ayacucho	17/02/93	45	Garimpo ilegal	*****	Folha de São Paulo, 18/02/93
	O jornal venezuelano "El Universal" divulgou documento da Câmara dos Deputados da Venezuela que acusa o Brasil de invadir a região fronteira que divide os dois países. Cita o Projeto Calha Norte.	Caracas	04/05/93	*****	Ação militar	O Centro de Comunicação Social do Exército (CECOMEX) contesta notícia	O Globo, 05/05/93; Isto E, 12/05/93
	Índios Macuxis e Ingariós bloquearam estradas estaduais para impedir entrada de garimpeiros.	Acesso à A.I. Raposa/Serra do Sol, junto à fronteira com Venezuela e Guiana, aldeia do Machado e Igarapé Grande	14/03/94	*****	Garimpo ilegal	*****	Folha de São Paulo, 15/03/94
	Garimpeiro brasileiro morto e 2 detidos em confronto com a Guarda Nacional da Venezuela.	Serra do Parima	01/04/94	"dezenas"	Garimpo ilegal	Itamaraty entra em contato com a chancelaria venezuelana	Jornal do Brasil, 04/04/94
	Deputado venezuelano do partido Movimento do Socialismo anuncia que vai processar líderes da USAGAL como "autores intelectuais das invasões à Venezuela".	Caracas	13/04/94	*****	Garimpo ilegal	*****	Jornal do Brasil, 14/04/94
	Exército brasileiro vai participar da operação de retirada de 136 garimpeiros que estão cercados por soldados venezuelanos.	Oeste de Roraima	16/04/94	*****	Garimpo ilegal	*****	J. de Brasília, 17/04/94
	Procuradoria Geral da Venezuela ordena início de investigações sobre o líder da USAGAL, José Altino Machado.	Caracas	Mai/94	*****	Garimpo ilegal	*****	O Estado de São Paulo, 17/05/94; Folha de São Paulo, 18/05/94

País	Descrição da ocorrência	Local	Data	Nº de brasileiros envolvidos	Atividade/Local	Desdobramentos	Fonte
Colômbia	Garimpeiros colombianos e brasileiros acusados de invadir área da Mineradora Rio Maranhão S/A (Parapanema S/A) na Serra da Traira (AM).	Serra do Traira (AM)	Abril/86	46	Garimpeiros	Expulsão da área pela PM do Amazonas.	Jornal do Brasil, 28/05/86
	Comércio ilegal de "mercadorias e mulheres" por ouro, feito por colombianos em área indígena dos Tukano.	Igarapé Castanho (AM), afluente do rio Traira	1990	*****	Comerciantes de ouro	Coibido por intervenção militar.	Depoimento do ministro do Exército no Senado Federal, Brasília, 05/04/91
	Colombianos intrusam áreas indígenas dos Ticuna, em território brasileiro, para realizar pesca predatória nos lagos, fornecendo o produto a frigoríficos.	Lagos da região do Alto Solimões (AM)	Fev/91	*****	Pesca ilegal	Denúncia de líderes indígenas.	Folha de São Paulo, 01/03/91
	Ataque de cerca de 40 colombianos a um destacamento do 1º Batalhão Especial de Fronteira do Exército brasileiro na Serra do Traira, resultando em 3 soldados mortos e 9 feridos.	Serra do Traira (AM)	26/02/91	40	"Garimpeiros" e/ou "guerrilheiros"	Intensificação da vigilância da área.	Folha de São Paulo, 03/03/91 e Jornal do Brasil, 13/03/91
	25 homens do Exército brasileiro emboscaram colombianos que entravam em território nacional, resultando em 7 mortos e na prisão de outros 4 colombianos.	Rio Traira	05/03/91	11	"Garimpeiros" e/ou "guerrilheiros"	Aumento de efetivos militares na região.	Folha de São Paulo, 10/03/91
	"Repatriamento" de 200 garimpeiros acusados de atuar ilegalmente	Puerto Miriádis	15/04/94	200	garimpo	Atuação conjunta das Forças Armadas na Vª Reunião de Intercâmbio Militar Regional Brasil/Colômbia em Tabatinga/AM, 27-29/04/94	O Solimões, Ano I, nº 5, abr/94
	Polícia Federal e Exército apreenderam 43 toneladas de peixe que saíram do país contrabandeados. Barcos colombianos acusados de utilizar métodos predatórios de captura dos peixes, segundo o IBAMA.	Tabatinga (AM)	Ago-Set/94	*****	Pesca ilegal	Operação de fechamento das fronteiras com Peru e Colômbia	Jornal do Brasil, 17/09/94
Bolívia	"Escorraçados de suas terras" pelos pecuaristas que compraram os seringais, seringueiros acreanos "fogem para a Bolívia" atravessando os rios Chipamamoe Abunã.	*****	*****	"centenas"	Extração do látex da seringueira	*****	Jornal do Brasil, 23/06/74 e 24/06/74
	Conflitos agrários se agravam no Acre: "cerca de 40.000 acreanos passaram a fronteira e estão trabalhando nos seringais da Bolívia".	*****	*****	40.000	Seringueiros	Denúncia no Congresso Nacional e confirmação pelo Incri.	Jornal do Brasil, 19/06/77
	Atritos entre garimpeiros brasileiros, empresas mineradoras e militares bolivianos.	Dragas e balsas no rio Madeira entre Vila Abunã e Vila Murtinho	*****	10.000	Garimpeiros	Intensificar patrulhamento na fronteira.	Jornal do Brasil, 16/03/86 e 21/03/86

País	Descrição da ocorrência	Local	Data	Nº de brasileiros envolvidos	Atividade/Local	Desdobramentos	Fonte
	Denúncia de que seringueiros continuam invadindo território boliviano.	Cobija	*****	5.000	Seringueiros e castanheiros	Nota oficial do cônsul do Brasil em Cobija.	Jornal do Brasil, 16/03/86
	Invasão por "pistoleiros bolivianos e paraguaios de mina estratégica, jazida de calcita ótica, matéria-prima estratégica para a produção de laser, telescópios e mira para armas, da Multiquartz Mineração, em território brasileiro.	5 Km da fronteira e 90 Km de Cuiabá (MT)	*****	*****	"Pistoleiros estrangeiros" - roubo de matéria-prima	*****	Jornal do Brasil, 14/07/87
	Ordem de despejo contra 60 mil garimpeiros brasileiros.	Fronteira noroeste da Bolívia	*****	60.000	Garimpos	Garimpeiros intercedem junto às autoridades brasileiras.	Jornal do Brasil, 31/03/90
	Ameaça de expulsão de seringueiros brasileiros.	Cobija	*****	10 ou 12 mil famílias	Extração do látex	Denúncia do STR de Brasília.	Jornal do Brasil, 11/06/90
	15 mil acreanos estão vivendo e trabalhando em terras bolivianas, segundo denúncia de entidades confessionais.	Rios Abunã, Mamo, Caramao, Chipamamo até o Alto Rio Acre na divisa com Peru	*****	15.000	Extração do látex, roçados "numa faixa de 700 Km de extensão por 50 Km de largura"	Denúncia da Diocese de Rio Branco (AC) e do Vicariato de Pando (Bolívia).	Jornal do Brasil, 01/07/91
	Seringueiros brasileiros chegam a Cobija (Bolívia)	Cobija, Dpto. de Pando	Nov/92	*****	Cavar valas para esgotos, engraxar sapatos, trabalhar em canteiros de obras	Prefeito de Cobija cria programa para empregar brasileiros	O Globo, 16/11/92
	Seringueiros denunciam maus tratos por parte de policiais e autoridades do serviço de imigração da Bolívia	Dpto. de Pando	Dez/92	*****	Extração do látex	Comissão de Parlamentares acreanos visita a região	Jornal do Brasil, 27/12/92
	Madeiros brasileiros invadiram o Parque Florestal Noel Kempf Mercado	Confluência dos rios Pausema e Iteny próximo a fronteira com Mato Grosso	Jun/93	*****	Extração ilegal de madeiras	Patrulha militar boliviana enviada para a área para expulsar madeiros brasileiros	Jornal do Brasil, 26/06/93
	"O empresário brasileiro Olacyr de Moraes, o rei da soja, acusado de grilar 263 mil ha. no território boliviano"	*****	Mar/94	*****	Grilagem de terras	*****	Jornal do Brasil, 11/03/94
	Denúncia de troca de crianças brasileiras por cocaína na fronteira	Acre e Rondônia, fronteira com a Bolívia	Abr/94	"dezenas"	Tráfico de crianças entre 5 e 12 anos	CPI da Prostituição Infanto-Juvenil viaja ao Acre e Rondônia em busca de provas	Jornal do Brasil, 06/04/94
<b>Guiana Francesa</b>	Trabalhadores brasileiros "repatriados" compulsoriamente.	Caïena	*****	2.000	Construção civil e serviços diversos/Caïena	Expulsão "repatriamento" Grupo de Cooperação Consular Brasil/França.	O Globo, 23/11/74 e O Liberal, 27/11/74
	Trabalhadores "repatriados" retornam clandestinamente à Guiana.	Oiapoque (AP)	Mar/75	*****	*****	*****	O Estado de São Paulo, 15/03/75
	14 brasileiros presos por situação irregular.	Caïena	Dez/88 e Jan/89	14	*****	Deportação	Jornal do Brasil, 21/01/89
	Novos contingentes de trabalhadores brasileiros passam ilegalmente, através das praias e igarapés do Oiapoque, em barcos até a enseada de Montijoly a 20 Km de Caïena.	Oiapoque/Montijoly	*****	*****	*****	Entrada ilegal	Jornal do Brasil, 01/10/89

País	Descrição da ocorrência	Local	Data	Nº de brasileiros envolvidos	Atividade/Local	Desdobramentos	Fonte
Suriname	Garimpeiros invadiram território da Guiana.	*****	Mar/91	140	Garimpeiros	Expulsos	Folha do São Paulo, 30/03/91
	Chegada de "repatriados"	Belém (PA)	Mar/93	*****	*****	Delegacia Regional do Trabalho analisa soluções	Diário do Pará, 07/03/93
	Índios Apalay, Tirio, Waiana do Suriname chegaram, nos últimos 40 dias, ao norte do Estado do Pará. Desde 1986 mantêm conflito aberto com o governo.	*****	Ago-set/90	419	*****	Encontram-se instalados na área indígena dos Tirio e no posto da Funai na área Apalay, ambos no Pará, nas margens do rio Paru d'Est.	Folha de São Paulo, 06/10/90
República Cooperativa da Guiana	Mulheres levadas para prostituição	Belém (PA)	Abr/93	"centenas"	Prostituição	Requerimento enviado à embaixada do Brasil no Suriname pela Câmara Municipal de Belém	O Liberal, 14/04/93
	Brasileiros presos em condições precárias por dois meses	Paramaribo	Jul/94	30	Garimpagem ilegal	Polícia Federal recebe do Governo do Suriname relação com o nome dos presos	Jornal do Brasil, 25/07/94
	Brasileiros deportados declaram que foram torturados	Belém	Jul/94	30	Garimpagem ilegal	Deportação com envio para Belém	O Globo, 29/07/94
Peru	5 mil garimpeiros brasileiros extraíndo ouro e diamantes em terras guianenses.	Arnika (Rep. Guiana), 13 Km de fronteira norte do Brasil, próximo ao município de Normândia (PR)	*****	5.000	Garimpeiros	*****	Jornal do Brasil, 16/01/90
	Soldados da Guarda Republicana do Peru atacaram índios Kampa e Kaxinauí, saquearam e confiscaram mercadorias e instrumentos de trabalho e invadiram a Vila da Foz do Breu (AC).	Rio Breu	Jul/88	"200 índios"	Extração látex	Intervenção de antropólogo da CPI-AC e devolução dos bens confiscados.	Gazeta do Acre, 13/07/88
	Peruanos intrusam áreas indígenas dos Ticuna, em território brasileiro, para realizar pesca predatória nos lagos, fornecendo o produto a frigoríficos.	Lagos na região do Alto Solimões	Fev/91	*****	Pesca ilegal	Denúncia dos líderes indígenas.	Folha de São Paulo, 01/03/91
República Dominicana	Polícia Federal e Exército apreenderam em áreas territoriais brasileiras um navio de guerra peruano que não possuía autorização para entrar no país. Alegaram que perseguiram guerrilheiros do Sendero Luminoso	Rio Solimões, próximo à localidade de Terezinha III	Set/94	*****	*****	Operação bloqueio fluvial	Jornal do Brasil, 02/09/94



Foto: Almir Boff

## A CONTINENTALIZAÇÃO DOS CONFLITOS

Embora não se tenha séries estatísticas acabadas e os dados disponíveis sejam precários, pode-se recorrer às tentativas de quantificação de entidades da sociedade civil, que acompanham tais realidades fatuais. O Conselho Nacional dos Seringueiros, através do STR de Brasília, estima que 12 mil famílias de seringueiros, expulsos do Acre a partir de 1973 com a venda dos seringais aos pecuaristas do Centro-Sul do país, encontram-se hoje vivendo e extraíndo o látex em terras bolivianas. A Diocese de Rio Branco (AC), numa pesquisa conjunta com o Vicariato de Pando (Bolívia) recenseou 15 mil seringueiros brasileiros nos rios Abunã, Mamo, Caramamo e Chipamamo, na Bolívia, nos primeiros meses de 1991. José Altino

Machado, da União dos Sindicatos e Associações de Garimpeiros na Amazônia Legal (USAGAL) declarou, em março de 1991, "que cerca de 40 mil garimpeiros estão neste momento procurando ouro embrenhados nas serras e rios das selvas dos países vizinhos"<sup>4</sup>.

A imprensa periódica estima em 500 mil os pequenos produtores agrícolas brasileiros cultivando soja no Paraguai e que para lá vêm se deslocando em contingentes maiores desde 1973 (SPRANDEL; 1991:12). São assinaladas também ocorrências de frequentes conflitos, envolvendo camponeses expulsos de áreas do Sul do país, que cultivam arroz nas pradarias do Uruguai<sup>5</sup> ou que se dirigem para Misiones, na Argentina, cultivando ervais<sup>6</sup>. No que concerne especificamente ao Uruguai, assinala-se a prevalência de unidades maiores de exploração com arrendatários e proprietários.

"Cresce a cada ano o número de brasi-

leiros que compram ou arrendam terras no norte e noroeste do Uruguai, atraídos pelo solo fértil, pouco explorado, barato e, fundamentalmente, por uma política de preço estável (...). A intensidade dessa migração está refletindo no volume da produção: das 524,6 mil toneladas colhidas na última safra naquele país, mais de 60% saíram de lavouras de brasileiros, segundo Gilson Predebon, um dos conselheiros brasileiros na Asociación Cultivadores de Arroz". (Gazeta Mercantil, de 24 a 26/08/91).

Não estão inclusos nestes levantamentos e estimativas dados relativos aos chamados "safristas" e "bóias-frias" que se deslocam sazonalmente para países vizinhos no período das colheitas. Acrescente-se ainda a este quadro geral de conflitos e tensões os "acampamentos" dos trabalhadores rurais sem terra compulsoriamente "empurrados" para as faixas de fronteira em todo o Sul do país.

São bastante conhecidos os entreveros na região de Santana do Livramento e Bagé (RS) entre membros da União Democrática Ruralista (UDR) e trabalhadores rurais sem terra.

Verificam-se, portanto, situações de tensão com as sucessivas implantações de estabelecimentos agrícolas de brasileiros na Bolívia, no Paraguai, na Argentina e no Uruguai e com montagem clandestina de unidades de extração mineral de garimpeiros brasileiros em territórios da Bolívia, da Venezuela, da Colômbia, da República Cooperativista da Guiana e da Guiana Francesa. No caso da extração mineral tem-se que, de igual modo, venezuelanos e colombianos adentram no território brasileiro.

Pode-se concluir que há situações potenciais de violência e conflitos nas faixas de fronteira com todos os países limítrofes, sem exceção. O mais recente aparelho de poder acionado face a estes problemas fundiários é o Ministério das Relações

## QUADRO 2

### Estimativas de Brasileiros em Territórios de Países Limítrofes (1985-1991)

País	Nº Estimado/atividade	Atribuição	Fonte
Guiana Francesa (FR)	Centenas de garimpeiros e de trabalhadores na construção civil e serviços	“brajolas” *	Jornal do Brasil, 01/10/89 Folha de São Paulo, 30/03/91
República Cooperativista da Guiana	5 mil garimpeiros na região de Arnika	*****	Jornal do Brasil, 16/01/90
Venezuela	12 mil garimpeiros na região do rio Caroni e afluentes do Orinoco	“brazuelanos” **	Folha de São Paulo, 03/06/91
Colômbia	300 garimpeiros no Garimpo Maimate	*****	Jornal do Brasil, 04/01/87
Bolívia	60 mil garimpeiros, rios Madeira e Abunã	“brasilianos”	Jornal de Brasília, 31/03/90
	10 mil ou 12 mil famílias de seringueiros p/ STR de Brasileia (AC)	ou “brasivianos”	Jornal do Brasil, 11/06/90 Jornal do Brasil, 12/06/90
	15 mil seringueiros p/ CEPAMI		Jornal do Brasil, 01/07/91 O Globo, 16/11/92
Paraguai	400 a 450 mil agricultores	“brasiguaios”	Cf. Declaração de Cônsules Brasileiros no Paraguai, 1985
	500 mil agricultores		Zero Hora, Porto Alegre, 15/07/91

\* Registrada em entrevista com trabalhadores da construção civil entrevistados em Belém (Fevereiro de 1994)

\*\* Registrada em entrevista com garimpeiros que haviam sido expulsos da Venezuela em 1989, numa circunstância de manifestação irônica, que não representava necessariamente referência a uma unidade de mobilização.

Exteriores. O Itamaraty passa a compor os chamados “grupos de cooperação consular” que atuam nos casos que envolvem o Paraguai e a Guiana Francesa, passa a acompanhar os casos de garimpeiros presos e sob julgamento na Venezuela. Torna-se um interlocutor necessário para o Conselho Nacional dos Seringueiros ou para a Usagal.

A imprensa periódica passa a trabalhar, em decorrência, com uma nova constelação de termos e expressões, até então inusuais, para tratar a questão agrária, a saber: “exílio agrícola”, “repatriamento de seringueiros”, “nossas fronteiras agrícolas no exterior” e os “últimos bandeirantes”.

Os conflitos sociais no campo, sobretudo os que envolvem povos indígenas e camponeses em contraposição a interesses que lhes são hostis, extrapolam as divisões

político-administrativas ultrapassando os marcos fixados pelas faixas de fronteiras. A consciência nacional tem se desenvolvido desigualmente para os povos indígenas e os camponeses. Afinal, para os indígenas, as nações formadas no decorrer de século XIX não são tão antigas quanto a sua própria história. Assiste-se a uma **continentalização dos conflitos sociais** no campo a partir do momento que as linhas divisórias internacionais começam a ser relativizadas (Quadro 2). As categorias, que designam os sujeitos sociais nestes antagonismos, remetem a atribuições compostas dos prefixos e sufixos das nações que imaginam incorporá-los. **Brasiguaios, brasivianos ou brasilianos e brazuelanos**, mais que denominações de uso local referem-se a unidades de mobilização (ALMEIDA; 1989:4) que ten-

dem a se constituir em forças sociais com capacidade de se impor nas negociações diretas com os centros de poder. As mobilizações indígenas e camponesas não podem ser confundidas com movimentos de anexação ou incorporação de novos territórios ao Brasil. Os denominados **brasivianos ou os brasiguaios** não pleiteiam que suas áreas atuais de cultivo sejam administradas por interesses brasileiros, mesmo quando as formas de imobilização da força de trabalho sejam muitas vezes mais intensas que nas suas regiões de origem. Os **brasiguaios** que retornaram organizadamente em 1985 o fizeram mediante a desapropriação de latifúndios pelo Mirad, no Mato Grosso do Sul, nos quais foram assentados. Por outro lado, foi possível observar que no II Congresso Nacio-

nal dos Seringueiros, realizado em março de 1989 em Rio Branco (AC), havia uma delegação dos chamados **brasivianos**. Tal delegação, escolhida através de assembleias, por agrupamento das chamadas **colocações**, exerceu seu pleno direito de voto e não defendeu qualquer reivindicação no sentido de anexar suas colocações ao território brasileiro. Parece não estar em jogo nestes casos o princípio da nacionalidade. Os dispositivos legais que separam e distinguem do prisma das "fronteiras nacionais", parecem desfazer-se mediante a lógica destas mobilizações realizadas por camponeses. De igual modo podem ser pensadas as ações da União das Nações Indígenas (UNI), da Coordenação das Organizações Indígenas da Amazônia (Coiab) ou da Federação das Organizações Indígenas do Rio Negro (FOIRN).

Elas refletem um desdobramento dos conflitos agrários, prenunciando uma certa globalização das lutas indígenas e camponesas na Amazônia, considerada internacionalmente, em nível dos países que a compõem.

\* *Alfredo Wagner Berno de Almeida é antropólogo.*

## NOTAS

1. Com pequenas achegas e atualizações o presente texto reproduz reflexões contidas no artigo "Continentalização dos conflitos e transformações na geopolítica das fronteiras". *Pará Agrário*. Belém, IDESP, 1992, pp. 96-123.

2. A transferência forçada de populações camponesas e grupos étnicos em situações de conflito e o seu "reagrupamento" foram recursos táticos utilizados difusamente pelas armadas coloniais inglesas e francesas. No caso da ação colonialista francesa no norte africano pode-se consultar: BOURDIEU, P., e SAYAD, A. *Le déracinement: la crise de l'agriculture traditionnelle en Algérie*. Paris: Les éditions de Minuit, 1964, p. 15-27.

Os deslocamentos compulsórios de populações dos centros urbanos para a área rural em países que outrora estiveram sob jugo colonial, têm como exemplo mais conhecido as medidas adotadas pelo general Pol Pot, quando da tomada de poder no Camboja, em 1975. Para outras informações consulte: SIMON-BAROUCHE, I. (*Récit de Yi Tan Kim Pho*). *Le Cambodge des Khmers Rouge: chronique de la vie quotidienne*. Paris: L'Harmattan, 1990.

3. Desde maio de 1989, técnicos da Comissão Demarcadora de Limites, órgão do Itamaraty, sediado em Belém (PA), juntamente com técnicos venezuelanos, vêm realizando trabalho para reavivar os marcos de fronteira, na altura do Estado de Roraima, em plena floresta. Tais marcos haviam se deteriorado. No primeiro encontro oficial entre os presidentes do Brasil, Fernando Collor de Mello, e da Venezuela, Carlos Andrez Perez, nas fronteiras entre os dois países, em 20 de julho de 1990, foi criada a Comissão de Cooperação Fronteiriça Brasileiro-Venezuelana. (cf. BRASILIENSE, Ronaldo. Collor e Perez defendem a integração latino-americana. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 21/07/1990, p.3).

A instalação de marcos na fronteira entre os dois países foi iniciada em fins de fevereiro de 1991 na Serra do Parima, em Roraima, pela mencionada comissão bilateral de demarcação de limites. (cf. COMISSÃO começa a instalar marcos na fronteira do Brasil e Venezuela. *Folha de São Paulo*, São Paulo, 07/03/1991, p.1-8.).

Os protestos de garimpeiros, mobilizados pela Usagal, que intrusam as áreas lanomami, contra os trabalhos da comissão demarcadora, desde janeiro de 1991, vem sendo apoiados por políticos locais, comerciantes e pecuaristas. Manifestações de rua em Boa Vista (RR), pronunciamentos do governo estadual e farto material divulgado pela imprensa regional acusam o governo brasileiro de estar cedendo à Venezuela parte da região da Serra do Parima, onde haveria "ouro e cassiterita" segundo: OTTOMAR diz que perda de terras é precedente grave. *jornal de Roraima*. Boa Vista, 27/01/91.

4. Vide: BERABA, Marcelo, Garimpo critica "omissão" do Itamaraty. *Folha de São Paulo*, São Paulo, 30/03/1991. (Entrevista com José Altino Machado).

5. A respeito das tensões nas fronteiras com o Uruguai há episódios, de certo modo, artificiais. As notícias de que trabalhadores rurais sem terra saindo de Livramento e Bagé (RS) teriam invadido terras uruguiaias em setembro de 1991, foram veiculadas por interesses latifundiários. (cf. NASCIMENTO, Solano. Uruguai nega rumores de invasão. *Zero Hora*, Porto Alegre, 12/09/1991). Tais notícias foram divulgadas, inclusive, por jornais conservadores como o *El País*, de Montevideo, chamando atenção também para o fato de brasileiros estarem adquirindo e arrendando terras no Uruguai.

Para outras informações leia-se: NOSSAS fronteiras agrícolas no exterior - milhares de agricultores que deixaram o Brasil por falta de terra ou de perspectivas realizam em países vizinhos o sonho da prosperidade. *Guia Rural*, - v.4, nº 11, p.21-29, nov. 1990.

6. Observa-se, no caso dos camponeses brasileiros que adentram território argentino em Misiones, que há registros destes conflitos desde o início dos anos 1970-80, justamente quando o general Médici promovia a colonização dirigida em parte da Transamazônica, com "colonos" transferidos pelos órgãos fundiários oficiais dessas regiões do Rio Grande do Sul, reprimindo os

movimentos reivindicatórios dos sindicatos de trabalhadores rurais que defendiam a realização da reforma agrária no próprio Sul do país. Estas ocupações em Misiones se multiplicaram a partir de 1974. Para esclarecimento consulte-se: MENDELSKI, Rogério Vaz. Brasileiro atravessa o rio e começa a ocupar Misiones. *Folha da Manhã*, Porto Alegre, 24/09/1974.

Em julho de 1976, o governo argentino começou a prender e expulsar os camponeses brasileiros ilegalmente em seu território. Consulte-se: BRASILEIROS ficaram sem 65 hectares plantados. *Zero Hora*, 07/12/1976, p.40.

Em outubro de 1978, houve outra expulsão e logo após outras ocorridas no decorrer dos anos 80. Em outubro de 1989, a Argentina prendeu 83 "agricultores brasileiros", que estavam morando e cultivando em seu território próximo ao rio Pepiri Guazu. Outros 105 foram expulsos na mesma data. Consulte-se: ARGENTINA prende brasileiros acusados de invadir fronteira. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 08/11/1989.

## BIBLIOGRAFIA

- ALMEIDA, Alfredo Wagner Breno de. "Universalização e Localismo: movimentos sociais e crise dos padrões tradicionais de relação política na Amazônia". *Debate*, nº 3, Ano IV, Salvador, CESE, maio de 1994, pp.21-42.

- \_\_\_\_\_ . "Política de conflitos: movimento sindical dos trabalhadores rurais e conflitos agrários na Amazônia (1968-1990)". *Pará Agrário*, nº 6/7 Belém, IDESP, 1989, pp.90-100.

- AQUINO, Terri Valle de. "Papo de Índio: Navegar é preciso". *Gazeta do Acre*, Rio Branco, 13 de julho de 1988, 9.4.

- CEDI/PETTI. *Terras Indígenas no Brasil*. São Paulo; 1990, 137p.

- CEPAMI. *Realidade dos Seringueiros brasileiros na Bolívia*. Diocese de Rio Branco e Vicariato de Pando. Rio Branco, 1991, 63p.

- HOBBSBAWM, Eric J. *Nações e nacionalismos desde 1870 - programa, mito e realidade*. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1990.

- LIMA, Figueiredo. "Fronteiras Amazônicas" *Revista Brasileira de Geografia*, v.4, nº 3, jul/set.1942, pp.39-82.

- PALMEIRA, Moacir e ALMEIDA, Alfredo Wagner - *A invenção da migração*. Rio de Janeiro. MN/UFRJ, IPEA, IBGE. 1977, 74p.

- SPRANDEL, Marcia A. Brasiguaios: os camponeses e as regras do jogo político nas fronteiras do Cone Sul. *Travessia-Revista do Migrante*, CEM. Ano IV, nº 11, São Paulo, set-dez., 1991, pp.9-13.

- TINOCO, Gal. Carlos. Exposição do Ministro de Estado do Exército. Ata da 29ª Sessão do Senado Federal, em 04 de abril de 1991. Primeira Sessão Legislativa Ordinária, da Quarta legislatura. *Diário do Congresso Nacional*, v. 17, nº34, Brasília, 5 de abril de 1991, pp.1383-1404.

# MIGRAÇÃO, COMUNIDADE E ADAPTAÇÃO DOS CUBANOS NOS ESTADOS UNIDOS

*Ernesto Rodríguez Chávez\**

*(Tradução do espanhol: Cláudio Ambrósio)*

*(Texto recebido para publicação em janeiro de 1994)*

A existência de comunidades de cubanos nos Estados Unidos já possui uma história de mais de 120 anos. Com o passar do tempo, a experiência cubano-americana foi variando, de acordo com a influência de diferentes etapas migratórias, a localização geográfica da comunidade, as transformações em sua própria estrutura socioeconômica, interesses políticos e grau de assimilação e aculturação.

Como começou a presença de cubanos nos Estados Unidos? São os cubanos um grupo especial de imigrantes? Como se formou a atual comunidade cubano-americana? Qual sua composição e que relação mantém com outras comunidades de hispanos nos Estados Unidos? Que fatores determinaram sua adaptação individual e estrutural?

## **Migração e comunidade até 1959**

Desde 1865 até 1930, a emigração cubana acontece inserida no contexto da indústria do tabaco e o mercado de trabalho nos Estados Unidos, e tem relação com as consequências das guerras de independência do século passado em Cuba, e com a presença de capital norte-americano na Ilha. Em meados da década de 70 do século XIX já existiam comunidades cubanas bem definidas em New York, New Orleans e Key West. Essas comunidades tinham seus líderes, instituições, tradições econômicas e reproduziam a composição de classes e de raças das cidades cubanas (Poyo, 1987). Nesse período emigraram fundamentalmente trabalhadores, mas também donos de fábricas e oficinas mecânicas, artesãos e intelectuais. Brancos, mulatos e negros.

Espanhóis e crioulos.

A partir de 1886, com o rápido desenvolvimento da indústria do tabaco em Ibor City, Tampa, muitos cubanos decidiram transferir-se para lá, saindo de Cuba e também de outras regiões dos Estados Unidos. A emigração foi crescendo até superar os 40 mil entre 1901 e 1910. Tampa, naquela época, chegou a converter-se no principal centro de cubanos nos Estados Unidos.

As instituições cubanas em Key West, Tampa e New York, e outros cubanos em forma individual tiveram um papel importante no sentido da promoção do sentimento nacional cubano, e na organização e apoio à libertação de Cuba do colonialismo espanhol.

Como resultado da decadência da indústria do tabaco em Tampa, a emigração de cubanos diminuiu na década de 20. Essa tendência somente se reverte depois da Segunda Guerra Mundial e principalmente nos anos 50 como resultado da busca de novas fontes de emprego e da perseguição política que dominou em Cuba sob o ditadura de Fulgêncio Batista.

Esta última corrente migratória dirigiu-se, principalmente, para a cidade de New York. Apesar de tudo, estima-se que menos de 100 mil cubanos residiam nos Estados Unidos em 1958.

Com o triunfo da Revolução no dia 1º de janeiro de 1959, a emigração cubana sofreu uma transformação e um aumento radical. As transformações que foram ocorrendo em Cuba até chegar ao socialismo, somadas à política aplicada por Washington para impedir a implantação da Revolução, levaram a uma situação de confronto bilateral que dura até os dias de hoje. Este conflito transformou-se no catalizador central do fluxo de cubanos para os Estados Unidos, e a conformação gradual de um enclave cubano-americano em Miami e as relações dessa comunidade com o país de origem.

## **A política de imigração norte-americana**

Desde 1959 os Estados Unidos utilizaram a emigração como fator de extorsão e desestabilização da Revolução. Sua políti-

ca e legislação migratória estimulou, auspiciou, privilegiou e politizou de forma absoluta a saída de cubanos da Ilha e a inserção destes na sociedade norte-americana.

No final de 1960, organizaram, sob os auspícios da Igreja Católica em Cuba e Miami a operação "Peter Pan", através da qual mais de 14 mil crianças foram levadas precipitadamente para os Estados Unidos, sem seus pais, para "salvá-las do comunismo".

Criaram para os cubanos o mais amplo e ambicioso programa de refugiados de sua história. Tal programa ajudou a 491.274 cubanos entre fevereiro de 1961 e abril de 1980, com um custo total de um bilhão e quatrocentos milhões de dólares (Argueles, 1984).

Aprovaram a lei de "ajuste cubano" de 1966 que permitiu a mais de meio milhão de cubanos regularizar sua situação legal migratória como refugiados políticos, sem nenhuma limitação numérica. Sob esta lei, ainda vigente, aceitam a todos os que chegam ilegalmente ao território americano (mesmo que tenham roubado um avião, ou outra embarcação) e também aos que ingressaram com visto temporário e desejam permanecer definitivamente.

Isso cria um sistema muito diversificado na política imigratória geral dos Estados Unidos, pois a situação dos cubanos contrasta com as poucas possibilidades que possuem os salvadorenhas, nicaraguenses, guatemaltecos e haitianos de conseguir o "status" de refugiado ou asilo político, apesar de serem vítimas de guerras civis, perseguições e terrorismo.

## **Revolução e migração**

A beligerância entre Cuba e Estados Unidos, e a conseqüente implementação de práticas migratórias especiais, levou a uma emigração em forma de saltos, com grandes fluxos em determinados anos, e quase nenhum caso em outros.

Mesmo que nesse processo se definam oito etapas, 76% dos cubanos que chegaram aos Estados Unidos entre 1959 e 1993, concentraram-se em três grandes momentos:

a) Janeiro de 1959 - outubro de 1962: Desde o triunfo da Revolução até a inter-

rupção dos vôos comerciais com a crise dos mísseis, 215 mil emigrantes.

b) Setembro de 1965 - abril de 1973: Etapa dos chamados "Vôos da liberdade" ou "Ponte aérea Havana-Miami" sob os auspícios do governo americano, 310 mil emigrantes.

c) Abril - setembro de 1980: Período da "ponte marítima Mariel-Cayo Hueso" levada a cabo por cubanos residentes nos Estados Unidos, 125 mil emigrantes.

Os dois primeiros constituem a base fundamental da atual comunidade cubano-americana.

No começo da Revolução, saíram pessoas vinculadas à ditadura de Batista, a alta burguesia, os proprietários de terras, muitos dos quais já possuíam capitais em Miami. Depois destes, emigrou a média e parte da pequena burguesia. Pessoas com uma ideologia política contrarrevolucionária. Nesses grupos havia uma alta representação de gerentes, profissionais, técnicos e pessoas com alto nível educacional (Fagen et al., 1968).

Esta composição foi variando desde 1965, e nos inícios da década de 70, quando se encerram os "vôos da liberdade", a composição começou a ser de empregados administrativos e do comércio, trabalhadores de serviços e operários qualificados, semiquilificados e não qualificados (Pedraza, 1985). Havia diminuído o nível educacional e eram de idade superior aos grupos iniciais. Mantinha-se uma média equilibrada entre homens e mulheres e uma ampla maioria de brancos. Emigravam motivados principalmente pela escassez imperante em Cuba e por motivos de reunificação familiar.

Depois de um período em que praticamente não houve emigração por falta de um mecanismo apropriado e depois da visita a Cuba, realizada por mais de 100 mil cubanos residentes nos Estados Unidos, produziu-se o êxodo de Mariel em 1980, numa conjuntura particular e fora do prognóstico norte-americano. Nessa ocasião, tratava-se de um grupo mais jovem, formado essencialmente por operários, desempregados, aposentados e donas de casa. Um número elevado de pessoas apresentavam antecedentes delitivos e baixo nível profissional. Maior era a proporção de mestiços e negros. Não possuíam unidade

política e ideológica contra a Revolução. Partiam com motivações de consumo, mudança de nível de vida, e reunificação familiar (Hernandez y Gomis, 1986).

A emigração cubana envolveu pólos extremos de sua sociedade, em duas estruturas socioeconômicas diferentes. Nos primeiros anos da Revolução emigraram os estratos mais altos do capitalismo e, em 1980 saíram os setores inferiores e marginais de uma estrutura sócio-classista, junto com operários e outros trabalhadores.

Os novos emigrantes são principalmente administrativos, operários, trabalhadores de serviços e amas de casa. Mais da metade são maiores de 35 anos, e 3/4 provêm da cidade de Havana e La Habana. Possuem nível escolar médio e pouca representação de profissionais e técnicos. Proporcionalmente estão próximos da estrutura socioeconômica e demográfica da população cubana atual, sem ser representativos de todos os setores (Rodríguez, 1992).

Atualmente, apesar da existência de um acordo migratório entre Cuba e Estados Unidos, os níveis de emigração são baixos e comparáveis com etapas em que não existiu nenhum programa migratório. Aumentaram desde 1990 somente os que saem de maneira ilegal, e os que viajam com visto temporário, mas com a finalidade de não regressar, diante da impossibilidade de conseguir um visto de imigrante. Atualmente recebe novo impulso a reunificação familiar, motivada pela crise econômica imperante em Cuba.

## **Assentamento e enclave**

Como resultado dos grandes movimentos migratórios dos anos 60, já em 1970 os cubanos eram mais que meio milhão de pessoas nos Estados Unidos. Em 1980, o censo registrou 803.226 pessoas de origem cubana, sem incluir os que chegaram de Mariel. Em 1990 já eram 1.053.932, representando 4,7% da população de origem hispana e 0,4% do total de migrantes, bem como 10% dos cubanos residentes na Ilha.

A comunidade cubano-americana reside hoje fundamentalmente na Grande Miami, Union City, West New York, Los Angeles e Chicago. Com o passar dos

tempos ocorreu um processo cada vez maior de concentração no Sul da Flórida (**Tabela 1**) e especialmente na área de Miami-Hialeah que congrega hoje 54% de todos os cubanos residentes nos Estados Unidos.

Os vínculos comerciais que a burguesia cubana estabeleceu desde o final dos anos 40 entre Miami, Key West e La Habana tinham criado as bases do futuro enclave (Arguelles, 1984). O processo de expansão econômica da Flórida, sua posição geográfica em relação ao Caribe e à América Latina, o clima, a língua e as possibilidades de trabalho junto a conterrâneos, favoreceram a preferência dos cubanos pela Grande Miami e a definitiva formação de um forte enclave étnico.

A formação econômica distintiva do enclave étnico cubano em Miami mostra perfeitamente a concentração espacial dos imigrantes e as numerosas empresas que se organizaram a serviço desse mercado étnico e da população em geral (Portes e Bach, 1985).

Na região de Miami conhecida como Little Havana, a presença cubana é significativa. O modismo cubano domina as ruas. Os anúncios de serviços, roupas e comidas típicas, o pequeno comércio, os nomes de empresas e estabelecimentos sociais, proprietários e empregados, a politicagem de rua, os modismos da linguagem, a forma de vestir de homens e mulheres, a música, uma expressão e um jogo de dominó na rua 8, transportam o visitante - segundo a afirmação de muitos entendidos - à sociedade de Havana dos anos 50, alterada pela técnica sofisticada e pelo modernismo dos automóveis.

O impacto do êxodo dos chamados "Marielitos" em 1980 permitiu revitalizar e enriquecer a cubanidade do enclave com novidades nos costumes cotidianos, a linguagem, as manifestações artísticas e elementos da cultura política adquiridos em 20 anos de Revolução.

Diferentemente de outros enclaves étnicos nos Estados Unidos, o cubano teve origem política por causa do tipo de migrantes que chegaram no início dos anos 60, a política de refugiados que o governo federal implementou e pelo processo de agrupação em torno da atividade contra Cuba, desviada da defesa de seus

próprios interesses como comunidade.

Com o passar do tempo debilitou-se a atividade política contrarrevolucionária mais violenta, bem como aquela coesão inicial devido a maior estratificação econômica no enclave e às novas características dos que chegavam de Mariel. Começam a ser parte das preocupações e debates problemas de um grupo étnico diferente, sem que, com isso deixem de ser eminentemente conservadores em seu comportamento político. Essa conduta não se dá tanto por motivos de ideologia, mas por motivos de coesão política impostos pelos mais poderosos da comunidade e pela atitude do governo norte-americano para com Cuba.

O enclave joga um papel essencial na adaptação econômica dos novos imigrantes, na estrutura de classes da comunidade, na mobilidade social de seus membros, na conduta política e cidadã e no processo de aculturação (Portes y Bach, 1985; Valdes Paz, 1987; Portes y Truelove, 1988).

## **A comunidade cubano-americana hoje**

Comparados com os diferentes grupos de origem hispana, e com o total de pessoas não hispanas nos Estados Unidos (**Tabela 2**), os cubanos manifestam o mais elevado índice de residência em área urbana (97,2%). São o grupo de maior proporção de 16 anos ou mais (82,7%), e de maior média de idade (39,1%) superando em 10 anos a todos os outros hispanos.

Possuem um nível de educação superior aos outros grupos de hispanos e próximo ao dos não hispanos (**Tabela 2**). Dos maiores de 25 anos, 63,5% possuem 4 anos de **high school** ou mais, e 20,2%, 4 anos de college ou mais. Isso significa uma proporção que é duas vezes superior à dos portorriquenhos e 4 vezes à dos mexicanos residentes nos Estados Unidos.

Da população de origem cubana com 16 anos ou mais, 65,1% está incorporada à força laboral civil. Destes, 7,2% não possuem emprego. Isto está indicando valores similares aos de outros grupos da população estudados, e são, entre os hispanos, os de menor proporção de desemprego. As mulheres possuem um alto nível de incorporação ao trabalho, com

**TABELA 1: Pessoas de origem cubana em estados selecionados**

	1990		1980		1970	
	Nº	%	Nº	%	Nº	%
Estados Unidos	1.043.932	100	803.226	100	544.600	100
Estados com 10 mil ou mais	942.151	90,3	722.243	89,9	483.369	88,8
Flórida	674.052	64,6	470.250	58,5	250.406	46,0
New Jersey	85.378	8,2	80.860	10,1	68.048	12,5
New York	74.345	7,1	76.942	9,6	89.596	16,5
Califórnia	71.977	6,9	61.004	7,6	47.560	8,7
Illinoiis	18.204	1,7	19.063	2,4	20.796	3,8
Texas	18.195	1,7	14.124	1,8	6.963	1,3

Fonte: U.S. Bureau of the Census, 1983 y 1991b

**TABELA 2 : Características seletivas de pessoas de origem hispana nos Estados Unidos (1990)**

Variáveis	Cubanos	Mexicanos	Portorri- quenhos	Outros Hispanos	Total não Hispanos
Número em milhares	1,044	13.496	2.728	5.086	226.356
% de residentes em área urbana	97,2	90,4	96,4	89,8	72,8
% com 16 anos ou mais	82,7	65,4	68,4	74,6	77,3
média de idade	39,1	24,1	27,0	29,6	33,5
% de brancos (1980)	82,5	56,1	48,1	62,2	85,0
% de casados (a)	62,8	57,8	52,3	57,8	58,8
% com 4 anos de especialização universitária ou mais (b)	63,5	44,1	55,5	63,6	79,6
% com 4 anos de 2º grau ou mais (b)	20,2	5,4	9,7	15,4	22,2
% no mercado de trabalho (c)	65,1	68,3	55,6	70,1	66,0
% desempregados	7,2	8,2	9,1	7,2	5,1
% de mulheres no mercado de trabalho (c)	57,8	52,9	41,4	59,0	57,4
% de gerentes e profissionais qualificados (d)	23,3	10,1	15,6	15,4	27,2
% de operários e trabalhadores manuais (d)	16,4	26,9	21,2	21,7	13,5
Renda média por pessoa empregada (1989)	\$16.108	\$10.701	\$15.517	\$13.550	\$16.983
Renda média familiar (1989)	\$31.262	\$22.245	\$19.933	\$26.014	\$35.183
% de famílias com renda de U\$ 50.000 ou mais (1989)	23,5	12,6	15,4	17,6	30,2
% de famílias que vivem abaixo do nível de pobreza (1989)	12,5	25,7	30,4	16,3	9,2
Empresas por grupo de 1000 habitantes (1987)	62,9	18,8	10,9	22,9	---

- a) Pessoas com 15 anos e mais  
b) Pessoas com 25 anos e mais  
c) Pessoas com 16 anos e mais no mercado de trabalho civil  
d) das pessoas empregadas

Fonte: U.S. Bureau of the Census, 1991a y 1991b  
U.S. Department of Commerce, 1993

57,8% das que têm 16 anos de idade ou mais e representam 55,9% do total da força de trabalho entre os cubanos. A proporção de gerentes e profissionais (23,3%) é quase o dobro daquela que se verifica entre os demais hispanos, enquanto que é muito inferior em operários e trabalhadores manuais (Tabela 2). Essa composição aproxima os cubanos à população não hispana apesar de terem uma posição menos favorável.

Essa estrutura ocupacional confirma a composição atípica daqueles que chegaram à Flórida nos anos 60 e o processo de mobilidade verificado nos últimos anos entre a população de origem cubana em direção a ocupações de melhores ingressos e posição social (Perez-Stable y Uriarte, 1993). Devemos também lembrar que análises anteriores (Fagen et al., 1968; Hernández y Valdés, 1983; Pedraza, 1985) demonstraram que muitos cubanos na década de 60 sofreram diminuição de seu status laboral ao inserir-se na sociedade americana, em relação a sua posição anterior em Cuba.

A composição ocupacional que possuem, o alto nível de auto-emprego, a proporção de empresas cubanas para cada mil habitantes (62,9), a incorporação feminina à força de trabalho e as características da família (tamanho do núcleo, quantidade de trabalhadores e de filhos) condicionam favoravelmente o ingresso de população de origem cubana.

As famílias cubanas possuem um ingresso médio anual de US\$ 31.362, e 23,5% recebem US\$ 50.000 ou mais (Tabela 2). Esses dados confirmam a tese sobre a melhor situação econômica dos cubanos em relação a outros grupos, partindo da análise por família, mais do que por indivíduo (Pérez, 1986) (Tabela 2), assim como a importância da estrutura familiar e sua relação com o enclave étnico, em seu processo de adaptação econômica.

Porém, juntamente com o incremento dos níveis de ingresso para alguns, cresce a estratificação na comunidade, e se separam mais os extremos, da mesma maneira como acontece na sociedade norte-americana em geral. A porcentagem de desempregados chegou a 7,2% e as famílias que estão abaixo do nível de pobreza chegaram a 12,5% em 1990.

Uma visão integral das características

expostas mostra que as pessoas de origem cubana nos Estados Unidos são um grupo que se diferencia bastante dos outros hispanos quanto aos indicadores demográficos, e que é superior a eles quanto aos indicadores socioeconômicos. Em geral se aproximam cada vez mais da situação da população não hispana, embora permaneçam ainda abaixo dos níveis da mesma.

Em relação com sua própria situação, no Censo de 1980, os cubanos quase não manifestavam variações na maioria das características demográficas. Ao mesmo tempo, indicadores como grau de instrução, emprego, estrutura ocupacional e ingressos, manifestam diferenças favoráveis na média da comunidade, mas negativas para alguns segmentos, por causa do aumento da polarização social que aconteceu nos anos 80.

O perfil demográfico das pessoas de origem cubana nos Estados Unidos em 1990, assim como o processo de adaptação socioeconômica daqueles que emigraram depois do triunfo da Revolução está relacionado com: a) A excepcionalidade dos primeiros grupos que emigraram, e as características de muitos dos que chegaram depois, já que estes, em seu conjunto, constituem 78% da comunidade cubano-americana; b) A política imigratória e o programa de refugiados implementado para os cubanos pelos Estados Unidos; c) As características das famílias cubanas radicadas nos Estados Unidos; d) O papel do enclave cubano em Miami.

Além desses fatores, podemos indicar outro fato objetivo: 90% dos imigrantes cubanos estão nos Estados Unidos há mais de 10 anos; isso se conjuga com o grau de conhecimento da língua inglesa e com aspectos sócio-psicológicos individuais. Entre estes últimos fatores é importante destacar a complacência da maioria dos emigrantes cubanos e seus descendentes com o estilo de vida norte-americano. Pesa também o fato de que aproximadamente 85% expressam a decisão de não regressar ao país de origem, mesmo que acontecesse uma mudança política total.

\* Ernesto Rodríguez Chávez é pesquisador do CEA-Centro de Estudios sobre América, graduado em Ciências Sociais pela Universidade de La Habana.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ARGUELLES, Lourdes. (1984) "Origen, desarrollo y funciones del Miami cubano en el estado de seguridad norteamericano", In I Seminario sobre la situación de las comunidades negra, chicana, cubana, india y puertorriqueña en Estados Unidos, Ed. Política, La Habana, pp.153-186.
- FAGEN, Richard; Richard A. Brody y Thomas J. O'Leary. (1968) *Cubans in Exile: Disaffection and the Revolution*, Stanford University Press, Stanford.
- HERNÁNDEZ, Rafael y Redi Gomis, (1986) "Retrato del Mariel: el ángulo socioeconómico", In Cuadernos de Nuestra América, Vol. III, nº 5, jan-jun, La Habana, pp.124-151.
- PEDRAZA-BAYLE, Silvia. (1985) "Cuba's Exiles, Portrait of a Refugee Migration", In *International Migration Review* 19 (Spring), pp.4-34.
- PÉREZ, Lisandro. (1986) "Immigrant Economic Adjustment and Family Organization: The Cuban Success Story Reexamined", In *International Migration Review* 20 (Spring), pp. 4-20.
- PÉREZ-STABLE, Marifeli y Miren Uriarte. (1993) "Cubans and the Changing Economy of Miami" In *Latinos in a Changing U.S. Economy*, Eds. Rebecca Morales y Frank Bonilla, Sage Publications, CA, pp.133-159.
- PORTES, Alejandro y Cynthia Truelove. (1988) "El sentido de la diversidad: recientes investigaciones sobre las minorías hispanas en los Estados Unidos", In *Hispanos en los Estados Unidos*, Eds. Rodolfo J. Cortina y Alberto Moncada, Ed. de Cultura Hispánica, Madrid, pp.29-58.
- PORTES, Alejandro y Robert L. Bach. (1985) *Latin Journey. Cuban and Mexican Immigrants in the United States*, University of California Press.
- POYO, Gerald E. (1987) *The Cuban-American Experience, 1870-1940: Migration, Community and Identity*. University of Texas, Paper presented at the American Studies Association International Convention, New York City, November 21-24.
- RODRÍGUEZ, Ernesto. (1992) "El patrón migratorio cubano: cambio y continuidad", In *Cuadernos de Nuestra América*, vol.IX, nº 18, La Habana, jan-jun, pp.77-95.
- U.S Bureau of the Census. (1983) *1980 Census Population*. U.S. Government Printing Office, Washington DC.
- U.S Bureau of the Census. (1991a) *The Hispanic Population in the United States*. March 1990, Current Population Reports, Series P-20, nº 449, U.S Government Printing Office, Washington DC, pp.6,7,8,9,14,15.
- U.S Bureau of the Census, (1991b) *1990 Census of Population and Housing Summary*. Washington DC, Tape File 1A, 1C y 3A.
- U.S Department of Commerce. (1993) *Statistical Abstract of the United States 1992*, Bernan Press, Jaham, Maryland, - pp.17,382,383.
- VALDÉS, Juan. (1987) "La aculturación de la comunidad cubana en los Estados Unidos" In *Cuadernos de Nuestra América*, Vol IV, nº 7, La Habana, jan-jun., pp.160-218.
- VALDÉS, Juan y Rafael Hernández. (1983) "La estructura de clases de la comunidad cubana en los Estados Unidos" In *Cuadernos de Nuestra América*, Vol I, nº 0, La Habana, jan-jun., pp.5-35.

# EMIGRAR É PRECISO

João Rua\*

**E**ste artigo aborda o processo emigratório português enfatizando a expansão das famílias, abrindo verdadeiras redes de parentesco, tendo como centro uma pequena aldeia do Norte de Portugal. Pretende-se, a partir das causas estruturais, demonstrar as razões de saída da população portuguesa, e como Portugal transformou-se, recentemente, num país de imigração. Assim, se emigrar sempre foi necessário, parece, nas condições atuais, deixar de o ser.

## UM PAÍS MARCADO PELA EMIGRAÇÃO

Diversos fatores podem explicar o reduzido crescimento vegetativo da população portuguesa. Até meados do século XVII, as diversas epidemias, as crises de fome, as frequentes guerras e o forte movimento emigratório que a expansão ultramarina do mercantilismo desencadeou a partir do século XV, foram os responsáveis por um crescimento bastante modesto.

Desde a época dos descobrimentos, o crescimento populacional de Portugal vem sendo definido, sobretudo, pela maior ou menor intensidade da emigração. Crescimento demográfico elevado só existiu no curto período de 1931 a 1949, quando o surto emigratório foi estancado pela crise econômica que se abateu sobre os países receptores (Brasil e Estados Unidos). Também devem ser levados em consideração os efeitos da Segunda Grande Guerra como fatores inibidores do êxodo populacional.

Entre 1950 e 1970, a emigração, legal e clandestina, foi a grande responsável pela retração demográfica, ampliada pelo declínio da natalidade que se fez sentir já na segunda metade da década de 60.<sup>1</sup>

Um pequeno surto de crescimento se seguiu a partir da queda da emigração em 1973 (quando a França começou a fazer restrições à entrada de estrangeiros) e, sobretudo, com a vinda dos retornados das ex-colônias que, segundo algumas fontes, seriam cerca de 700 mil em meados de 1976, já terminados os processos de independência. A década de 80 inicia um período de declínio da emigração, recuperação econômica, diminuição do desemprego e estabilização demográfica.<sup>1</sup>

O recenseamento de 1990 apontou uma natalidade de 13 por mil; uma mortalidade de 10 por mil; uma taxa de fecundidade de 1,7 (quer dizer, 1,7 filhos, em média, por mulher em idade fértil). Aliando-se a estes dados, Portugal tem apresentado um dos menores índices de desemprego de toda a Europa o que lhe permitiu tornar-se um país de poucos emigrantes na década de noventa. Os dois fatos têm relação apenas indireta, já que os baixos índices de crescimento demográfico são devidos mais aos efeitos da emigração do que, propriamente, a transformações econômicas, ocorridas mais recentemente.

Em resumo, pode-se detectar dois nítidos "picos" no processo emigratório português, pelo menos no que diz respeito ao século XX; o primeiro nos anos anteri-

ores à Primeira Guerra Mundial; o segundo, e mais importante, desenvolveu-se a partir dos anos cinquenta, principalmente na virada dos anos sessenta para os setenta. Entre 1951 e 1960, deixaram o país 272 mil emigrantes; entre 1961 e 1970 esse número subiu para 572 mil. Estes valores dizem respeito apenas aos emigrantes legais. Calcula-se que o volume de clandestinos seja bem superior.

Desde então as cifras não param de cair e, hoje em dia, Portugal, juntamente com a Espanha, é um exemplo de país que se transformou em receptor de emigrantes idos de outras áreas, inclusive do Brasil mas, também, de Cabo Verde e de outras ex-colônias.

É interessante observar que, ao mesmo tempo que variavam os números de saída, também variavam os países de destino. Se, de início, o Brasil foi o preferido para até 90% dos emigrantes<sup>1</sup>, como antes de 1911, daí em diante, outros países começaram a aparecer em alguma importância. Embora sem atingir as cifras do Brasil, Estados Unidos, Argentina e Venezuela figuraram como países com destaque na recepção de imigrantes portugueses. A França e a Alemanha só se destacariam tardiamente, principalmente após 1950.

A partir de 1973 (quando a França e a Alemanha começaram a restringir a imigração), os Estados Unidos foram o país que mais absorveu imigrantes portugueses, seguidos do Canadá, à frente da França e da Alemanha. O Brasil não figura entre os países mais procurados desde o

início da década de 60. A título de ilustração, pode-se demonstrar que, em 1963, esse país recebeu 8.439 imigrantes, enquanto a França já recebia 13.014, se forem contados apenas os imigrantes legais, o que, como já vimos, pode significar apenas a metade dos realmente emigrados.

Apesar de todas essas transformações, Portugal continua a ser um país marcado pelo fenômeno da emigração. São as ligações entre as famílias residentes dentro e fora do país, muitas vezes divididas; são as remessas de dinheiro enviado pelos emigrantes; são os investimentos efetuados por eles em suas terras natais. Enfim, é todo um processo de modernização da sociedade forçado por esses contatos.

## A ALDEIA. O MUNDO.

Tomaremos uma pequena aldeia portuguesa, com menos de 100 habitantes em fins dos anos 40, como exemplo desse processo. Dessa aldeia, obtivemos os depoimentos de membros de uma família<sup>2</sup> que,

graças a um complexo processo emigratório, acabou por tornar-se o centro de uma intrincada rede de relações familiares, com ramificações em Lisboa, Porto, Luanda, Rio de Janeiro, São Paulo, Waterbury (EUA), Toronto, Parise Poitiers.

A famílias "Alves" começou a constituir-se quando, em 1915, no Rio de Janeiro, casaram-se o Senhor Artur e a Dona Maria, oriundos de aldeias vizinhas no Norte de Portugal. Emigraram para o Brasil, juntamente com alguns irmãos, caracterizando-se, desde então, como famílias divididas entre as aldeias de origem e o Rio de Janeiro.

Trabalhando como empregado em açougue e como empregada doméstica, o casal residiu nessa cidade até 1922, quando retornaram à aldeia do Senhor Artur (Val-de-Casas), com um pequeno "pé-de-meia" e um filho. No Rio ficaram irmãos do casal e sobrinhos. Na aldeia compraram uma casa e pequenas parcelas de terra.

Val-de-Casas, Trás-os-Montes, Norte

de Portugal na virada da década de 40 para os anos 50. O aglomerado de casas se espalhava pela encosta do vale, de onde saíam numerosos caminhos que levavam aos campos de cultivo para onde quase todos se dirigiam diariamente. O caminho principal, com melhores condições de circulação ligava esta aldeia à vila próxima, acerca de cinco quilômetros, onde se realizavam quase todas as transações comerciais além dos compromissos sociais e oficiais (compra e venda, casamentos, missas, batizados). Na vila ficava o hospital mais próximo, o banco, o médico, etc. Até hoje, esse quadro pouco mudou.

A paisagem transmontana, bastante agreste com seus campos espremidos entre os rochedos, os vales apertados e as escassas áreas planas, demonstrava uma ocupação bastante intensiva da terra. Os vinhedos se alternavam com oliveiras, campos de cereais, frutas e pastagens.

Os camponeses eram pequenos proprietários em maioria e viviam de suas parcelas (unidades de produção pertencentes a uma mesma família, mas dispersas) que, espalhadas pelos campos da região, muitas vezes apresentavam dimensões de menos de meio hectare. Eram muito raros os proprietários que conseguiram alcançar os cinco hectares de área, depois de somadas todas as parcelas. Diversos eram parceiros ou se empregavam como diaristas eventuais em terras, muitas vezes, distantes. As casas modestas denunciavam o baixo nível de vida da maioria da população.

Baseados no agregado familiar e vivendo num regime de quase total autoabastecimento quanto a bens alimentares, restavam às unidades econômicas, excedentes muito diminutos para aquisição dos bens de equipamento e de consumo não produzidos internamente. Não se beneficiando da previdência social, estas fami-

Foto: Sidnei Dornelas

Comunidade de Portugueses na França



lias tinham ainda de acumular algumas reservas para futuras eventualidades.

No centro da aldeia, até hoje, fica a capela (onde se realizam os festejos do santo padroeiro uma vez por ano), a venda, a escola e a caixa do correio que representa a ligação com o mundo exterior, principalmente com o Brasil.

## RUMO AO BRASIL

Esta ligação da aldeia com o nosso país começou a ser estabelecida, segundo nos foi relatado, no final do século XIX quando os primeiros emigrantes se dirigiram para o Rio de Janeiro "chamados" por conhecidos de aldeias vizinhas. Desde então, o fluxo foi constante, incluindo-se neste roteiro também a cidade de São Paulo. A década de 50 marcou o apogeu desse movimento e famílias se transferiram quase totalmente para nosso país. Quem vinha mandava a "carta de chamada" para parentes ou amigos. Os maridos vinham primeiro. As mulheres, vestidas de negro, verdadeiras viúvas de maridos vivos, aguardavam junto com os filhos a possibilidade de se reunir ao marido. A família "Alves" é um bom exemplo desse processo. Todos casados com homens ou mulheres de aldeias vizinhas, emigraram, primeiro os maridos, depois as esposas e filhos, deixando na "terra" apenas o Senhor Artur e Dona Maria.

É importante ressaltar que quem emigra tinha alguns recursos para bancar o deslocamento ou ter possibilidades de se endividar. Os mais pobres ficavam.

No Brasil, esses imigrantes se ocupavam de atividades de baixa qualificação, desde a agricultura até atividades urbanas ligadas ao comércio, ao transporte e à construção civil (os homens), e aos serviços de empregada doméstica, lavadeira de roupa ou costureira (as mulheres). Residiam em quartos de casas de cômodos, em "vilas" ou em morros (estes, em boa parte, ainda não ocupados pelas favelas), quase sempre tendo como vizinhos espanhóis, negros e, já na década de 50, nordestinos. Sem a barreira da língua, a integração cultural foi bastante fácil, apesar de, como todos os imigrantes, sofrerem algum tipo de preconceito, expresso nos apelidos de "galego", "burro-sem-rabo", etc. Hoje

em dia, os portugueses são mais de 400 mil somente na cidade do Rio de Janeiro e o triplo desse número no resto do Brasil, principalmente em São Paulo.

Como aconteceu com a imensa maioria dos portugueses que emigraram para o Brasil, também as cidadãos de Val-de-Casas se transferiram definitivamente para o nosso país e aqui construíram suas novas famílias, voltando à terra muito esporadicamente e apenas como visita. A década de 60 modifica todo esse panorama.

O Brasil, já apresentando um certo nível de desenvolvimento, passou a solicitar uma imigração estrangeira menos volumosa e mais qualificada. Ao mesmo tempo, os migrantes nacionais, principalmente nordestinos, eram cada vez mais direcionados para as áreas urbano-industriais do Sudeste, e não apenas para as áreas rurais.

Enquanto na década de 1951-60 o Brasil acolheu ainda 76,3% dos emigrantes lusos, a França recebeu 6,6%. Esta situação inverteu-se entre 1961-65. Nesse período, o Brasil não passou de 20,4% dos emigrantes, enquanto a França já atingia 55,4%<sup>1</sup>. Em 1957 ainda se dirigiram ao Brasil 19.931 emigrantes e apenas 3.102 para a França; em 1964, este país já recebia 32.641 enquanto aquele recebia apenas 4.929.<sup>3</sup>

## A FRANÇA, UM NOVO ELDORADO

Nessa década observava-se um espetacular crescimento econômico nos países do Centro-Norte europeu, graças aos investimentos do pós-guerra, que trouxe consigo a promoção social de suas populações e a necessidade de mão-de-obra habituada a um padrão de vida mais modesto e pouco exigente em salários, para desempenhar tarefas mais duras ou de menor produtividade. Gera-se assim uma verdadeira divisão internacional do trabalho, em que os trabalhadores pouco qualificados da orla sul e norte do Mediterrâneo vão alimentar o processo de reconstrução dos países mais ao norte. Portugal está inserido nesse gigantesco processo pela proximidade dos países receptores de mão-de-obra.<sup>1</sup>

Para se entender os elevados números da emigração portuguesa dessa época é

preciso acrescentar aos motivos econômicos de expulsão os motivos políticos e culturais. De um lado o apoio conseguido nos países de destino por familiares ou amigos lá radicados, certos aspectos psicológicos<sup>1</sup> e a tradição de sair de sua terra, criaram uma espécie de "cultura emigratória". Do outro, a ditadura salazarista repressora, provocadora de sangrenta guerra colonial, afastava todos que, para fugir do serviço militar, optavam pela emigração clandestina.

A emigração para a França oferece a vantagem de uma viagem rápida e pouco dispendiosa; assegura uma certa estabilidade no trabalho, garantida pelos contratos assinados, além de remuneração compensadora; as autoridades francesas permitem a transferência legal dos rendimentos (30% dos salários mensais para os solteiros e 60% para os casados ou tendo filhos a seu cargo); o trabalhador pode, dada a proximidade do país, visitar a família pelo menos uma vez por ano ou fazer-se por ela visitado.<sup>3</sup> Além disso, a esposa, frequentemente, parte junto com o marido. Vestidas de negro, nas aldeias, só as mulheres idosas, realmente viúvas.

Na França os portugueses têm se concentrado na periferia de Paris (Champigny, Nanterre, Aubervilliers, Colombes) e nos melhores bairros da cidade (Rive Gauche, ao redor do Bois de Boulogne e do Arco do Triunfo) onde trabalham e moram nos empregos<sup>3 e 7</sup>. Fora de Paris concentram-se em Poitiers, Lille, Bordeaux e Clermont-Ferrand. Em Colombes conversamos com um membro da família "Alves" que nos mostrou alguns aspectos da vida desses imigrantes<sup>4</sup>. Há vinte anos ele e a esposa dividem seu tempo de trabalho entre Portugal e França.

Os franceses descobriram o trabalhador português no final dos anos 50 e, principalmente, nos anos 60 quando os italianos escasseavam (envolvidos no próprio processo de recuperação econômica), quando os espanhóis preferiram a Alemanha e quando os argelinos, após a independência começaram a retornar a seu país. Os lusos foram recebidos de braços abertos pelo empresariado francês apavorado com a falta de mão-de-obra. No final dos anos 60, já havia na periferia de Paris grande quantidade de trabalhadores portugueses,

aplicados, dóceis, sem noção de sindicatos ou de outros direitos que não fosse trabalhar, capaz de dormir no chão em barracos com muitos outros trabalhadores, sem exigências, que trabalhava das 7 da manhã às 11 da noite, mas que recebia um salário compensador capaz de sustentar seus gastos mínimos e mandar para a família a maior parte do salário.

Em Paris protestava-se contra as precárias condições de vida dos trabalhadores portugueses e contra a exploração a que eram submetidos. A ditadura salazarista alarmava-se pois constava que circulavam em língua portuguesa jornais de doutrina marxista. Havia notícias de uma influência comunista acentuada nos núcleos de trabalhadores portugueses dos arredores de Paris.<sup>3</sup> A máquina do Estado português movimentou-se para assinar um acordo de trabalho com a França, o que só foi conseguido em 4 de agosto de 1963.

As remessas financeiras desses imigrantes têm constituído a maior fonte de receita de Portugal nas últimas décadas e só recentemente esta situação se modificou. Os investimentos têm sido feitos em bens supérfluos ou de ostentação, em boa parte importados. Mas também se investiu na compra de terras, na melhoria das habitações, agora chamadas de "casas dos franceses" (mais um objeto de ostentação, já que, nas aldeias, construíram-se verdadeiras "vivendas" com todas as comodidades da vida moderna). É assim que se encontra Val-de-Casas. Os velhos predominam na população local; a escola fechou. As poucas crianças que existem são recolhidas pela manhã diariamente por um ônibus do estado e levadas à escola da vila próxima onde ficam o dia inteiro. A iluminação pública, o asfalto e, sobretudo, as residências confortáveis, cobertas de telhas, em granito ou tijolo revestido, pintadas de branco ou azul, com cozinhas e banheiros modernos e persianas demonstram uma mudança radical da paisagem. Os campos, em grande parte sem produzir, têm cultivos mecanizados e trabalhadores eventuais, bem pagos, na época da colheita.

Por outro lado, um dos aspectos mais importantes do significado que assume a emigração é o seu caráter "estabilizador". A emigração é um paliativo, deixa tudo como está, ou melhor, permite que fique

tudo como está. Ocorre uma modernização conservadora sustentada pelo muito dinheiro que vem. Pouco se investe para aperfeiçoar explorações agrícolas ou criar unidades industriais de dimensão razoável.<sup>1</sup> O próprio emigrante que volta com dinheiro é também um elemento conservador, incapaz de contestar a conjuntura que o fez partir e desejoso de nela assumir lugar mais relevante.

Na França os portugueses, desde 1975, constituem a maior comunidade estrangeira, com mais de 700 mil indivíduos<sup>5</sup>; são menos desempregados do que os magrebinos, os turcos, os asiáticos e, até mesmo, que os franceses<sup>5</sup>. Hoje em dia, os portugueses, são considerados os imigrantes preferidos na França<sup>6</sup>. São cada vez mais numerosos na indústria e tendem a monopolizar os postos qualificados de trabalho na construção civil. O número crescente de casamentos com franceses, as aquisições da nacionalidade francesa, a taxa de fecundidade das mulheres portuguesas que, cada vez mais, se alinha à das francesas, são evidências dessa integração. Os anos de penúria, frequentemente passados nas "bidonvilles" parecem estar superados<sup>6</sup>.

É claro que não se pode desvincular este "caso de amor" entre franceses e portugueses do recrudescimento da xenofobia na sociedade francesa, voltada, sobretudo, contra os árabes e negros. Os portugueses são apontados como exemplo de imigrante que conseguiu se integrar com sucesso à sociedade francesa. Trabalhadores, obedientes, discretos, brancos, europeus, religiosos, católicos,<sup>8</sup> funcionam como imigrantes preferidos em relação aos demais que, atualmente, sofrem uma série de limitações, num processo de crescente exclusão social, política e econômica. Além disso, os portugueses deixaram de emigrar, o que limita o número dos que vivem na França, e não assusta a sociedade francesa com uma "maré de invasores", como se alardeia, principalmente nos partidos de direita, quando se referem aos imigrantes.

## UMA VOLTA NA HISTÓRIA

A entrada de Portugal na União Europeia, em 1986, mudou inteiramente o panorama migratório. Os grandes investi-

mentos provenientes da Comunidade contribuem para o crescimento econômico (o maior dentre os Doze no início dos anos 90) e para a diversificação da produção, principalmente nos componentes para a indústria automobilística e eletrônica<sup>6</sup>.

As transformações dos últimos quinze anos tornaram Portugal, como os outros países da Comunidade Europeia (com exceção da Irlanda), em país de imigração, reproduzindo a sua sociedade os mesmos preconceitos contra os "de fora" que os outros países mais ricos apresentam, e até recentemente apresentavam também com relação aos portugueses.

Val-de-Casas, a família "Alves" e Portugal tornaram-se relativamente prósperos quando comparados com a situação vigente na maioria dos países pobres, mas parece que não aprenderam a lição que a história da emigração lhes deveria ter ensinado. O governo português, seguindo orientação dos "ricos" da Comunidade Europeia, não mantém os compromissos assumidos em convênios internacionais e tratados bilaterais como, por exemplo, os que assinou com o Brasil em décadas passadas, que garantiriam um tratamento de reciprocidade aos cidadãos dos dois países, traduzida na igualdade de direitos e um tratamento privilegiado frente aos outros países. Este fato reforça a idéia de que, quem recebe imigrantes, está numa situação de poder, assumindo, muitas vezes, a mesma posição discriminatória que antes condenava, quando voltada contra seus compatriotas.

\* João Rua é mestre em Geografia Humana pela USP e Professor dos Departamentos de Geografia da PUC-Rio e da UERJ.

### NOTAS E BIBLIOGRAFIA

- 1- Medeiros, Carlos Alberto. **Portugal, esboço breve de Geografia Humana**. Editora Prelo, Lisboa, 1978.
- 2- Entrevista com membros da família realizada no Rio de Janeiro em junho de 1994.
- 3- Rocha, Nuno. **França, a emigração dolorosa**. Editora Ulisseia, Lisboa, 1965.
- 4- Entrevista com o senhor Avelino "Alves" em Paris em janeiro de 1994.
- 5- Bernard, Philippe. **L'Immigration**. Le Monde Editions, Paris, 1993.
- 6- Jornal **Le Monde** de 3/1 e de 4/2, Paris, 1992.
- 7- Suplemento World Media - Planeta em Movimento. **Folha de São Paulo**, 20/7/91.
- 8- Dornelas, Sidnei Marco. Os imigrantes portugueses e a devoção de Fátima em Paris, in **Travessia** nº 19, CEM, São Paulo, 1994.

## PUBLICAÇÕES DA FEDERAÇÃO DOS CENTROS DE ESTUDOS MIGRATÓRIOS "J. B. SCALABRINI"

**01 - ACONTECER MIGRATÓRIO**

Centro de Estudios de Pastoral e Asistencia Migratoria (CEPAM)  
Apartado 68827  
Caracas 1062-A VENEZUELA

**02 - ASIAN AND PACIFIC MIGRATION JOURNAL**

Scalabrini Migration Center (SMC)  
P.O. Box 10541, Broadway Centrum  
1113 Quezon City FILIPINAS

**03 - ASIAN MIGRANT**

Scalabrini Migration Center (SMC)  
P.O. Box 10541, Broadway Centrum  
1113 Quezon City FILIPINAS

**04 - DOSSIER EUROPA EMIGRAZIONE**

Centro Studi Emigrazione-Roma (CSER)  
Via Dandolo, 58  
00153 Roma ITÁLIA

**05 - ESTUDIOS MIGRATORIOS LATINOAMERICANOS**

Centro de Estudios Migratorios Latinoamericanos (CEMLA)  
Avda. Independencia, 20  
1000 Buenos Aires ARGENTINA

**06 - INTERNATIONAL MIGRATION REVIEW**

Center for Migration Studies (CMS)  
209 Flagg Place  
Staten Island, NY 10304 ESTADOS UNIDOS DA AMÉRICA

**07 - MIGRATION MONITOR**

Migration Studies and Media Center (MS&MC)  
80 Albion Street  
Surry Hills, NSW 2010 AUSTRÁLIA

**08 - MIGRATION WORLD MAGAZINE**

Center for Migration Studies (CMS)  
209 Flagg Place  
Staten Island, NY 10304 ESTADOS UNIDOS DA AMÉRICA

**09 - MIGRATIONS SOCIÉTÉ**

Centre d'Information et d'Études sur les Migrations Internationales  
(CIEMI)  
46, rue de Montreuil  
75011 Paris FRANÇA

**10 - STUDI EMIGRAZIONE**

Centro Studi Emigrazione-Roma (CSER)  
Via Dandolo, 58  
00153 Roma ITÁLIA

**11 - TRAVESSIA Revista do Migrante**

Centro de Estudos Migratórios  
Rua Vasco Pereira, 55  
01514-030 São Paulo - SP BRASIL

# SEJA UM COLABORADOR

**T**ravessia está aberta à publicação de artigos de pesquisadores e estudiosos que analisam a realidade em que o migrante está envolvido, a partir dos diferentes ramos do conhecimento:

social, político, cultural, econômico, antropológico, educacional, etc.

A revista destina-se, fundamentalmente, a um público intermediário; quer ser uma ponte entre a produção acadêmica e a produção popular. Se for do seu interesse, envie artigos para a redação, obedecendo aos seguintes quesitos:

Os artigos devem enquadrar-se, na medida do possível, dentro do tema geral de cada número, previamente anunciados;

Clareza de linguagem e simplificação dos conceitos;

Os artigos devem ser inéditos;

Máximo de 15 laudas de 20 linhas com 70 toques;

Intercalar o texto com intertítulos;

Breve identificação do autor e endereço com telefone para eventuais contatos;

Obedecer aos prazos para o envio das matérias, conforme estipulado ao lado.

O Conselho Editorial reserva-se o direito de submeter os artigos à sua apreciação

## PRÓXIMOS LANÇAMENTOS

**TRAVESSIA Nº 22**  
**MIGRAÇÃO DE**  
**RETORNO**  
(MAI-AGO/95)  
Prazo para  
envio  
dos artigos:  
(10/01/95)

**TRAVESSIA Nº 23**  
**MIGRAÇÕES E**  
**METRÓPOLES**  
(SET-DEZ/95)  
Prazo para  
envio  
dos artigos:  
(10/05/95)

**TRAVESSIA Nº 24**  
**ÍNDIOS E**  
**TERRITÓRIO**  
(JAN-ABR/96)  
Prazo para  
envio  
dos artigos:  
(10/09/95)



**Número de Habitantes**

Capitais	Cidades
□	○ mais de 5 milhões
■	● mais de 1 milhão
◻	◉ menos de 1 milhão

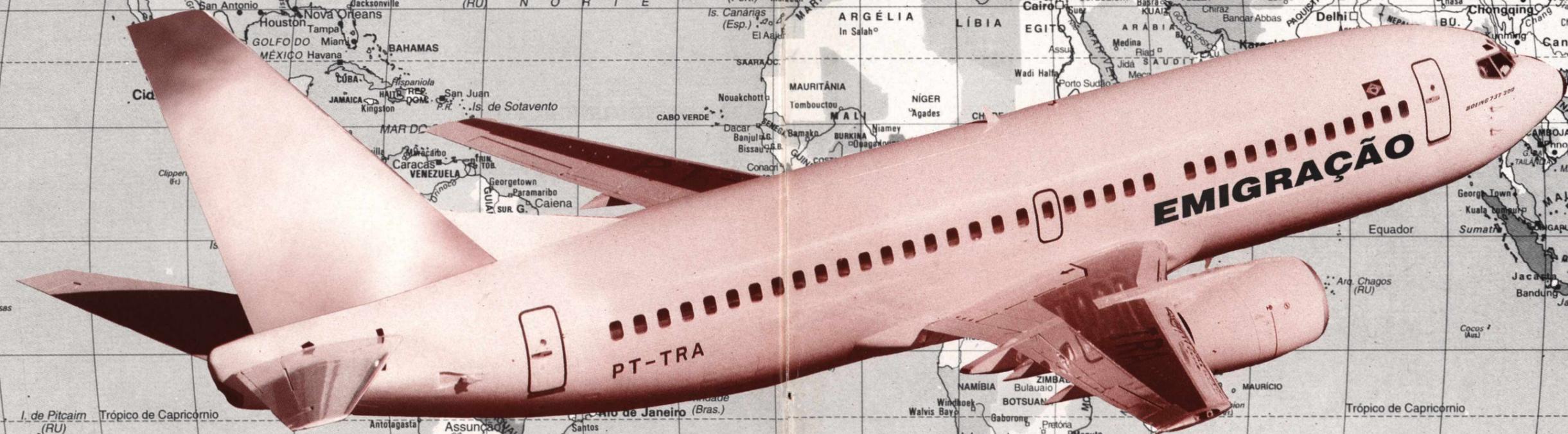
As cores usadas para indicar os países não têm conotação política

165° 150° 135° 120° 105° Oeste de Greenwich 75° 60° 45° 30° 15°

# TRAVESSIA

revista do migrante

Publicação do CEM - Ano VIII, número 21, Janeiro-Abril/95



Numero de Habitantes  
Capitais    Cidades  
□    ○ mais de 5 milhões  
■    ● mais de 1 milhão  
◻    ◉ menos de 1 milhão

As cores usadas para indicar os países não têm conotação política

1:70 000 000  
(45° N & S)

165° 150° 135° 120° 105° Oeste de Greenwich 75° 60° 45° 30° 15° Meridiano de Greenwich 15° 30° 45° 60° 75° Leste de Greenwich 105° 120° 135° 150° 165°